



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

CÉSAR AUGUSTO PINTO RIBEIRO

Ser Pessoa: um itinerário reflexivo sobre a
problemática da deficiência.

(no 6º Ano de Escolaridade)

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

Mestre Cristina de Sá Carvalho

Professor Doutor José Manuel Pereira de Almeida

Lisboa

2013



INTRODUÇÃO.....	4
Iª PARTE	8
A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA, DA LECCIONAÇÃO À PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DA PESSOA HUMANA (NO ÂMBITO DA UNIDADE LECTIVA 1)	8
1 - A ESCOLA PEDRO D`OREY DA CUNHA	8
2 - O GRUPO DE TRABALHO, COOPERAÇÃO.	10
3 - DÚVIDAS E EXPECTATIVAS.....	12
4 - A TURMA	13
5 – O DESAFIO DE SER PROFESSOR, UMA APRENDIZAGEM	14
6 - ASSISTIR E AVALIAR AS AULAS UNS DOS OUTROS.....	16
7 - O MANUAL DO ALUNO	16
8 - DA PLANIFICAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS	19
IIª PARTE	23
SER PESSOA: UM ITINERÁRIO REFLEXIVO SOBRE A PROBLEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA.....	23
1 – SER PESSOA: NUMA DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA.....	23
1.2 – A PESSOA NA CIVILIZAÇÃO GRECO-ROMANA: QUEM É PESSOA? O QUE É SER PESSOA?.....	26
1.2.1 – NA GRÉCIA.....	26
1.2.2 – EM ROMA.....	28
2 – SER PESSOA: NUMA DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA CRISTÃ.....	30
2.1 SER PESSOA: POR INFLUÊNCIA CRISTÃ	32
2.1.1 DAS ORIGENS BÍBLICAS	33
2.1.2 NOS “MOMENTOS” DA PATRÍSTICA	33
2.1.3 NA TEOLOGIA MEDIEVAL.....	35
2.1.3.1 EM SÃO TOMÁS	36
2.1.4 COM A TEOLOGIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA	41
2.1.5 NO CONCÍLIO VATICANO II	43



3 – A PESSOA COM DEFICIÊNCIA	45
3.1 QUAL É O SIGNIFICADO DA PALAVRA DEFICIENTE?	46
3.2 QUEM É CONSIDERADO DEFICIENTE.	48
3.3 A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E A RELAÇÃO COM O MEIO ENVOLVENTE... ..	49
3.3.1 O ESTIGMA DA DIFERENÇA NA SOCIEDADE.	50
3.4 – A DIGNIDADE DA PESSOA	54
3.4.1 AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CIDADÃOS DE PLENO DIREITO	56
4 – O QUE É A EDUCAÇÃO!	58
4.1 A CONCEPTUALIZAÇÃO DO TERMO EDUCAÇÃO.	59
4.2 A ESCOLA.....	60
4.3 UMA ESCOLA PARA TODOS E PARA CADA QUAL!.....	63
5 – O CONTRIBUTO DA DISCIPLINA DE EMRC PARA A FORMAÇÃO DA PESSOA NA ESCOLA.	66
IIIª PARTE	70
PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DA PESSOA HUMANA (SER PESSOA: UM ITINERÁRIO REFLEXIVO SOBRE A PROBLEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA).....	70
1 – DA LECIONAÇÃO DA UL 1 SOBRE A PESSOA HUMANA A UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DO SER PESSOA.	71
2 – PROPOSTA DE EDUCAÇÃO SER PESSOA	73
2. 1 – TRAJETO	73
2. 2 – OBJETIVO	74
2. 3 – ESTRATÉGIAS.....	74
2. 4 – COMPETÊNCIAS	75
3 – DA PLANIFICAÇÃO À PERSPETIVA GERAL DA UL1	78
4 – PROPOSTA DE CONTEÚDOS PARA PLANIFICAÇÃO DAS AULAS DA UL1	79
AULA Nº 1 - A DIGNIDADE DO SER PESSOA	79
AULA Nº 2 - A PROCURA DA DIGNIDADE DE SER PESSOA	79



AULA Nº 3 - EU O OUTRO E AS TRANSFORMAÇÕES FÍSICAS (DIMENSÃO BIOLÓGICA).....	80
AULA Nº 4 - SOU UMA PESSOA, DE RELAÇÃO, QUE SE RELACIONA COM A PESSOA DO OUTRO (DIMENSÃO SOCIAL).....	80
AULA Nº 5 - A RELAÇÃO COM OS OUTROS NUM DIÁLOGO DE SINCERIDADE (DIMENSÃO COMUNICACIONAL).....	81
AULA Nº 6 - EU E A MINHA SEXUALIDADE (DIMENSÃO SEXUAL).....	81
AULA Nº 7 - DEUS É FONTE DO AMOR E DO SER HUMANO (DIMENSÃO ESPIRITUAL).....	82
5 – AVALIAÇÃO	82
6 – QUADRO DA PLANIFICAÇÃO	83
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92
ANEXOS.....	97



Introdução

Se for como muitos outros, nada mais haverá a dizer! Tenho a necessidade de ter consciência que começarei uma nova fase da minha vida. Comecei este trabalho, enquanto professor, nesta disciplina com um sentimento de entusiasmo e desafio, mas sem nunca deixar de ter algumas apreensões.

É necessário ter em conta que a execução e pressuposta exposição de um trabalho relembra a fragilidade e o medo de quem nessa tarefa se coloca, pois “dissecar” unidades letivas de EMRC, neste contexto do 6 ano, é consciencializar-se da pequenez daquele que se abalança nessa tarefa. A partilha dos trabalhos tem sempre a virtude de nos fazer crescer, mas pode-nos ter colocado num destino sem saída. Uma compreensão errónea pode-nos levar para uma encruzilhada, contudo, é simultaneamente assumido com a maior das convicções.

Já lá vai muito tempo que tomei a decisão de ser professor, mas consciente dos desafios que hoje enfrenta tal classe. “A escola é vítima do fogo cruzado das instâncias mais diversas que clamam contra a sua falência e inoperância. Aparentemente divorciada da sociedade atual, vive o momento de grande indefinição e vê a sua ação dificultada pela manifesta falta de diálogo com uma instituição que lhe deveria servir de retaguarda, isto é, a família, ela própria mergulhada numa grave crise de identidade”¹ Mas “o ensino pode proporcionar uma ótima e gratificante carreira a todos aqueles que sejam capazes de responder aos desafios intelectuais e sociais que coloca”².

A possível tomada de arrojo pela vocação de professor, deveu-se, principalmente, a alguns dos professores e ensinamentos que permearam a minha educação. Enquanto professor, convivo quotidianamente com as realidades da escola. Sou o primeiro a dar-me conta da crise com que esta se debate. Sem nunca esquecer que, nesta realidade de mutação contínua, cada vez mais, tenho necessidade de estar na escola, numa atitude de “ensino – aprendizagem”. As escolas de hoje, “precisam que os professores tenham um repertório de estratégias de ensino eficazes, que lhes permitam satisfazer as necessidades de cada criança”. O processo de aprender a ensinar, “explica como os professores em início de carreira podem começar o processo de se tornarem professores eficazes, aprendendo a utilizar um conjunto de

¹ BÓIA, José M. P. *Educação e Sociedade, Neoliberalismo e os desafios do futuro*, Edições Sílabo, Lisboa, 2003, p. 13

² ARENDS, R. I. *Aprender a Ensinar*. Tradução A. Faria. 7ª ed. Madrid, Editora McGraw-Hill, 2008. p. 4



conhecimentos sobre o ato de ensinar, a acumular a sabedoria da prática e a refletir sobre as suas experiências”³.

“Não se entende a aproximação do professor aos jovens, como um certo apagamento da sua própria personalidade. Um dos riscos que se coloca ao professor é, sem dar por isso, tornar-se um pouco adolescente. O seu desejo de aproximação pode levá-lo a atitudes e situações reveladoras de uma quase “regressão psicológica”, profundamente nefasta para a relação pedagógica. Pelo contrário, as diferenças entre o professor e o jovem devem ser mantidas: é o que se designa por alteridade na relação educativa.

Torna-se necessário, para o sucesso do ato educativo, que o professor assuma as suas escolhas profundas e que consistiriam naquilo que agora é face aos jovens. Por outras palavras, o professor não tem que procurar identificar-se com os jovens, mas, por aquilo que é, possibilitar aos jovens o desenvolvimento do seu processo de identificação estruturante da personalidade”⁴

Este Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada tem como tema “Ser Pessoa: um itinerário reflexivo sobre a problemática da deficiência” (no 6º Ano de Escolaridade). Este tema nasce da lecionação que fiz da UL⁵ sobre “A Pessoa Humana” ao longo do ano da PES⁶.

A razão que me levou a desenvolver este tema, foi por um lado a perceção que o manual faz ao abordar da dimensão da diferença/deficiência de uma forma estanque e descontinua em relação aos restantes temas da unidade e assim aprofundar os conteúdos, conhecimentos pedagógicos e planificação numa unificação. Como tal, pareceu-me necessário clarificar e acrescentar alguns conteúdos, que me pareciam importantes, para ajudar os alunos a terem conceitos mais abrangentes sobre a pessoa e as suas diferenças, para que no seu dia-a-dia pudessem fazer escolhas acertadas e responsáveis em relação ao contato com o outro. Por outro lado, verificar que as escolas estão pouco ou nada preparadas para receber alunos, com particularidades distintas do funcionamento normal, como acessibilidades ou aceitação do diferente no contexto do grupo da turma. Juntamente com este ponto, o fascínio pessoal, pelo estudo de tudo o que diz respeito à pessoa e às suas características e à vivência pessoal particular da dimensão da deficiência.

³ ARENDS, R. I. *Aprender a Ensinar*, Tradução A. Faria. 7ª ed. Madrid, Editora McGraw-Hill, 2008, p. 4

⁴ GOMES, P. Miguel Ângelo, *Ensino Religioso Escolar* - in, FORUM do ENSINO RELIGIOSO em PORTUGAL, Pessoa Cultura Fé – nº 1, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, p.83

⁵ Unidade Letiva 1

⁶ Prática de Ensino Supervisionada, na Escola Pedro D'Orey da Cunha, no concelho da Amadora, Damaia, na Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).



Necessário procurar referências bibliográficas que apoiassem o trabalho a desenvolver. A procura tornou-se um grande desafio, com um destino traçado, nem sempre as necessidades tinham resposta, verifiquei nesta azáfama trilhada que há muita investigação, mas pormenorizando sempre uma ou outra característica da pessoa, que não era o objetivo.

Este relatório final é constituído por três momentos bem destintos, que podem ser abordados na integridade deste trabalho, mas também podem, se necessário, serem trabalhados individualmente.

No primeiro momento, começo por descrever o que foi a minha atividade na docência da disciplina de EMRC, na lecionação da UL1 “A Pessoa Humana”, ao longo do ano da PES, na escola Pedro D’Orey da Cunha. Bem como o trabalho de grupo realizado ao longo desse ano e da turma que me calhou em sortes.

No segundo momento apresento a base teórica necessária para trabalhar a unidade. Este segundo momento está dividido em cinco pontos, começo por fazer a evolução do termo pessoa, o que era considerado pessoa e quais os seus constituintes. No primeiro ponto começo por apresentar o pensamento da pessoa no contexto greco/romano, distinguindo-os. No segundo ponto abordando o contexto da filosofia cristã e tentando abordar a influência do pensamento cristão ao longo de décadas até ao Concilio Vaticano II. No terceiro ponto abordei a dimensão da pessoa com deficiência e a sua dignidade. No quarto ponto o papel da escola na integração e educação da pessoa e o papel da disciplina de EMRC, quinto ponto.

São desenvolvidos neste segundo momento do trabalho os conteúdos necessários para o desenvolvimento do tema.

A partir daqui, nasce o terceiro momento deste trabalho, uma proposta de lecionação da UL1, reformulando a unidade a sete aulas. O objetivo é que os alunos se relacionem com cada um e cada qual na sua totalidade e não nas características. Ajudando os alunos a terem uma compreensão da pessoa englobante, de forma a compreenderem as várias realidades sociais com um pensamento crítico e livre desagrilhado do senso comum, adquirindo competências capazes de formular opiniões e gestos construtores de amor/solidariedade/corporeidade social no meio que os envolve.

É neste contexto de que “educar os jovens, é aceitar o permanente desafio da provocação” , que foi feita a reflexão que me trouxe até este momento, sendo de grande aprendizagem para o futuro do ser professor. Com este percurso, tomo consciência que adquiri mais frescura, para compreender as vicissitudes do processo ensino aprendizagem.





Iª PARTE

A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA, DA LECCIONAÇÃO À PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DA PESSOA HUMANA (NO ÂMBITO DA UNIDADE LECTIVA 1)

1 - A Escola Pedro D`Orey da Cunha

A escola, plenamente inserida no meio social que a envolve, sente o efeito das comunidades que nela se inserem. Os seus membros participam e comungam de todos os seus princípios. “Sabemos que todos os sistemas sociais são complexos e que a evolução rápida das sociedades provoca incertezas, próprias de cada contexto, a que a Escola e a comunidade educativa não podem ficar alheias”⁷.

A escola torna-se um espaço privilegiado, onde saberes intelectuais e experiências, de vida, coabitam num esforço comum. Para o desenvolvimento do espírito crítico e do sentido dos valores, ela contribui decisivamente para a formação da matriz cultural das pessoas, professores e alunos, prepara para a vida social e profissional ativa e, assim, possibilita atitudes, gestos, ações de convivência, de relação ou de participação.

É neste conjunto de aspetos que, professores, funcionários, alunos, encarregados de educação e demais agentes educativos, estão envolvidos e responsabilizados na tarefa de ser escola. “Cada um tem de assumir as suas obrigações: começando pelo Estado, que deve reforçar o seu compromisso com a escola pública, afastando quaisquer tendências neoliberais e no respeito da autonomia da escola e de toda a comunidade educativa, continuando pelas famílias que devem valorizar a ideia de educação e incentivar o estudo dos seus filhos e pelos profissionais da educação, que devem aumentar o compromisso responsável com os alunos, de forma a termos uma educação da responsabilidade de todos na vida da escola, tornando-se, assim, a educação uma responsabilidade social.

A autonomia da Escola é uma via fundamental para assegurar um serviço público pautado pela qualidade, adequado aos contextos específicos do Agrupamento de Escolas e aos desafios de mudança e inovação que se lhe apresentam, tornando facilitadora a aposta em caminhos diversificados de educação e prosseguindo uma

⁷ ESCOLA PEDRO D' OREY da CUNHA, *Projecto Educativo*, Introdução, 2011-2012.



estratégia orientada para a melhoria da educação, respeitando o Projeto Educativo do Agrupamento e a especificidade de cada escola⁸.

Segundo Perrenoud, “a eficácia da ação pedagógica dependerá cada vez mais da capacidade dos professores em desenvolver respostas diferenciadas frente à heterogeneidade dos alunos e à complexidade do seu contexto de trabalho”⁹.

É nesta realidade física que, todos os medos e receios, vão ser vividos morosos minutos da minha realidade. É neste contexto de sentimentos que a minha formação, enquanto professor de EMRC, se desenvolve. Já lá vai muito tempo que, o sonho de engenharia mecânica, se esbateu com a realidade do ensino de EMRC.

A formação que fui recebendo, solidariamente, dos professores orientadores é um contributo crucial para o sucesso da do ensino aprendizagem. O desafio, desta continua ação em formação, foi responder aos novos desafios que, sociais e científicos, eram “interpelados” pelos meus formadores e que exigiam respostas eficazes, em tempo e espaço reais e num âmbito desconhecido, a escola Pedro D’ Orey da Cunha.

Num curto espaço de tempo, enquanto professor, passei da agitação abdominal do miudinho incontrolável das incertezas da tarefa do professor, para a capacidade de puder dar, as atais, respostas enquadradas pela necessidade da formação.

A prática pedagógica surge como, primeiramente, uma imposição, mas com os desafios, descobertos, tornou-se um acumular de conhecimentos e atitudes plausíveis para o ato do ensino aprendizagem. A atitude, inserida, na formação de prática pedagógica, tem como perspetiva dar resposta a pensamentos tais como o do ARENDS que diz que a escola “também requer pessoas que sejam capazes de produzir resultados, sobretudo ao nível da realização escolar e da aprendizagem social dos alunos. Que tenham qualidades pessoais, base de conhecimentos, justiça social, repertório de práticas de ensino e reflexão e aprendizagem ao longo da vida”¹⁰.

A definição prioritária faz-se, assim, em termos de saberes em ação ou competências. Entrei na escola, Pedro D’ Orey da Cunha, com uma disposição derrotista. Com a experiência que decorria de alguns anos de ensino, permiti-me pensar que seria tempo “obsoleto”, termino, o ano, dando graças a Deus por ter encontrado quem encontrei nesta formação e principalmente a escola que me permitiu que crescesse enquanto professor, mas principalmente, enquanto homem.

⁸ Cf. ESCOLA PEDRO D’ OREY da CUNHA, *Regulamento Interno*, Introdução. 2011-2012

⁹ ESCOLA PEDRO D’ OREY da CUNHA, *Regulamento Interno*, p. 24.

¹⁰ ARENDS, R. I. *Aprender a Ensinar*, Tradução A. Faria. 7ª ed. Madrid, Editora McGraw-Hill, 2008, p. 17



2 - O Grupo de Trabalho, Cooperação.

“Como ensinar crianças e adolescentes cujo capital cultural e linguístico não os predispõe para o sucesso e lhes limita o exercício responsável e democrático da cidadania?

Como dar então sentido à escola evitando o abandono e o insucesso escolar?

Como valorizar e reforçar a profissionalidade docente cada vez mais chamada a “agir na urgência e decidir na incerteza”, especialmente quando a formação inicial não prepara para lidar com a diversidade nem para gerir situações de conflito, decorrentes dos interesses e valores dos diferentes grupos sócio culturais?”¹¹

Estas questões, retiradas do regulamento interno, em nada ajudam o grupo no seu labutar semanal. Pelo contrário, levantam desafios, provocações, incitações, tentações e, principalmente, dúvidas na capacidade de alcançar o objetivo a que nos propomos.

Estes desafios arrastam um sentimento de empenhamento e motivação para a autoformação em pares. Em algum momento podemos ter como certeza que a heteroformação será viável, ou mesmo, condutor deste desafio que se coloca.

O grupo de quatro elementos, novos a uma realidade já desenvolvida, foi devidamente acolhido pelos elementos “pedagógicos” da escola, bem como pelos quatro elementos do grupo disciplinar de EMRC.

Pelas várias intervenções das novas realidades, dá para entender o espírito motivador presente na escola. “A criação de um clima acolhedor e propiciador das aprendizagens passa pela redução e gestão adequada das situações de conflito, problema que hoje afeta a grande maioria das escolas. Agir com justiça, sem discriminação e de forma a resolver os problemas relacionais do dia-a-dia é um objetivo abrangente de onde derivam todos os que respeitam às aprendizagens”¹².

“Estabelecer boas relações de trabalho com os colegas é um desafio importante para um professor principiante. Ser bem-sucedido neste esforço requer uma compreensão de normas importantes que governam a colegialidade e as ações específicas que se podem levar a cabo.

Quando os professores principiantes entram na sua primeira escola, devem ter presente as normas que vão governar muitas das relações entre eles próprios e os seus colegas... Os professores principiantes vão perceber que podem pedir ajuda aos colegas...

¹¹ ESCOLA PEDRO D' OREY da CUNHA, *Regulamento Interno*, p. 3.

¹² ESCOLA PEDRO D' OREY da CUNHA, *Regulamento Interno*, p. 24.



Um professor principiante pode tornar a iniciativa de procurar os professores e promover este tipo, discussão e colegialidade, de interação. Os debates podem levar à troca de materiais.”¹³

É neste contexto que se desenrolou a viagem, da Prática de Ensino Supervisionado. “Aventura dos quatro” rapidamente se esbateu em esforço e cooperação. As ideias coletivas surgiam como estrelas em céu limpo.

As circunstâncias da “aventura dos quatro” não favoreciam nenhum. Dadas as coordenadas, que nem capitão, pelo professor cooperante, lá iniciamos os desafios.

A ajuda vinha de todos os cantos, bem como os desafios, os professores iniciantes, como nomea Arends, eram também de EMRC, uma disciplina, dado o esforço de outros, com identidade própria na escola.

A interajuda permitiu a troca de materiais, bem como, o desenvolvimento e melhoria dos mesmos. Todos os métodos e meios eram permitidos, não houve restrições para a troca de conhecimentos. Os saldos, tarifários, foram sentindo a relação existente dos elementos do núcleo da PES.

Facilmente, assistíamos ao desenvolvimento dos materiais, bem como, à sua aplicação nas turmas que nos saiu em sortes.

A relação de trabalho com os elementos do grupo foi uma consistência que aconteceu de configuração concreta, real, corpórea, material, etc.

Termino com um pensamento de Sá Carneiro:

“Abriu-se agora o salão

Onde há gente a conversar.

Entrei sem hesitação ---

Somente o que se vai dar?

A meio da reunião...,”

Mário de Sá-Carneiro in “Torniquete”

Eram assim as reuniões do núcleo. De tudo se conversava. De enriquecimento cultural, éramos abastecidos, como bebé que se alimenta na sua mãe, também nós nos alimentávamos em sabedoria que, das interlocuções “aladas”, discorria das conversas cruzadas.

Chegando o final do ano letivo, sentimento de aventura, dos quatro, realizado, mas com saudade do tempo passado, no início com culpa de morosidade, no fim com sentido de ligeireza. Olha-se para traz, mas já acabou... ficam as saudades das

¹³ ARENDS, R. I. *Aprender a Ensinar*, Tradução A. Faria. 7ª ed. Madrid, Editora McGraw-Hill, 2008, pp. 490 e 491



relações construídas, do trabalho partilhado, da ligeireza das controvérsias construtivas.

3 - Dúvidas e Expectativas

“Há dias em que julgamos que todo o lixo do mundo nos cai em cima depois ao chegarmos à varanda avistamos as crianças correndo no molhe enquanto cantam... quando cheguei a ser luminosa presença da graça”

Eugénio de Andrade Há Dias

A dúvida estava instalada, as incertezas cresciam no âmago do nosso coração. De nada servia a experiencia alcançada, pela vida, durante anos.

Uma certeza passava pelos maus pensamentos, principalmente por informações adquiridas de outros ex colegas na situação, a de que ia ter muito trabalho pela frente. Mas sem esforço nada se alcança e, com orgulho, o sabor da vitória tem outro alcance.

A realidade que me encontrava a enfrentar nunca tinha sido experimentada. Nunca tive a necessidade de demonstrar e, principalmente, de fazer prova do meu trabalho. A existência escolar, neste contexto, seria novidade. Teria, como refeição de camaleão, os olhos todos virados para mim. As aulas seriam acompanhadas e, sistematicamente, avaliadas pelos professores, quer o cooperante quer pelos orientadores, bem como pelos colegas de núcleo. A presença de pares e de superiores a mim, na campanha, fazia-me criar sensações de incapacidade. Os receios surgem como a sede durante as aulas.

Neste turbilhão de emoções, quase não tive tempo de me familiarizar com o espaço físico da escola, fomos para a sala de aula da turma do 6º C. Apresentados aos alunos, apercebemo-nos, eu e o Gustavo, do “campo de batalha” durante um ano.

Fica o brio de saber que, os alunos que se apresentam à nossa frente, demonstram uma ânsia de saber. Como diz Torga:

“O que é bonito neste mundo, e anima,

É ver que na vindima

De cada sonho

Fica a cepa a sonhar outra aventura...”

Miguel Torga in “Confiança”

Tal como cepa, a turma apresenta-se por podar, no 6º ano, para depois de um percurso vivido, resplandecer em fruto suculento. Esta é a parra da diária, mas as



dúvidas, expectativas e dificuldades nunca abandonaram o meu íntimo. Mas, lancei “mãos à obra” e tudo foi sucedendo e, a cada terça-feira que passava, com a alegria e apoio do grupo, professor e pares e alunos, as confusões, as incertezas, as dúvidas e inseguranças foram desaparecendo.

4 - A Turma

*“...mas nesse manto que desfia,
e que depois voltas a pôr,
eu reconheço os melhores dias
do nosso amor.”*

David Mourão-Ferreira Penélope

Em relação aos alunos, para além do que foi dito nos relatórios das unidades, foi uma grande surpresa. Esta deveu-se por ter verificado que, a inscrição dos alunos na disciplina de EMRC, era na turma de 100%. Nota-se que, pelos números apresentados pelas várias turmas, a disciplina de EMRC está no ceio da escola, com a devida importância. Os pais, no processo ensino aprendizagem, veem a disciplina como uma força para a construção do projeto de vida dos seus filhos.

O primeiro impacto foi verificar que a turma é multicolor, espelhando as culturas abrangentes à escola, como é relatado no projeto educativo nas páginas 4 a 9.

Uma turma bastante heterogênea, espelhando o próprio da adolescência e do crescimento na curiosidade.

Cada aluno que entra na sala de aula, é uma pessoa única. Tem a sua história, a sua circunstância, a sua família, por vezes a falta dela. Cheio de interrogações, dúvidas, medos, mas também cheio de generosidade, vontade de amar. Situações, suposições, próprias da idade dos alunos.

Os alunos demonstram uma ânsia na procura de valores que os orientem, como bússola, lhes mostrem o norte dos desafios do 6º ano letivo.

Os alunos, cooperantes, demonstram alegria nos momentos de experiências solidárias, de preocupação com os outros.

Terminado o trabalho, posso afirmar, que todos evoluímos pela interação vivida. O barco foi a bom porto, com ajuda de todos os marujos.

“Não se perdeu nenhuma coisa em mim



...E através de todas as presenças

Caminho para a única unidade.”

Sophia de Mello Breyner Andresen in “Não se perdeu nenhuma coisa em mim”

5 – O desafio de Ser Professor, uma Aprendizagem

O maior desafio do professor é saber acolher, principalmente, ter consciência que deve ser capaz de fazer com que cada aluno se sinta acolhido. Individualmente, cada aluno, tem de perceber que o professor está disponível, quer dentro da sala de aula, bem como nos momentos fora dela.

Ser professor é “perder” tempo, para ganhar, com os alunos. O professor tem que criar condições para que as relações sociais e intelectuais, aprendizagens, aconteçam.

“O que os alunos necessitam é da escuta do educador. Sentindo-se compreendidos e aceites, os alunos abrem-se então, enchem-se de coragem e retomam o caminho. Mas repare-se bem: compreensão não significa substituição nem desistência. O professor não substitui o aluno, não o dirige, não lhe diz que desista, aceita-o na sua dificuldade; e é esta aceitação que dá ânimo ao aluno para autonomamente prosseguir o trabalho”¹⁴.

O papel do professor, cabe num espaço, que lhe é limitado, de encorajar os alunos a participarem na vida escolar e, também, no ambiente que os rodeia. O professor pode ser aquele elemento que, feliz ou infelizmente, clarifica dúvidas, problemas, dá assistência na interpretação das mudanças, pessoais e sociais, aconselhando, mas não substituindo, mas sim estimulando o raciocínio. O professor, como elemento de ligação entre a realidade e a imaginação, ajuda os alunos a encontrarem o rumo para o sentido da vida e das coisas, a colocar todas as áreas de saber no seu devido local.

O professor não pode ser o espelho do aluno, se o for, seja pelo exemplo nos valores que é pautada a sua vida. O professor pode ser o maestro mas não o músico.

Esta semelhança à orquestra deve-se porque, “no centro do processo de aprender e ensinar estão as perspetivas sobre o modo como as crianças aprendem, os principais objetivos do ensino e as definições do que é um professor eficaz. Os

¹⁴ CUNHA, Pedro D' Orey, *Ética e Educação*, UCP, Lisboa, 1996, p. 63.



objetivos do ensino numa sociedade complexa são variados, e há muito tempo que muitos tentam definir o que é um professor eficaz... alguns têm definido que o professor eficaz é aquele que é capaz de estabelecer uma relação de afinidade com os seus alunos num ambiente de incentivo e preocupação com o seu desenvolvimento pessoal. Outros têm definido um professor eficaz como uma pessoa que tem amor pela aprendizagem... e capacidade para transmitir essa matéria aos alunos de forma eficaz. Existem ainda aqueles que defendem que um professor eficaz é aquele que consegue canalizar a energia dos alunos, para que trabalhem com vista a uma ordem social mais justa e humana. Os cidadãos que compõem uma sociedade diversificada e complexa, como a nossa, esperam que as suas escolas alcancem muitos objetivos diferentes. As perspetivas sobre o modo como as crianças aprendem e as definições de professor eficaz são centrais para aprender a ensinar. Alguns objetivos surgem na imprensa regular: ensinar competências académicas básicas, aumentar a auto-estima dos alunos, preparar os alunos para a universidade, promover a compreensão global, preparar os alunos para o mundo do trabalho, transmitir a herança cultural, ... para o aprender a ensinar a principal finalidade do ensino, é ajudar os alunos a tornarem-se independentes e auto-regulados. Esta finalidade principal deriva de duas premissas subjacentes. A primeira é a perspetiva contemporânea de que o conhecimento não é completamente fixo e transmissível, mas é algo que todos os indivíduos, alunos e adultos, devem construir ativamente através de experiências sociais e pessoais. A segunda é a ideia de que a coisa mais importante de que todos os alunos devem aprender é como aprender. O ensino eficaz requer, professores, pessoas que sejam competentes, dominem as matérias e que se preocupem com o bem-estar das crianças e dos jovens”¹⁵.

A construção do projeto resulta do percurso que se trava e no encontro do nós com o nós dos alunos. Mas para fazer o itinerário, o professor tem que, se apetrechar com as devidas armas, para o seu campo de batalha.

Cada um, no seu próprio ritmo, começa a encontrar respostas concretas para as suas dúvidas e incertezas. O professor começa a compreender que, não pode ser de ânimo leve, o seu lugar no mundo é especial e essencial para os outros. Com um esforço premiado o professor descobre a sua identidade e principalmente o seu ser de professor. É necessário o querer e como diz Fernando Pessoa:

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce...”

Fernando Pessoa, in Mensagem, o Infante.

¹⁵ ARENDS, R. I. *Aprender a Ensinar*, Tradução A. Faria. 7ª ed. Madrid: Editora McGraw-Hill, 2008, p. 16-17
Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada - UL 1 “A Pessoa Humana”



6 - Assistir e Avaliar as Aulas uns dos Outros.

A primeira aula assistida pelos colegas do núcleo, foi a minha, na turma do 6º C. os nervos eram demais.

Após o decorrer da aula, foi realizada a avaliação da mesma em agrupamento do núcleo. A convite, do professor cooperante, os colegas teciam os comentários necessário e propositados. Cada um refletia segundo a sua experiência.

Além da reflexão dos pares, realizava-se um olhar introspetivo sobre os materiais desenvolvidos, bem como das planificações.

A segunda aula assistida foi a do Afonso, no horário era mais tarde.

Este cenário foi-se repetido durante o processo de formação

Mas com o desenrolar do processo, com uma robustez alcançada pela prática, as dúvidas foram-se desanuviando, os sentimentos de segurança brotando. As reflexões deixaram a mera avaliação, para o florescer de pensamentos mais abrangentes do ser professor de EMRC. Pelo exemplo do professor cooperante, verificamos que não pudemos ficar, simplesmente, amordaçados ao programa que nos é oferecido e colocado como alfaia de trabalho.

As reflexões, tal como ave a dar os primeiros voos, levaram-nos para lugares nunca por nós percorridos.

7 - O Manual do Aluno

Como qualquer outra disciplina, a EMRC tem um programa e método que lhe diz respeito.

Em reunião do núcleo da prática de ensino supervisionado, ficou decidido que o Manual do Aluno e o Caderno do Aluno seriam a base do nosso labor.

Surtidas as turmas de trabalho pelos membros da PES, em sortes, com o colega Gustavo, tenho o 6º ano para trabalhar.

Quanto ao programa para trabalhar, fiquei com as Unidades Letivas 1, “**A PESSOA HUMANA**” e 3 “**A FAMÍLIA COMUNIDADE DE AMOR**”. Enquanto o colega Gustavo ficava com outras duas, intervaladamente.

Tendo em conta, que o manual está formalizado em conteúdos, foi pedido pelo professor cooperante que se fizesse uma leitura global do programa e dirigíssemos os



conteúdos, de forma a desenvolver, criativamente, as competências respetivas nos alunos.

Para a Unidade Letiva 1, “**A PESSOA HUMANA**”, o professor cooperante salientou a necessidade da dignidade da pessoa humana.

“A educação tem como objetivo o desenvolvimento da personalidade e da vida de relação da pessoa e a defesa e promoção da primeira e última das causas que é a dignidade humana. Para António Sérgio, «educar significa... favorecer o crescimento da capacidade de racionalização, de espiritualização, de universalização, de superação dos limites vários que confinam o indivíduo numa prática ou grupo, numa localidade ou época... o fim da educação é ela própria».

A educação é um processo localizado. Doutro modo, dificilmente promoverá o equilíbrio que deve caracterizar o homem nas suas escolhas, no seu agir social e no seu comportamento moral, por deficiente apropriação de modelos balizadores das formas de agir (e logo das atitudes e comportamentos), personificados em membros da respetiva comunidade. Haverá ainda uma falta de apropriação da dimensão cultural em que cada homem nasce e em que se desenvolve. A este propósito, Teixeira de Pascoaes é claro:

*“Ah se não fosse a bruma da manhã
nem a velhinha janela onde me vou
debruçar para ouvir a voz das coisas
Eu não era o que sou”.*

A educação, como processo localizado, do mesmo passo que sustenta o reforço da identidade e, dado que o mundo não está todo no pequeno mundo de cada um, deve também fomentar a perceção do valor das dimensões interlinguísticas, intercultural e interreligiosas que fazem de cada homem um cidadão do mundo.

A educação moral prepara o homem para a vida de relação, libertando-se o homem pela sua relação com o “outro”, nas ordens psicobiológicas, social e espiritual. Há uma relação biunívoca que, num primeiro tempo, segue do “eu” para o “outro” e, num segundo momento, vem do “outro” para o “eu”. O “outro” é a superfície espelhada configuradora de geometria multidimensional plasmada no “eu”. É através do “outro” que se desenvolve o compromisso moral. A eventual construção de uma moral antropocêntrica que isole o homem do seu contexto vivo e inanimado, ou mesmo do seu espaço extraterrestre, deve também ser evitada. Na ordem espiritual da vida de relação, salientam-se a gratuidade e o amor. O amor que é, aliás, um dos pilares da



convivência humana, em conjunto com a verdade, a justiça e a liberdade, como defendeu João XXIII.”¹⁶

No mundo marcado por profundas alterações de índole diversa que, de forma igualmente variada, afetam, necessariamente, a vida, a personalidade e a organização das pessoas. O indivíduo, inserido na “cocalização” social, tem que lembrar-se que não pode ser uma ilha mergulhada na individualidade dos projetos e vivências. Não pode deixar de considerar o papel crucial que os outros, numa relação saudável e de amor, desempenham no seu desenvolvimento e na sua transformação.

Aquando da Unidade Letiva 3, “**A FAMÍLIA COMUNIDADE DE AMOR**”, “ a família é a mais pequena célula social, uma instituição fundamental para a vida de cada sociedade. O núcleo da sociedade humana está na família e na sua capacidade para a personalização e a socialização. Existe anteriormente ao estado e a qualquer outra comunidade e possui direitos próprios que são inalienáveis. A família é a sociedade natural e universal, uma entidade viva e autónoma, o laboratório em que são ensaiadas e apreendidas as fórmulas que fundamentam um comportamento social regido pela tolerância, pela reciprocidade, pelo respeito, pela autonomia e pela liberdade. «São grandes bens: o matrimónio, a família e a vida...», proclama João Paulo II!

A família continua a construir um dos pilares essenciais da educação moral, particularmente das crianças, ainda que nos últimos anos se tenha vindo a modificar, no que respeita às suas características e ao seu peso na educação e socialização das crianças e jovens. Na verdade, as deslocações centrípetas das populações em relação às cidades, tem incrementado a percentagem de famílias nucleares, em detrimento das famílias alargadas em que havia uma socialização inter-geracional mais alargada. Mais recentemente, tem havido um incremento das famílias monoparentais.

Um dos problemas que surge no seio das famílias é o reduzido tempo dedicado ao diálogo com os filhos, sendo este crucial para a educação moral.

No ambiente familiar, a criança começa a sua existência como homem e promove-se como pessoa, aceite pelo que é, e não pelo que faz. Na família, exercita-se a capacidade de perdoar e gerar-se uma força serena que defende dos erros dos outros. Um ambiente familiar perturbado ou ausente, facilmente lava os jovens a construírem situações familiares de substituição traduzidas em grupos informais válidos ou grupos “desviantes”. Mesmo os grupos que se movem de discoteca em

¹⁶ REGATEIRO, Fernando J., *A participação da Família na Educação Moral*, in FORUM de EDUCAÇÃO MORAL e RELIGIOSA CATÓLICA, nº 2, SNEC, Lisboa, p. 226.



discoteca, ou de bar em bar, noite dentro e dias a fio, parecem perseguir uma ilusão de gregária, familiar!

É na família que, para muitos, se concentram os últimos resquícios de humanismo, quando este parece desertar doutros contextos societários. Certamente, por isso, tem-se vindo operar, nos últimos anos, a revalorização do espaço familiar, em que renasce, em cada dia, uma consciência forte e clara do vazio de valores morais, de que estamos a sofrer amargas sequelas e a sua compreensão.

A família é também o espaço em que se opera a escolha do projeto de educação para os filhos. Aos pais, como primeiros e principais responsáveis pela educação dos filhos, compete escolher o projeto educativo que melhor configure as competências e os valores a privilegiar. Esta possibilidade de escolha, a concretizar-se em pleno, seria a expressão eloquente da sociedade aberta, plural e democrática que desejamos construir.

O quase desaparecimento da família tradicional acarretou, nos últimos anos, alterações profundas no processo de socialização das crianças e uma maior dependência da escola, esbatendo significativamente o seu carácter subsidiário¹⁷.

Na definição e na prática de ensino aprendizagem, do processo educativo, é precisa razão, mas também coração. É com estes sentimentos que decorreu a tarefa de planificar e desenvolver competências.

8 - Da Planificação ao Desenvolvimento de Competências

“Os programas de EMRC têm de ser do conhecimento dos professores de EMRC. As planificações das aulas não devem ser realizadas a partir dos manuais, mas a partir dos programas, visto que estes constituem a matriz essencial, depois interpretada pelos manuais e por cada professor, no ato de organizar as sequências ensino - aprendizagem. Assim, os professores são chamados a conhecer as competências essenciais de EMRC na educação básica, a metodologia usada pelos programas, os objetivos e os conteúdos a explorar para cada nível de ensino”¹⁸.

A arte da planificação é um saber, não apenas teórico, mas também prático. O professor deve ser capaz de mobilizar os seus saberes teóricos sobre os objetivos, os conteúdos, as estratégias, as atividades, a avaliação, os materiais, etc., para a

¹⁷ Ibidem, pp. 227 e 228.

¹⁸ CARVALHO, Cristina Sá e PEREIRA, Jorge Augusto Paulo, *Questões Fundamentais Didáctica de EMRC*, in FORUM de EDUCAÇÃO MORAL e RELIGIOSA CATÓLICA, nº 2, SNEC, Lisboa, p.118.



estruturação de planos de aula sequenciais, adaptados aos alunos e capazes de promoverem a qualidade do ensino aprendizagem que todos desejamos. O professor tem de estar capacitado para a realização de planificações estruturadas das suas aulas¹⁹.

Uma reflexão sobre as competências na disciplina de EMRC é, sobretudo, uma reflexão da sua aquisição e do seu desenvolvimento.

Urge saber o significado do conceito de competência, a sua definição prioritária faz-se em termos de saberes em ação ou competências. Surge assim, no currículo, como “o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos”²⁰ e cabe à escola garantir e organizar, nos seus núcleos e departamentos, contextualmente determinar.

Esta conceção associada a competência a um saber em uso que se desenvolve em relação com a vivência de experiências de aprendizagens significativas e adequadas e que, ao mesmo tempo, integra conhecimentos, capacidades, atitudes e valores²¹.

Este novo enquadramento curricular traz naturalmente consigo a redefinição deste conceito que valoriza aquele que realiza a tarefa, a sua individualidade, devendo o aluno demonstrar que é competente. Pressupõe o saber em ação, “o agir em situação mobilizando nessa ação, de forma integrada e equilibrada, conhecimentos, capacidades, procedimentos e atitudes, para se tornar competência demonstrada”²².

A competência é então o ato de agir, numa situação concreta, com um certo nível de complexidade, ou seja, é possibilidade de tomar decisões satisfatórias e eficazes perante uma situação concreta ativando, de forma consciente, os recursos que se devem disponibilizar.

A competência tem a ver com aquilo que o aluno faz em diferentes momentos e em diversos contextos que, pela sua própria natureza, apelam à utilização autónoma e integrada de conhecimentos em situações escolares ou do quotidiano. As aulas devem, portanto, oferecer aos alunos as oportunidades de aprendizagem que levam à aquisição de várias competências, proporcionar aos alunos os conhecimentos mais úteis, explicitem os comportamentos mais adequados, formem atitudes mais convenientes.

Contudo não se podem desenvolver as competências sem estabelecer uma relação eficaz aos conteúdos. Mas isso implica, por parte do professor, por um lado, o

¹⁹ Ibidem, p. 120.

²⁰ Decreto de lei 6/2001, de 18 de Janeiro, artº 2, nº 2.

²¹ Cf. Preâmbulo do Decreto de lei 6/2001

²² Ministério da Educação, *Avaliação das Aprendizagens – Das concepções às práticas*, Ed. Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, 2002, p. 29.



desenvolvimento de atitudes e capacidades de argumentação e diferenciação que resulta da análise dos próprios conteúdos. Trata-se de abordar os conteúdos, por um lado, nem a um nível que acentua a informação factual que exige quase exclusivamente a memorização e está pouco relacionado com as experiências e desafios do quotidiano, por outro, nem a um nível que acentue apenas as principais ideias e conceitos pela integração dos factos em ideias num processo de conceptualização. Os conteúdos são relacionados, interdisciplinarmente, com as vivências dos alunos, com o seu projeto de vida. Tornam-se aprendizagens ativas, experienciais, significativas, funcionais e intencionalmente presentes na própria vida dos alunos influenciando o desenvolvimento das suas atitudes e do seu agir.

O que interessa, com a planificação e desenvolvimento dos materiais, é o desenvolvimento pedagógico das competências, é contribuir para um fim essencial e geral, isto é, educar homens totalmente formados e preparados para a vida entendida como projeto dinâmico, onde cada um procura encontrar o seu caminho de realização²³.

É neste contexto descrito que foram, operacionalizadas as competências, elaborados os planos de aula, bem como, todo o material necessário para o desenrolar das aulas.

Fica, neste momento, um sentimento de culpa. Na forma como foram planificadas as duas unidades letivas, UL 1 e UL3, seguindo o programa da disciplina, não quis, no momento devido, trabalhar, de forma diferente, a problemática da deficiência, diferença, na UL1. Bem como, a problemática dos idosos na UL3. Esta forma de desenvolvimento do programa teve um intuito. Esse será posteriormente desenvolvido sobre o tema; Ser pessoa: um itinerário pedagógico/reflexivo entorno da problemática da deficiência. Que será desenvolvido neste trabalho no capítulo II.

²³ Cf. GOMES, Marco, *Competências em EMRC e Desenvolvimento de Capacidades e Atitudes*, in FORUM de EDUCAÇÃO MORAL e RELIGIOSA CATÓLICA, nº 2, SNEC, Lisboa, pp. 105 a 113.





IIª PARTE

SER PESSOA: UM ITINERÁRIO REFLEXIVO SOBRE A PROBLEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA.

1 – Ser Pessoa: Numa Dimensão Antropológica

“Depus a máscara e vi-me ao espelho. —

Era a criança de há quantos anos.

Não tinha mudado nada...

É essa a vantagem de saber tirar a máscara.

É-se sempre a criança,

O passado que foi

A criança.

Depus a máscara e tornei a pô-la.

Assim é melhor,

Assim sou a máscara.

E volto à personalidade como a um terminus de linha.”

Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa

O Homem, devido às suas inquietações, sempre procurou compreender a sua existência, passando pelo seu conhecimento como pessoa.

Interessam-nos para uma melhor exploração e abordagem da “visão” da pessoa, duas perspetivas, ou duas espécies de antropologia. Considerando a pessoa simplesmente à luz da razão, consideramos a pessoa, por uma antropologia filosófica. À luz da revelação, procedemos a uma consideração, da antropologia teológica.

Numa abordagem simplesmente racional da pessoa, esta é um ser corpóreo agrilhado às apreciações biológicas, não deixando de ser como tantos outros seres que também se apoderaram, nas suas capacidades, por um lugar no mundo conhecido. Contudo, participando uma comparação de semelhanças e diferenças com os inúmeros seres vivos, há na pessoa algo que a diferencia dos restantes “momentos” viventes.

A pessoa é um ser dotado de razão, é alguém que consegue depor a máscara e conceber pensamentos perante o espelho, ter consciência de si próprio tendo pensamentos pessoais e, se necessário, colocar novamente a máscara. Esta



capacidade que a pessoa tem, de ter consciência de si próprio, permite-lhe ter sentimentos de amor e ódio. A pessoa para além de se poder relacionar enquanto ser sexuado, homem e mulher, necessita de viver numa sociedade para realizar as suas plenitudes e capacidades.

No desenrolar da sua vida, desde o ventre de sua mãe, a pessoa, tem de se confrontar com um rol de vicissitudes para a sua saudável evolução e convivência. Sejam os acasos pessoais, familiares ou sociais, a pessoa é chamada a resolver ou a contribuir para o seu desenvolvimento. A pessoa é convidada, naturalmente, a fazer as experiências da felicidade e do sofrimento, da serenidade e da dor. Ela, com a sua capacidade racional, tem consciência das limitações que a vida proporciona às suas quimeras.

A pessoa no desenrolar da sua existência, vivencial, confronta-se com o maior dos mistérios da sua capacidade existencial, o fim da vida. A morte é, biologicamente dito, o fim natural de todos os seres vivos.

A pessoa é o ser mais importante que existe no universo, protagonista de cultura e criadora da história. É um sujeito de direitos e deveres. É um ser consciente que se realiza na relação com o outro.

O Homem é pessoa integral, com corpo que ocupa um tempo e um espaço limitado. A pessoa simultaneamente tem um corpo e é um corpo, é um ser corporal. É um corpo relacional e vivido “a relação de si passa necessariamente pela relação do outro”²⁴ “já que faz parte da constituição do homem e este tem consciência de si perante si e perante os outros, é-lhe conferida a conotação de homem como ser possuidor de inteligência, memória e vontade”²⁵.

O corpo, sendo o elemento intrínseco à existência do ser humano, é a identidade da pessoa e corresponde à sua parte visível, exprimindo a realidade vivida, é com ele que se constrói uma história ao longo do tempo. É a dimensão natural do eu e, por ele, o ser humano é mortal.

“Mesmo depois da morte o corpo representa a experiência, uma vida que foi vivida, a relação com o mundo a que correspondeu esse corpo. Como ser de relação que é, o homem é pessoa que constrói o seu caminho, percorrendo-o; é um ser pessoal e um ser social”²⁶.

²⁴ LOGOS. Vol. I, col. 187. Citado por RIBEIRO, Isabel, M^a C. Lopes – *Integralidade da pessoa humana*. in V Encontro Luso-Brasileiro de Bioética. Porto, UCP, 4 de Julho de 2008, p. 1

²⁵ RIBEIRO, Isabel, M^a C. Lopes – *Integralidade da pessoa humana*. in V Encontro Luso-Brasileiro de Bioética. Porto, UCP, 4 de Julho de 2008, p. 1

²⁶ Idem.



Uma das definições mais comuns de pessoa é a de Boécio que a define como “substância individual de natureza social”²⁷, isto é, o indivíduo concreto, como ser único e individual.

O Homem, enquanto pessoa, ser reduzido a uma dimensão da existência da pessoa simplesmente a esta perspectiva, biológica, é retirar-lhe capacidades e qualidades, é torná-la ausente do seu espelho.

Para os cristãos a pessoa é muito mais que uma biologia vivente, ver a pessoa desta perspectiva é considerar a pessoa incompleta, condicionada à existência do destino biológico.

Contudo e antes de partirmos para uma perspectiva da pessoa numa dimensão da antropologia teológica cristã, temos que realizar um pequeno itinerário para descobrir como e quando é que o “homem e mulher”, são entendidos, definidos, enquanto pessoa.

*“O homem será feito
em laboratório
muito mais perfeito
do que no antigório (...)
(...) «Nove meses, eu?
Nem nove minutos.»
Quem já concebeu
melhores produtos?
A dor não preside
sua gestação.
Seu nascer elide
o sonho e a aflição.
Nascerá bonito?
Corpo bem talhado?
Claro: não é mito,
é planificado.
Nele, tudo exacto,
medido, bem posto:
o justo formato...”*

Carlos Drummond de Andrade, in 'Versiprosa'

²⁷ LOGOS. Vol. VI, col. 97. Citado por RIBEIRO, Isabel, M^a C. Lopes – *Integralidade da pessoa humana*. in V Encontro Luso-Brasileiro de Bioética. Porto, UCP, 4 de Julho de 2008, p. 1



1.2 – A Pessoa na civilização Greco-Romana: Quem é pessoa? O que é Ser pessoa?

1.2.1 – Na Grécia

É necessário perceber o aparecimento do vocábulo pessoa na definição do homem e da caracterização da humanidade. Como nos refere Sófocles na *Antígona* na proclamação do coro, “muitos prodígios há; porém nenhum maior que o homem”²⁸. Apesar de toda a sua importância, o tipo de homem da polis definia a cidade e o país “quero saber que espécie de homens aqui habita”²⁹. O reconhecimento, a preservação da pessoa dá-se apenas por causa dos papéis que desempenha na sociedade. “Para que possam realizar-se assembleias dos vários grupos em alturas especificamente estabelecidas, e proporcionar uma oportunidade favorável à resolução de questões práticas e para que as pessoas se possam encontrar amigavelmente... não existe maior bem para a cidade que as pessoas conhecerem-se umas às outras.”³⁰ Nada mais era do que um elemento do mundo material, sujeito ao ato que desempenhava no meio social. “Os papéis dos sexos eram diferenciados” bem como a posição “hierárquica” do homem “na relação que havia com os escravos. Eram excluídos”³¹ de quase todas as atividades. Contudo “os escravos também eram pessoas, um templo ou um altar ofereciam asilo tanto a um escravo como a um livre, e um crime de sangue era crime de sangue, independentemente do estatuto da vítima”³².

Para a civilização grega, que orgulhava-se de possuir um sistema político organizado, as pessoas que a constituíam não se podiam sentir portadoras de uma mesma e igual dignidade. O “conhece-te a ti mesmo”, como grande rubrica do pensamento grego, prontifica uma indubitável vontade de estabelecer uma relação

²⁸ SÓFOCLES – *Antígona*. trad. e coment. de Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2003, p. 52. Cf. Tb, CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

²⁹ VIRGÍLIO – *A Eneida*. por Ricardo Alberty, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1986, p. 7. . Cf. Tb, CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

³⁰ BURKERT, Walter – *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. trad. de M. J. Simões Loureiro, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993, p. 487.

³¹ *Ibidem*. p. 495.

³² *Idem*.



forte com o eu pessoal³³. O grego tem um cuidado em perpetuar a memória do eu, como nos ilustra Sófocles ao colocar a Antígona a “erguer um túmulo ao irmão tão querido”³⁴. Também Virgílio, através da Eneida pretende honrar a pessoa, quer durante a vida, os seus feitos e atos, quer na morte. Na vida, como bem descreve, “oh!, na memória dos homens, bela juventude, caros amigos, vivereis enquanto estas narrativas transmitirem às gerações os grandes feitos do passado”³⁵. Na morte, Virgílio, demonstra bem o suplício de não se poder honrar a pessoa depois de partir deste mundo na boca de uma mãe, “Meu filho – soluça ela -, é assim que te torno a ver-te! Deixaste-me sozinha! E nem sequer posso dar sepultura ao teu corpo...”³⁶

Com Aristóteles temos o homem a ser elevado a uma catedral, “é o próprio humano que é causa eficiente enquanto motivação da ação. É também o humano a causa final da ação, o terminus ad quem de todo e qualquer encaminhamento prático.”³⁷ Aristóteles afirma que “todos os homens desejam naturalmente saber”³⁸. O homem revela-se assim possuidor de uma sabedoria global, carregando uma magnífica capacidade para deliberar, as escolhas são do poder exclusivo do homem, não necessitando de subterfúgios para agir a não ser a disposição desocultante que é a “frónesis”, a sensatez³⁹. Contudo para Aristóteles a cidade é um conjunto de cidadãos e dever-se-á julgar quem deverá ser ou não considerado como tal, “reservar-se a qualidade de cidadão àquele que descende de dois (progenitores) tendo ambos a qualidade de cidadão e não apenas um deles”⁴⁰.

Mas não podemos deixar de referir uma das grandes referências da polis grega, Platão. Para este filósofo o homem é constituído, para além das ideias inatas, de “alma como uma natureza divina e imortal, absolutamente oposta e irredutível ao corpo, e reservada, após a morte, para um destino conforme o desempenho do

³³ . Cf. CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

³⁴ SÓFOCLES – *Antígona*. trad. e coment. de Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2003, p. 42. . Cf. Tb, CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

³⁵ VIRGÍLIO – *A Eneida*. por Ricardo Alberty, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1986, p. 110. . Cf. Tb, CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

³⁶ Ibidem, p. 111. . Cf. Tb, CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

³⁷ ARISTÓTELES – *Ética Nicomaco*, trad. e notas de António C. Caeiro, Lisboa, Quetzal Editores, 2004, p. 10. . Cf. Tb, CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

³⁸ MEC – *LATIM* – 12º ano, editorial do Ministério da Educação, Algueirão, 1980, p. 61.

³⁹ ARISTÓTELES – *Ética Nicomaco*, trad. e notas de António C. Caeiro, Lisboa, Quetzal Editores, 2004, p. 9. . Cf. Tb, CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

⁴⁰ GILISSEN, J. – *Introdução Histórica ao Direito*, trad. do francês de A. M. Hespanha e L. M. Macaísta Malheiros, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, p. 79. Citado por Susana Cerqueira, *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética*. p. 3



homem na sua vida terrena”⁴¹. A cidade, para este autor, devia encontrar-se dividida em três classes bem distintas, os governantes, os guardiães – guerreiros e o povo. A cidade seria governada e orientada pelos filósofos, já que são estes que têm e sabem usar da inteligência e sabedoria, sendo estes “alimentados pelos outros (isto é, o povo) que devem pagar uma contribuição”⁴².

Etimologicamente o vocábulo de pessoa tem origem grega – “προσopon”(pròsopon)⁴³. Para o pensamento filosófico dos gregos, observa-se que a vida social e jurídica começa a ser vista como um dado cósmico e a natureza da pessoa das demais realidades, consentindo a capacidade do homem em refletir sobre si mesmo⁴⁴, “ele procura mostrar-se como defensor da polis, aquele que põe na primeira linha os interesses da comunidade à frente da qual se encontra”⁴⁵. A visão grega sobre o homem é uma visão natural da posição da pessoa.

1.2.2 – Em Roma

É em Roma que se dá um grande progresso no conteúdo vocábulo de pessoa, contudo visto de forma diferente como o presenciamos atualmente.

A língua latina exerceu grande influência nas línguas que atualmente conhecemos, a ocidente do velho continente. Surgiu por influência do latim a palavra persona, personae. Este vocábulo tinha como definição “máscara de ator de teatro, papel, personagem, carácter, papel, cargo, função, personalidade, individualidade”⁴⁶.

Já nas XII Tábuas que os romanos fazem menção à noção de pessoa, já neste momento os romanos debruçam-se sobre os problemas do direito e das leis⁴⁷. Neste labor de pensar as leis os romanos afirmam “que a plena personalidade jurídica, e

⁴¹ PLATÃO – *Fédon*. por António Pedro Mesquita, Lisboa, Texto Editora, 1995, p. 22. . Cf. Tb, CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

⁴² GILISSEN, J. – *Introdução Histórica ao Direito*, trad. do francês de A. M. Hespanha e L. M. Macaísta Malheiros, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, p. 79. Citado por Susana Cerqueira, *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética*. p. 3.

⁴³ PEREIRA, Isidro S. J. – *Dicionário Grego - Português e Português – Grego*, Braga, Livraria Apostolado da Imprensa, 7ªed. 1990.

⁴⁴ Cf. SOUSA, Capelo Rabindranath – *O Direito geral de Personalidade*, Coimbra: Coimbra Editora, 1995, p. 44. Citado por PEREIRA, Heloisa Prado, em “*ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*” p. 1.

⁴⁵ SÓFOCLES – *Antígona*. trad. e coment. de Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2003, p. 15. . Cf. Tb, CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

⁴⁶ Cf. Dicionário *Latim Português*, por António Gomes Ferreira, Porto, Porto Editora.

⁴⁷ Cf. MEC – *LATIM* – 12º ano. Editorial do Ministério da Educação, Algueirão, 1980, p. 130.



consequentemente integral direito de personalidade só adquiria quem detivesse os três status: status libertatis, status familiae e os status civitas⁴⁸.

Além de ser atribuída uma maior capacidade jurídica à pessoa em Roma, a sociedade apresenta-se muito classificada. A valorização da pessoa depende essencialmente do patamar onde se insere, ou do status em que está “alocada”.

O cidadão possui um estatuto privilegiado. Acende a esta estratificação aquele que é considerado cidadão romano, pessoa com direitos, o homem livre, pelo nascimento, filho de pai cidadão. Podia-se obter o direito de cidadania por adoção, naturalização ou pelo cumprimento exemplar da lei e, no caso dos escravos, por alforria⁴⁹.

Aos cidadãos era concedida a virtude de constituírem família “conubium, ii”⁵⁰, a família era constituída pelo “pater família”, o chefe de família, o dono da casa, o fundador, criador⁵¹. Este exerce poder e autoridade sobre os filhos. Querendo, o pai tinha o poder de alienar os filhos ou abandoná-los, o poder paternal na sociedade romana só se extinguia com a morte do “pater família”⁵². O “pater família” tinha o domínio absoluto sobre todos os membros que constituíam a sua família. Administrava, decidia e era-lhe conferido o culto familiar.

A “mater” tinha um relevo de menor importância, era considerada uma incapaz. Esta incapacidade advinha-lhe da incapacidade de facto resultante do sexo, incapacidade das mulheres⁵³. A estas estava-lhe proibido, pela sua “incapax”⁵⁴ de mulher, a resolução dos seus conflitos e não eram portadoras de direitos.

As famílias além dos membros biológicos que a constituíam, também faziam parte dela, os escravos que viviam debaixo do mesmo teto. Estes, escravos, se vivessem numa “domus” urbana eram tratados como escravos de luxo com profissões especializadas, se vivessem numa “domus” do campo eram tratados em condições muito duras⁵⁵.

⁴⁸ CRUZ, Sabastião – *Direito Romano I Coimbra*, Sólivros, 1984, p. 197. Citado por PEREIRA, Heloisa Prado, em *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”* O status libertatis atribuído de pessoa livre, que tinha condição de cidadania; status familiae qualidade do pater famílias, e o status civitas classe de cidadão, sendo negada, tal categoria, aos estrangeiros escravos. p. 2.

⁴⁹ Cf. ALMENDRA, Maria Ana – *Publius et Terentia Latim 11º ano*, Coimbra, Livraria Arnado, 2000, p. 216.

⁵⁰ Cf. Dicionário *Latim Português*, por António Gomes Ferreira, Porto, Porto Editora. . Cf. Tb, CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética* e tb PEREIRA, Heloisa Prado, *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA”*

⁵¹ Idem.

⁵² Cf. GIRARD, Paul – *Manuel Élémentaire de Droit Romain – 2ª ed.* Paris. Éditeur, 1898, p. 131. Citado por Susana Cerqueira, *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética*. p. 4.

⁵³ Ibidem, p. 194.

⁵⁴ Cf. Dicionário *Latim Português*, por António Gomes Ferreira, Porto, Porto Editora. Que não compreende.

⁵⁵ Cf. ALMENDRA, Maria Ana e FIGUEIREDO, José Nunes – *Initium Latim 10º ano*, Porto, Porto Editora, 1993, p. 135.



Em Roma nem todas as pessoas obtinham status, esta divisão existente constitui uma injustiça dentro da cidade. Aos cidadãos, patrício ou plebeu, opunham-se os não cidadãos, estrangeiros, peregrinos, libertos ou escravos⁵⁶.

O escravo é considerado um “res”, coisa, “o escravo é uma coisa e não uma pessoa”⁵⁷, não lhe era reconhecida a qualidade de sujeito, é escravo os que nasciam de escravos, os prisioneiros de guerra, crianças raptadas ou vendidas pelas famílias⁵⁸. Para que fosse titular de direitos, era necessário que lhe atribuisse personalidade jurídica, “Ere, me emittas manu. Liberem ego te, Salve, mi patrone!”⁵⁹. O escravo como não era considerado cidadão, nem pessoa, sofria uma série de advertências. Estas advertências eram proibições resultantes do estatuto de escravo, não podia casar-se legitimamente, mas podia formar família e mantê-la unida, não podia possuir património, não podia tomar parte (autor ou réu) em juízo ou comparecer perante a justiça⁶⁰. O escravo é uma simples “res” que é pertença de um ou de vários senhores da “gens”. O escravo “pode ser um bem de uma propriedade exclusiva, pertencendo a um só dono (...) como de uma propriedade divisível”⁶¹.

Em Roma, por fim, podemos considerar os “peregrini”, os estrangeiros, que possuíam estatutos de homens livres, mas não eram considerados cidadãos. Se havia tratados firmados em Roma, da situação do estrangeiro que aí se encontrava, a sua situação jurídica estava resolvida. Caso assim não acontecesse, o estrangeiro tinha de se servir de um cidadão como intermediário para determinar a sua situação⁶².

Em Roma apesar de ser atribuída uma maior capacidade jurídica à pessoa, a sociedade é muito classificada por posições e “castas” sociais. A pessoa é valorizada conforme o seu patamar social, conforme o seu status.

2 – Ser Pessoa: Numa Dimensão Antropológica Cristã

É com o cristianismo e, principalmente, através dos ideais de amor fraterno e igualdade perante Deus, que o homem, até ao momento definido pela famosa frase da filosofia pré-socrática do “conhece-te a ti mesmo”, passa a ser inserido no campo da

⁵⁶ Cf. ALMENDRA, Maria Ana – *Publius et Terentia Latim 11º ano*, Coimbra, Livraria Arnado, 2000, p. 212.

⁵⁷ Cf. GIRARD, Paul – *Manuel Élémentaire de Droit Romain* – 2ª ed. Paris, Éditeur, 1898, p. 89. Citado por Susana Cerqueira, *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética*. p. 4.

⁵⁸ Cf. ALMENDRA, Maria Ana e FIGUEIREDO, José Nunes – *Initium Latim 10º ano*, Porto, Porto Editora, 1993, p. 134.

⁵⁹ Cf. PLAUTO, *Menaechmi*. Citado por ALMENDRA, Maria Ana e FIGUEIREDO, José Nunes – *Initium Latim 10º ano*, Porto, Porto Editora, 1993, p. 135.

⁶⁰ Cf. GIRARD, Paul – *Manuel Élémentaire de Droit Romain* – 2ª ed. Paris, Éditeur, 1898, p. 89. Citado por Susana Cerqueira, *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética*. p. 3.

⁶¹ *Ibidem*. pp. 3-4.

⁶² Cf. ALMENDRA, Maria Ana – *Publius et Terentia Latim 11º ano*, Coimbra, Livraria Arnado, 2000, p. 216.



subjetividade, isto é, o homem deixa de ser simples objeto e passa a ser sujeito. Passa a ser portador de valores. Qualquer ser humano passou a ser pessoa, não interessa a condição social ou económica, já não existem divisões para ser considerado de igual, homens, mulheres, crianças, nascituros, escravos, estrangeiros e até mesmo inimigos são para o cristianismo iguais, pessoas com igual estimação.

O cristianismo, desde sempre, teve a ousadia de afirmar o individuo como um valor absoluto, apregoando a paixão da dignidade da pessoa humana e celebrando uma orgânica social que permitisse o total desenvolvimento da personalidade, sem prejuízo do bem comum, pelo contrário, colaborando para desfrutar deste. O cristianismo convida o homem a olhar em redor, para a história que o rodeia bem como para as pessoas que o rodeiam⁶³. O homem com o cristianismo adquire o máximo valor imaginável da esfera humana. A pessoa ganha unicidade e individualidade, o cristianismo refere-se à pessoa como sendo a personificação da imagem do criador. O cristianismo inova o conceito de pessoa. A pessoa é considerada na ideia de Deus encarnado que por amor envolveu o homem, envolveu cada um de nós, numa textura de atos de amor. É o amor supremo transcendente de Deus, encarnado, que modifica o coração do homem e o recriará em Reino Novo, diferente. A pessoa é uma unidade e não um somatório e parcelas, ela possui um princípio no transcendente, como diz a bíblia o homem e mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus. Ou seja, os dois portadores da mesma dignidade e da mesma responsabilidade. Esta responsabilidade, é-lhes conferida, por Deus, quando delibera no homem o poder de crescer e multiplicar, encher e dominar a terra. Mas este poder não lhe permite tratar os outros seres como sua propriedade, antes teria de mostrar responsabilidades da forma como usufruía deles e dever-se-ia integrar no plano que Deus tinha para todo o conjunto da criação⁶⁴. A sua existência não é algo exigida pela natureza do homem, mas sim fruto do Dom gratuito de Deus.

O ser humano, para o cristianismo, é uma pessoa integral, um corpo como dimensão material e uma alma como dimensão espiritual. É um ser unitário criado por Deus, tal como todas as outras criaturas do universo. Mas só a pessoa, no homem e na mulher criados, tem direito a nome próprio. Isto é, a pessoa é ser o criado superior a todas as outras criaturas.

⁶³ Cf. AMBROSIO, Juan F. Garcia – *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*, Lisboa, Paulinas, 2002, p. 48.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 72.



2.1 Ser Pessoa: por influência Cristã

Quando lemos a Sagrada Escritura, os Textos Sagrados da “filosofia” Cristã, em momento algum encontramos o termo de “Pessoa” explicitamente. Esta “invisibilidade” do termo, nos diversos relatos que constituem o texto bíblico, deu-se muito pela influência cultural em que os autores dos relatos estavam “embebidos”. Culturalmente sendo o Antigo Testamento de influência Aramaica/Hebraica, o Novo Testamento de influência Helénica, como se verificou no contexto histórico do termo, acima descrito, o termo de pessoa, por influência, tem uma conotação mais prática em ação e não na superação de virtudes da condição humana. Contudo a Escritura não deixa de apresentar o homem com capacidades de ser relacional enquanto “imago Dei”⁶⁵ que Deus fez o homem e a mulher à sua própria imagem, assim de que os seres humanos são semelhantes a Deus, como nenhuma outra criatura terrena é. A dignidade especial dos seres humanos está no facto de, como homens e mulheres, poderem refletir e reproduzir – dentro de sua própria condição de criaturas – os caminhos de Deus. Os seres humanos foram criados com esse propósito, e, num sentido, somos verdadeiros seres humanos na medida em que cumprimos esse propósito.

Tudo o que envolve essa imagem de Deus na humanidade fica mais definido no texto de Gn 1,1-25, onde o autor narra Deus como sendo pessoal, racional, criativo, e governador do que criou. Assim o que é imagem de Deus refletirá todas as qualidades do seu original, Deus. Gn 28-30 mostram Deus a abençoar os seres humanos que acabou de criar, conferindo-lhe o poder de governo e criação como representantes de Deus. A capacidade de se comunicar e relacionar, tal como Deus, com os outros seres humanos aparece como outra característica dessa imagem e semelhança.

Daí que a imagem de Deus no homem, que se dá no ato de ser criado por Deus, constitua o ser de homem como alma⁶⁶, ser pessoal e com consciência própria, capacidades de conhecer, agir e pensar semelhantes às de Deus. Ser um ser criado com capacidades duma moralidade íntegra, que se perde na “des-responsabilidade”⁶⁷ para com o compromisso com Deus, contudo restaurada em Cristo⁶⁸. Esta ação “des-responsável” deformou a imagem de Deus, não só do primeiro Homem e da Primeira mulher criados por Deus, mas todos os descendentes da criação original, toda a

⁶⁵ Cf. Gn 1.26-27; 5.1; 9.6; 1Co 11.7; Tg 3.9)

⁶⁶ Cf. Gn 2,7

⁶⁷ Não uso o termo irresponsável por este ter uma conotação mais irreal da situação e ação em si, o acto não foi inconsciente, irrefletido, leviano e muito menos inconsequente.

⁶⁸ Cf. Ef 4,24; Cl 3,10



humanidade. A humanidade conserva a imagem de Deus permanecendo enquanto homem criado, mas a funcionalidade foi defraudada. A regeneração do homem começa na restauração da imagem moral de Deus. Mas enquanto o homem não for inteiramente glorificado não poderá espelhar de modo perfeito e total a imagem de Deus nos pensamentos e ações, como fomos criados para fazer e agir, tal como o Filho de Deus encarnado refletiu a humanidade⁶⁹.

Tem a capacidade do domínio sobre o meio que o rodeia, isto é, ser capaz de criar ou desperdiçar esta capacidade. Mas principalmente o homem é um ser com corpo, o corpo humano é o recurso pelo qual o homem tem a capacidade de experimentar e expressar a realidade. O homem centro do universo, descobre-se a si mesmo no outro que por sua vez o centra dando-lhe e reconhecendo-lhe existência⁷⁰

Esta perspectiva do homem enquanto “imagem de Deus” vai influenciar toda a posição sobre a pessoa ao longo da história como se pode verificar com o seguinte itinerário:

2.1.1 Das Origens Bíblicas

Dos «dados Bíblicos - as ideias paulinas de “Imago Dei” são contextualizadas da Teologia Hebraica que a aceita no contexto da Criação e da Redenção. As palavras hebraicas Tselem, imagem, e demuth, semelhança, constituem-se nos vocábulos dessa doutrina e que no grego são correspondidas por eikon e homoiosis, respetivamente. O Homem foi feito Ícone de Deus e Jesus Cristo é o Ícone em Plena Essência do Deus Invisível»⁷¹.

2.1.2 Nos “momentos” da Patrística

Na teologia patrística, segundo «Irineu - Foi quem primeiro introduziu a distinção entre Ícone e Essência, identificando em Ícone a Razão e o Livre-arbítrio e na Essência a capacidade de fé e obediência. Mas o Homem perdeu esta Essência de Deus devido à sua desobediência deliberada»⁷².

⁶⁹ Cf. Jo 4,34; 5,30; 6,38; 8,29-46

⁷⁰ cf. CARDEDAL, Olegário Gonzalez – *Teologia y Antropologia*, Madrid, Editorial Moneda y Credito, S. A. 1967, p. 14.

⁷¹ <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>

⁷² <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>



Segundo «Clemente de Alexandria – este, reconhece a existência de três tipos de “Imago Dei”: a do Logos, a do Cristão e a de todos os homens. Ícone é a imagem natural e Essência é a imagem sobrenatural do Cristão. O homem, ao nascer, é um Ícone de Deus e, mais tarde, convertido, passa a possuir a Essência de Deus. Possui fundamento gnóstico tal definição»⁷³.

Na perspectiva de «Gregório de Nissa – este, não vê diferença entre Ícone e Essência pois, na sua opinião, “Imago” contém a reprodução fiel e integral do Modelo e, conseqüentemente, estreita semelhança com ele, embora diferente na sua identidade. Se a imagem não é exata, não é imagem. No que toca a sexualidade, Gregório acha ser ela a corrupção da Imago Dei, o que revela influência do Platonismo»⁷⁴.

Para «Santo Agostinho - O conceito que este tem de Deus é a base para sua definição da Sua “Imago”. A “Imago Dei” faz do Homem protótipo da Santíssima Trindade. Toda imagem é semelhante, embora tudo que seja semelhante não seja imagem, havendo relação de causa e efeito. Para Agostinho, sendo o homem Ícone de Deus, possui a Essência de Deus mas com o Pecado houve conturbação dessa “Imago Dei”»⁷⁵.

Com o debate trinitário da patrística temos uma distinção entre natureza/essência e sujeito/pessoa, introduzindo-se uma conceção relacional. Mas não verificamos na patrística qualquer aplicação antropológica da noção relacional de pessoa desenvolvida no âmbito trinitário e cristológico. A dimensão relacional não deixa de estar presente, mas é simplesmente na expressão bíblica “Imago Dei”.

Os padres da igreja afirmam, frequentemente, que ao homem é inerente um valor e uma dignidade incomparável, estes estão a expressar equivalentemente o que determina a pessoa⁷⁶. Contudo os padres da igreja, nas suas reflexões, tiveram mais preocupações com as pessoas divinas que com as pessoas humanas.

⁷³ <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>

⁷⁴ <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>

⁷⁵ <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>

⁷⁶ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrea, 1988, p. 157-158.



2.1.3 Na Teologia Medieval

É com a teologia medieval que se assiste a uma elaboração técnica do conceito de pessoa criada, o desenvolvimento e elaboração do conceito no campo específico da antropologia.

«Os Católicos Romanos possuem diversas concepções teológicas acerca da “Imago Dei” e a que predomina é que Deus dotou o Homem de certos dons naturais como a Espiritualidade da alma, a Liberdade da Vontade e a Imortalidade do Corpo, constitutivos da Imagem Natural. A harmonia dos constituintes acontece através da *justitia*, perdida na Queda do Homem. Para a Teologia Católico-Romana, o Homem ainda é Ícone em Essência de Deus embora desarmónica em seus constitutivos»⁷⁷.

Na teologia da Reforma «Calvino – segundo este, a “Imago Dei” do Homem reside na alma e abrange tudo que distingue o Homem dos animais. Não existe diferença em ser Ícone e ter a Essência, é apenas um realce “escriturístico”. A definição de “Imago Dei” traz luz ao estado original de pureza do Homem»⁷⁸.

Para «Lutero - de posse desta imagem, o Homem era como os anjos e, após havê-la perdido inteiramente, tornou-se como os animais e o que o distingue deles tem pouca significação. Os luteranos, com isso, aceitam o traducianismo»⁷⁹.

A celebração antropológica do conceito de pessoa pertence à teologia medieval. Para isso muito contribui Boécio com a sua definição sobre a pessoa. Diz Boécio que a pessoa é «*naturae rationalis individua substantia*»⁸⁰. A natureza humana é caracterizada pela racionalidade. O papel que a relação jogava na constituição das pessoas divinas silencia-se. O essencialismo da ontologia grega recupera o primeiro plano com o substantivo *substantia*. De notar que a corporeidade é outra grande ausente, juntamente com a relação, desta definição⁸¹.

A definição de Boécio vai marcar a época medieval, nenhuma outra definição sobre a pessoa poderá escapar ao seu raio de ação. Ricardo San Victor pretendendo distanciar-se da definição antecedente, propõe uma nova definição, dizendo que a «*persona est existens per se solum iuxta singularem quemdem rationalis existentiae modum*»⁸². A pessoa deixa de estar na imparticipabilidade substancial (*individua*

⁷⁷ <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>

⁷⁸ <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>

⁷⁹ <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>

⁸⁰ “substância individual de natureza racional”. In Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrea, 1988, p. 158.

⁸¹ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrea, 1988, p. 158.

⁸² “pessoa existe por si só segundo um certo modo singular de existência racional”



substantia) da definição de Boécio e passa a ser colocada no campo da metafísica da existência (relação de origem) e não da essência⁸³.

A par de San Victor temos a posição de Duns Escoto, onde a sua definição de pessoa se aproxima muito «persona és la sustancia incomunicable de naturaleza racional»⁸⁴. O acento da definição deve recair sobre a incomunicabilidade. Com esta definição Duns Escoto pretende salvaguardar a singularidade e irrepetibilidade da pessoa individual, bem como a sua autonomia e independência ontológica⁸⁵.

Contudo permanece ainda o silenciamento de qualquer outra relação que não seja a da origem. E na expressão “per se solum” acentua-se a sensação de auto-suficiência e incomunicabilidade, por parte da pessoa, com esta definição, enquanto se denota a ausência da dimensão corpórea⁸⁶.

2.1.3.1 Em São Tomás

Com São Tomás a definição de pessoa introduzida por Boécio vai ser consolidada. Na sua definição de pessoa é capital a noção de subsistência, aquela realidade que existe em e por si mesma e não noutra⁸⁷. Pessoa « significat id quod est perfectissimum in tota natura, scilicet subsistens in rationali natura»⁸⁸. Uma consequência desta definição e conceção de pessoa é a exclusão explícita da relação como constituinte da pessoa. “A pessoa em Deus não significa o mesmo que no homem. Em Deus a pessoa divina significa a relação enquanto subsistente” o que não acontece nas criaturas⁸⁹, na pessoa humana.

Para São Tomás o homem é o encontro do mundo espiritual e o mundo corporal, mas no mundo criado. O retorno da criatura ao seu criador é uma realidade do homem voltar a Deus, é tratado na II parte da Suma Teológica.

Deus faz o homem à imagem de Deus. Pois é um composto de matéria e forma, a matéria pelo princípio indeterminado da pluralidade, da dispersão e da corruptibilidade, a forma é o princípio da determinação, atualização e especificação.

⁸³ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrea, 1988, p. 159.

⁸⁴ Lectura I, dist. 2, pars 2, q.1-4. A “pessoa é a substância incomunicável de natureza racional”. In Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrea, 1988, p. 158

⁸⁵ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrea, 1988, p. 160.

⁸⁶ Ibidem, p. 159.

⁸⁷ TOMÁS AQUINO, *Summa Theologica* – I, q. 29, a.2. *Est Suuna UCS*, Brasil, 1980

⁸⁸ Op cit. *Summa Theologica* – I, q. 29, a.3. *Est Suuna UCS*, Brasil, 1980. “Pessoa é o mais perfeito de toda a natureza, a saber, o ser subsistente numa natureza racional”.

⁸⁹ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrea, 1988, p. 159.



Pois o ser material é dos seres, a forma domina a matéria e lhe dá uma especificidade.⁹⁰

No ser vivo, a forma, é da alma, princípio vital que lhe dá a multiplicidade material, que a forma numa unidade, apresentando uma “vitória” sobre a forma. No ser animal a forma é um princípio físico, que dá ao ser vivo a sensibilidade. No homem a forma, a alma, é espiritual.

É em efeito por ela mesma o princípio duma atividade que não é material, transcende toda a ordem da matéria, porque é o consciente, amor e liberdade.

O princípio duma operação imaterial provem necessariamente do imaterial, pois ele não é da matéria, mas do pensamento e do espírito do homem, é a imagem de Deus, é uma alma. É a forma de uma matéria ao serviço do seu caminho e destino do espírito.

São Tomás não aceita a pluralidade dos princípios formais no mesmo ser, pois seria a destruição da unidade substancial. Contudo explicita uma dupla natureza do homem. O homem depende por ele e do corpo, isto é, da lei da natureza, e pelo espiritual, da razão e da liberdade. Contudo o mistério do homem é um só e única natureza pela fé, sendo inseparável dos dois mundos.

O homem é como outro ser na matéria, mas tem em si um princípio animador, no seu todo. Assim quando o homem pensa é o composto de todo o seu interior que pensa, sendo a atividade própria da alma.

Pois o homem é um composto unitário entre a matéria e a alma, criados por Deus. Na alma o seu pensamento e atividade são à imagem de Deus.

O homem é a união do material e do espiritual, mas toda a substância espiritual subsiste por si mesmo. “A alma tem ser subsistente, enquanto o seu ser não depende do corpo porque está acima da matéria corpórea”⁹¹.

Daí que o homem é composto de matéria e forma, de corpo e alma, este composto diferencia-o dos outros seres, tornando-o pessoa.

Pois esta é a individualização mais profunda do ser, que é pessoa. Como diz São Tomás “O homem cria seres iguais a si especificamente. Portanto, as notas que pertencem a um indivíduo enquanto singular como os atos pessoais e as coisas que lhe são próprias, não se transmitem de pais para filhos. Não há gramático que crie filhos conhecedores da sua gramática. Os elementos que pertencem à natureza passam dos pais para filhos (...) mas não as coisas puramente pessoais”.⁹²

⁹⁰TOMÁS AQUINO, *Summa Theologica* – I, q. 76, a 1. *Est Suuna* UCS, Brasil, 1980

⁹¹TOMÁS AQUINO, *De Spiritualibus Creaturis* – 9, a 2. *Est Suuna* UCS, Brasil, 1980.

⁹²TOMÁS AQUINO, *Summa Theologica* – I – II, q. 81, a 2. *Est Suuna* UCS, Brasil, 1980.



O ser pertence à mesma constituição da pessoa, a natureza racional é o constitutivo material e o ser o constitutivo formal, de maneira que o princípio personificador é a raiz e origem de todas as perfeições da pessoa, é o seu ser próprio. A personalidade, que converte a natureza em pessoa, faz com que esta seja distinta dos outros entes substanciais, é o ser.

Segundo a metafísica de São Tomás, todas as perfeições do ente, que são expressas pela sua essência, se resolvem em último termo em ato de ser. A pessoa sem a mediação de algo essencial, diretamente refere-se ao ser. Deve compreender-se como vinculada ao ser e aos transcendentais que este princípio básico funda, a unidade, a verdade e a bondade, neste sentido a pessoa tem um carácter transcendental. Sem designar diretamente a natureza participante do ser e da unidade, verdade e bondade. O ser próprio de cada pessoa é o que lhe dá o seu carácter permanente, atual e em igual grau.

Para São Tomás a pessoa é uma substância completa em que se destaca diretamente o ser próprio. A pessoa é também a incomunicabilidade, o ser menos comum na ordem metafísica, mas o mais comunicável intencionalmente pelo entendimento e o amor.

O ser de pessoa é o mais individual de tudo, porque o ser pessoal faz com que cada pessoa se posa a si mesma, por meio do seu entendimento e por meio da sua vontade, tal posicionamento intelectual e amoroso, revela uma suprema individualidade.

Afirma São Tomás que “de um modo mais especial e perfeito se encontra o particular e individual nas substâncias racionais, que têm o domínio dos seus atos, não só são movidas, como as demais, sem que também façam por si, as ações estão no singular. Portanto, de entre as outras substâncias, os singulares da natureza racional têm um nome especial e este é pessoa.”⁹³

Por último, na noção de pessoa, na qual se expressa diretamente o ser, se alude igualmente o modo imediato ao ser participado num grau máximo, o do espírito. A pessoa caminha retamente ao máximo nível da perfeição, dignidade e nobreza, muito superior à sua natureza. Por conseguinte a pessoa indica o mais digno e o mais perfeito da realidade. “A pessoa significa o mais perfeito do que há em toda a natureza”⁹⁴ e “o mais digno de toda a natureza”⁹⁵. Há imagem de Deus.

Em “Deus há três pessoas distintas Pai, Filho e Espírito Santo, tal como ensina a fé que se identifica numa mesma essência divina, num só Deus. De maneira que se

⁹³ TOMÁS AQUINO, *Summa Theologica* – I, q. 29, a 1. *Est Suuna* UCS, Brasil, 1980.

⁹⁴ *Ibidem*, a 3.

⁹⁵ TOMÁS AQUINO, *De Potentia* – I, q. 9, a 3. *Est Suuna* UCS, Brasil, 1980.



pode dizer que Deus é Pai, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus. As três Pessoas Divinas são Deus de maneira absoluta e comum, daí que não é possível dizer que as Pessoas Divinas se distinguem umas das outras por algo absoluto, porque se segue que não seria uma mesma a essência das três, posto que tudo o que é absoluto em Deus pertence à unidade da essência. Só pelas relações entre si se distinguem as pessoas.”⁹⁶

Mas na relação, o Pai não é o Filho, o Pai não é o Espírito, e o Filho não é o Espírito, pois a simplicidade divina exige que as relações divinas sejam idênticas à sua essência. A relação em Deus é o mesmo realmente com a sua essência.

Vemos pois a diferença entre as pessoas da natureza e das pessoas da divindade, da Trindade, pois estas ajudam as da natureza.

A perfeição do homem é tríplice, em primeiro lugar por ter uma natureza racional, que faz com que as suas faculdades tenham um alcance universal, fazendo a verdade e o bem, sendo distinto das naturezas viventes infra humanas, como os animais e as plantas. Em segundo é perfeito por ser pessoa. E em terceiro por ter uma ética, pois o homem abre-se e projeta-se a muitas possibilidades e relações. Graças ao seu ser pessoal e à sua natureza racional pode obrar de acordo com as suas perfeições, pois pela sua ordem natural está projetada a fazer o bem e a fazer a verdade, nestas ações se desenrola a sua humanidade e personalidade.

A pessoa humana quer, pela sua natureza o bem supremo, que a perfeição leva à sua plenitude, e portanto lhe proporciona a felicidade. Pois à vontade humana apetece necessariamente a felicidade, “ a vontade pode inclinar-se às coisas opostas, enquanto as coisas que são para o fim, mas no que diz respeito ao fim último se dirige a ele por necessidade natural, como a evidência o feito de que o homem não pode deixar de ser feliz”.⁹⁷

Contudo a felicidade não se identifica com o deleite e com o prazer, pois estes podem ser iscos para o pecado, levando à queda da desumanização e o erro e o mal não humanizam.

Além destas características para a sua perfeição o homem é dotado da graça divina, realidade sobrenatural. A graça de Deus é a mais importante de qualquer realidade do universo. Pois é mais valiosa que o homem com a sua dignidade pessoal e moral. Afirma São Tomás que “ o bem da graça de um é maior que o bem natural de todo o universo”.⁹⁸

⁹⁶ TOMÁS AQUINO, *Summa Theologica* – I, q. 36, a 2. *Est Suuna* UCS, Brasil, 1980.

⁹⁷ *Ibidem*, I-II, q. 5, a 4.

⁹⁸ *Ibidem*, I-II, q. 113, a 9.



O dom da graça é uma realidade criada, distinta de Deus e das Pessoas Divinas, pois o dom maravilhoso da graça é causado por Deus e inerente ao homem, que o redime e santifica, capacitando-o para agir adequadamente ao fim sobrenatural que é Deus.

A graça não é uma substância, mas uma qualidade espiritual, esta qualidade, que transcende todo o natural, afeta vitalmente a alma espiritual do homem. É infundida como uma qualidade permanente, é a graça habitual, como a graça do transeunte é a graça atual. A graça habitual é a graça santificante que reside na essência da alma.

A graça proporciona a deificação e filiação divina do homem e a restauração e renovação da imagem de Deus, pois comunica a realidade divina numa certa proporção e não na sua totalidade. O homem com a graça é imagem de Deus sobrenaturalmente.

“No homem existe certa semelhança imperfeita com Deus, enquanto criado à sua imagem e enquanto de novo criado segundo semelhança da graça (...) mediante a graça, se assemelha a Deus”⁹⁹.

O homem, mais propriamente a alma, sofreu uma transformação da graça, tendo uma especial presença das Pessoas Divinas pelo mistério da habitação da santíssima Trindade.

“Deus está em todas as partes por potência enquanto todos estão submetidos ao seu poder. Está por essência enquanto está em todos como causa do seu ser.”¹⁰⁰

A graça pertence à ordem divina, tendo relação com o natural, mas esta não anula a natureza do homem, pelo contrário a aperfeiçoa, daí que todas as realidades podem ser utilizadas legitimamente e têm a possibilidade de ser ordenadas ao fim último sobrenatural.

A graça unicamente não se une com o que é anti natural, pois tudo pode ser salvo pela graça, e ser apto para se constituir instrumento da salvação. A graça restaura a natureza, porque o homem necessita da graça para curar a sua natureza, caída em pecado¹⁰¹.

No estado da natureza caída, pelo pecado, desaparece toda a harmonia e o homem cai submetido à luta das suas faculdades, que se rebelam contra a razão, porque o homem continua sendo homem com a sua mesma natureza e faculdades, contudo estas caíram afetadas no seu funcionamento, diminuindo a sua inclinação natural para o bem.

⁹⁹ Ibidem, III, q.32, a 3.

¹⁰⁰ Ibidem, I, q.8, a 3.

¹⁰¹ Ibidem, I-II, q. 109, a 3.



A concepção da antropologia da pessoa tricotada pela filosofia medieval não deixa de demarcar a dimensão substancial em prejuízo da relacional. A ausência da dimensão relacional fez cair a antropologia numa solidão individualista e subjetivista de definição da pessoa.

2.1.4 Com a Teologia Moderna e Contemporânea

Na teologia Moderna e Contemporânea, o percurso da filosofia moderna não fará mais senão reforçar a concepção da filosofia medieval.

Para «Emill Brunner – “Imago Dei” é o ponto de contacto da Divindade no Homem e que capacita o Homem a receber a Palavra, podendo aceitá-la ou não. É um retorno à posição tomista»¹⁰².

Para «Karl Barth – Há uma contradição na doutrina barthiana da “Imago Dei”. A Total Corrupção do Homem é em função da perda da “Imago Dei” segundo Römerbrief. Mas, segundo Kirchliche Dogmatik, a bondade essencial do homem não pode ser destruída. Em suma, no Comentário de Romanos, Karl Barth diz que o Homem deixou de ser Ícone de Deus e de ter a Essência de Deus; na Dogmática Eclesiástica ele afirma que o Homem apenas deixou de ser Ícone mas nele reside a Essência porém, diferente de Brunner, ela está incognoscível e não serve de "ponto de contato"»¹⁰³.

Para «John Dagg – A expressão "Imagem de Deus" inclui o domínio do Homem sobre os animais e, em estrutura familiar, o homem como Cabeça da mulher, imagem de Deus (I Cor. 11:7), Ícone do Governante Supremo, o Homem é o Senhor da Terra. A alma humana traz a "Essência de Deus": Espiritualidade e Imortalidade. A Essência, com a Queda, ficou ofuscada e o carácter de Ícone foi perdido. Desde então todos os gerados trazem a imagem do Pai Adão decaído e a sua essência depravada»¹⁰⁴.

Segundo «Paul C. Guiley – A “Imago Dei” manifesta-se através da Inteligência, Emoções e Livre Arbítrio e a pessoa do Homem criado por Deus é a Imagem de Deus. Pela Queda, a sua inteligência foi entenebrecida, as suas emoções pervertidas e seu livre arbítrio anulado. Não há no Homem nenhuma possibilidade de esperança. Ele é

¹⁰² <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>

¹⁰³ <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>

¹⁰⁴ <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>



agora totalmente depravado, possuidor duma natureza caída, morto em delitos e pecados, sem Deus e sem esperança no mundo. Logo, a Imago Dei foi anulada ou negativizada, não tem o efeito original»¹⁰⁵.

A egologia cartesiana vê o ser humano como um sujeito relacionado consigo mesmo e unicamente consigo próprio, o sujeito que pensa em seu pensar apercebe-se como realmente distinto do seu corpo, a pessoa deixa de ser uma magnitude ontológica para se reduzir ao dado psicológico¹⁰⁶. Com esta redução do eu para a consciência inicia-se o processo de perda da pessoa, que em Hume conduzirá a ver na consciência humana um simples “faz coleção de percepções”¹⁰⁷.

Com a fenomenologia de Husserl, temos o destaque do ser humano da sua condição de sujeito frente aos objetos, sobre tudo, do eu frente a um tu, “tudo o que para o sujeito é originalmente própria, forma e unidade com ele e pertence, por tanto, à esfera do eu. Toda outra coisa está frente a ele”¹⁰⁸. Com a fenomenologia husserliana a condição pessoal do homem é realidade através da recuperação da categoria de relação inter humana. Porém, para o personalismo de Max Sheler, o momento fundacional da pessoa são as relações essenciais com o mundo, com Deus, com o próprio corpo e com os outros, com quem forma comunidade. “O valor da pessoa é superior a todos os valores das coisas, organizações e comunidades”¹⁰⁹, por pessoa entende-se “a unidade de ser concreto e essencial... que funda todos os atos”¹¹⁰.

O idealismo alemão sacrificará o eu pessoal ao espírito absoluto, o marxismo ocultará a subjetividade da pessoa no anonimato do coletivo social. Verifica-se uma redutibilidade da essência perante a existência¹¹¹.

Contudo a pessoa é especificada pela relação, “no homem, a realidade pessoal abarca a natureza, todavia não se especifica por ela, mas sim – como ocorre no ser pessoal divino – pela relação”¹¹². O homem é pessoa, pela sua referência originária a Deus. A relação da pessoa com Deus constitui o fundamento de todas as demais relações, é a relação subsistente da pessoa. Desta relação subsistente fundamental

¹⁰⁵ <http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>

¹⁰⁶ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrrea, 1988, p. 161.

¹⁰⁷ *Treatise* – I, 1,6. Citado por Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrrea, 1988, p. 162.

¹⁰⁸ HUSSERL, E. – *Idenn zu einer rein Phanomenologie und phanomenologischen Philodophie II*. La Haya, 1952, Beilage VII. Citado por Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrrea, 1988, p. 162.

¹⁰⁹ SCHELER, M. – *Ética*. Madrid, 1941. Citado por Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*, Santander, Sal térrrea, 1988, p. 163.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan I. – *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*. Santander, Sal térrrea, 1988, p. 167-171.

¹¹² Ibidem, p. 165.



possibilita à pessoa expressar a sua relação com os outros e com o mundo¹¹³. Ser pessoa é uma categoria teológica e dialógica. Isto é, ser pessoa de relação, diálogo, com um tu/outros, que é constituinte das capacidades do homem, é enraizada na primeira condição de Imago Dei, a “disponibilidade para um tu, no qual reconheço a mesma absoluta validade que a mim me incumbe enquanto efeito da suprema liberalidade de Deus”¹¹⁴. A referência ao outro constitui um dado primário da condição humana. Ninguém, enquanto ser pessoa, adquire identidade própria se não na relação com o outro/outros, estruturando a sua personalidade através de laços de pertença a uma comunidade, a um meio, a uma trama relacional/social, friamente “o meio faz o homem”.

2.1.5 No Concílio Vaticano II

Com o Concílio Vaticano II a dimensão do ser pessoa, também foi preocupação nas ordens laborais do grupo eclesial reunido. Na GS a preocupação de reflexão é formulada nos seguintes termos: “trata-se de salvar a pessoa do homem e de restaurar a sociedade humana. Por isso, o homem será o fulcro de toda a nossa exposição: o homem na sua unidade e integridade: o corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade”¹¹⁵. Esta vontade de refletir a condição humana está bem explícita na formulação da pergunta “que é o homem?”¹¹⁶, esta mesma questão volta a formar-se no início do capítulo I¹¹⁷.

Para o esclarecimento do mistério desta interrogação, que se colocou no Concílio, conta com o ponto de partida da forma bíblica de “que é o homem?”, o homem é imagem de Deus¹¹⁸. Com este ponto de partida o concílio expressa a relação fundamental do homem a Deus, demonstrando a sua “capacidade de conhecer e amar o seu criador” desta capacidade advém a relação com o mundo, “constituído senhor de todas as criaturas terrenas, para as dominar”¹¹⁹, e dando-lhe superioridade qualitativa em relação às restantes criaturas.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Ibidem, p. 183.

¹¹⁵ GS, nº 3.

¹¹⁶ GS, nº 10,1

¹¹⁷ GS, nº 12,2

¹¹⁸ GS, nº 12,3

¹¹⁹ GS, nº 12,3



Um ponto de chegada é o mistério do verbo encarnado “na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente”¹²⁰.

Na relação, existente, a Deus encontra-se “a razão mais sublime da dignidade homem”¹²¹. Porque é sujeito de um diálogo do amor divino. Assim ao homem se deve um absoluto respeito. O homem é uma magnitude inviolável, quando se atenta, de alguma forma, contra a pessoa do homem é simultaneamente um atentado à “honra devida ao criador”¹²². A maior demonstração desta posição do concílio é a de afirmar que não há “nenhuma lei humana que salvguarde tão perfeitamente a dignidade pessoal e a liberdade do homem como o Evangelho de Cristo, confiado à igreja de Deus. Pois este evangelho anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus”¹²³ que é toda a pessoa na sua humanidade.

O homem, ser uno, composto de corpo e alma, não é “simples parcela da natureza ou anónimo elemento da cidade dos homens”¹²⁴. A situação pessoal do homem é primaz sobre qualquer outra, seja ela de ordem real, seja ela de ordem social. A excelsa “dignidade da pessoa humana, por ser superior a todas as coisa e os seus direitos e deveres serem universais e invioláveis”¹²⁵.

No capítulo II, da *Gaudium et Spes*, reflete-se a relação interpessoal criada do homem, o homem desde sempre é uma pessoa de relações. Servindo de ponto de partida o acto criador de Deus, “mas Deus não criou o homem sozinho. Desde o princípio o fez homem e mulher”¹²⁶. Esta expressão é a primeira demonstração da comunhão entre as pessoas humanas. O homem é, por essência natural criada, um ser social, um ser de relações. Não pode demonstrar toda a sua vivência, nem todos os seus dotes sem estar e permitir ser relação com os outros¹²⁷. O homem deve “considerar o próximo, sem exceção, como um «outro eu», tendo em conta a sua vida”¹²⁸.

O capítulo conciliar do Vaticano II, *Gudium et Spes*, sobre a pessoa marca o desenrolar teológico, sobre a antropologia, anteriormente exposto. O homem é um ser pessoal enquanto ser de relação. A relação com Deus é a primeira e fundamente a relação com o mundo no ato de superioridade e a relação com o tu num ato de igualdade. Enquanto que, o elemento subsistente da pessoa humana, na sua

¹²⁰ GS, nº 22

¹²¹ GS, nº 19,1

¹²² GS, nº 27,3 ad finem

¹²³ GS, nº 41,2

¹²⁴ GS, nº 14,2

¹²⁵ GS, nº26,2

¹²⁶ Gn 1,27

¹²⁷ GS, nº12,4

¹²⁸ GS, nº 27,1



natureza, descreve-se como “ser uno, composto de corpo e alma”¹²⁹, com elementos do material, mundo, e espiritual, divino. A pessoa é uma totalidade e não um conjunto de parcelas.

3 – A Pessoa com Deficiência

A sociedade humana, teve, tem e terá presente, pessoas com deficiência. A deficiência no ser humano, seja qual for a sua dimensão, não é um tema novo, nem vai terminar por aqui. É uma realidade que não se pode retirar do âmbito da relação social, é uma constante ao longo da história humana. Mas o reconhecimento dos direitos e deveres da pessoa com deficiência, e a sua inserção social tem sido um processo moroso.

A sociedade mobiliza-se, em parte, em torno da questão da pessoa com deficiência. Disso é resultado a ideia de proteção, que existe, no texto constitucional¹³⁰. A Constituição ao tentar legitimar, com e por leis, os direitos das pessoas com deficiência, “descuro”, que o problema das pessoas com deficiência, não se restringe à proteção legal, mas sim a uma integração social¹³¹. A questão, da pessoa com deficiência, não se limita à proteção do estado, apesar de ser “balizante”, mas sim à relação que o portador com deficiência tem com o meio que o rodeia. A convivência com o social é uma barreira que não se conseguiu, ainda, ultrapassar, e sendo mais pessimista, se calhar tardiamente se vai conseguir superar.

Esta superação tem as suas barreiras no confronto das pessoas, com e sem deficiência. Pois nem todas as pessoas estão preparadas para terem uma prosa com um alguém portador de deficiência, e, vice-versa. Na relação com a pessoa portadora de deficiência frequentemente se tem presente, a ideia, de que o deficiente (é aquele ou aquela) sofre de um mal que o afeta no dia-a-dia.

Nesta relação, o deficiente, apercebe-se deste carisma, a pessoa com deficiência “retrata-se” no outro como “o coitadinho”. Por mais ponderada que se sinta

¹²⁹ GS, nº14,1

¹³⁰ Constituição da República Portuguesa - Artigo 71º. 1º- os cidadãos portadores de deficiência física ou mental gozam plenamente dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição, com ressalva do exercício ou do cumprimento daqueles para os quais se encontrem incapacitados. 2º- o Estado obriga-se a realizar uma política de prevenção e de tratamento, reabilitação e integração dos cidadãos portadores de deficiência e de apoio às suas famílias, a desenvolver uma pedagogia que sensibiliza a sociedade quanto aos deveres de respeito e solidariedade para com eles e assumir o encargo da afectividade realização dos seus direitos, sem prejuízo dos direitos e deveres dos pais ou tutores.

¹³¹ É necessário verificar que sem Lei não há enquadramento para a inclusão social, a lei é necessária para que a relação com o social seja verdadeira.



a pessoa, na relação com a deficiência, o portador da deficiência notará, se calhar, uma certa ansiedade e desconforto na “ilegítima” naturalidade da relação.

“a necessidade de lidar tanto com a incompetência como com o estigma está presente em qualquer tipo de sociedade, uma vez que as sociedades não podem deixar de se preocupar com a incapacidade dos seus elementos. Tal como não se conseguem deixar de estigmatizar alguns, se não todos, os seus elementos menos capazes. É pois inevitável que algumas pessoas, seja em que sociedade for, sejam simultaneamente incompetentes e estigmatizadas”¹³²

Mas antes de procedermos a uma reflexão da inserção em pleno direito do “diferente” na sociedade, será necessário perceber qual o significado da palavra deficiência.

“até bem recentemente, o termo deficiente era vulgarmente aplicado a pessoas portadoras de deficiência. Porém, esta expressão embarga consigo uma forte carga negativa depreciativa da pessoa, pelo que foi, ao longo dos anos, cada vez mais rejeitado pelos especialistas da área e, em especial, pelos próprios portadores. Atualmente, a palavra é considerada como inadequada e estimuladora do preconceito a respeito do valor integral da pessoa”¹³³.

3.1 Qual é o Significado da Palavra Deficiente?

Mesmo que seja declarado pela Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência que, o termo, deficiência “é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com incapacidades e barreiras comportamentais e ambientais que impedem a sua participação plena e efetiva na sociedade em condições de igualdade com as outras pessoas;¹³⁴” ainda há muito a fazer como se pode verificar nas seguintes definições.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, deficiência é o substantivo atribuído a toda a perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica. Refere-se à biologia do ser humano.¹³⁵

“Deficiência é o termo usado para definir a ausência ou disfunção de uma estrutura psíquica, fisiológica ou anatómica. Diz respeito à atividade exercida pela

¹³² EDGERTON, R. B. *The Cloak of competence: Stigma in the lives of the mentaly retarded*, Berkeley, CA University of California Press, 1967, p. 218. Citado por KAUFFMAN, James M. e LOPES, João A. *Pode a Educação Especial Deixar de ser especial?*, Braga, Psiquilibros edições, 2007, p. 14.

¹³³ <http://deficiencia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1364432068>

¹³⁴ *Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência, instituto nacional para a reabilitação*, I.P, Lisboa, 2010, p.

9

¹³⁵ <http://deficiencia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1364432068>



biologia da pessoa humana. Esse conceito foi definido pela organização mundial de saúde. A expressão, *pessoa com deficiência*, pode ser aplicada referindo-se a qualquer pessoa que vivencie uma deficiência continuamente. Contudo, há que se observar que, em contextos legais, ela é utilizada de uma forma mais restrita e refere-se a pessoas que estão sob o amparo de uma determinada legislação¹³⁶.

No dicionário Houaiss temos a definição para a palavra deficiência como “insuficiência ou ausência de funcionamento de um órgão; insuficiência de uma função psíquica ou intelectual; perda de quantidade ou qualidade; falta, carência; perda de valor; falha, fraqueza”¹³⁷. No dicionário, em braille, do centro de Prof. Albuquerque e Castro, temos as seguintes definições para a palavra deficiência: “falta, lacuna, imperfeição; insuficiência, insuficiente, imperfeito”¹³⁸.

Seja qual for o caminho, percorrido, para entendermos ou percebermos os significados do vocábulo deficiência, vamos encontrar o mesmo estilo de definição. Depreende-se destas definições sobre a deficiência que existe uma visão negativa da pessoa portadora da diferença, contradizendo os valores vigorantes na sociedade, e principalmente, proclamados no ano de 1981 por parte da assembleia-geral da ONU¹³⁹.

Como se verificou no campo da pessoa, as qualidades humanas, seriam, a auto-suficiência e a eficiência a todos as “categorias” do “animal” humano. Aqueles que são vistos com uma ou várias “lacunas”, da normalidade “animal” humana, são “olhados” como tendo as suas funções impossibilitadas. A pessoa que tenha uma limitação física é, socialmente, “confundida” como classe desfavorecida, e por esse motivo, na maior parte das vezes, excluída das suas competências sociais. O ser deficiente, é por assim dizer, um ser incapaz de realizar o que a sociedade “configurou” para a pessoa.

“As pessoas anseiam cobrir-se com uma capa de competência protetora. Para se sentirem melhor, tentam encontrar tais capas. Porém, as capas com que pensam proteger-se são de tal forma esfarrapadas e transparentes, que expõem de forma ainda mais evidente a incompetência de quem as usa. De certo modo as pessoas com deficiência são como o rei do conto que julgava que usava as vestes mais elegantes do reino, mas de facto ia nu”¹⁴⁰.

¹³⁶ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Defici%C3%Aancia>

¹³⁷ Dicionário Houaiss.

¹³⁸ <http://eltonvca.blogspot.pt/>

¹³⁹ Nota Pastoral da Conferencia Episcopal Portuguesa, *As pessoas com deficiência – Cidadãos em pleno direito*, Lisboa, 1/ 2003, pp. 3

¹⁴⁰ EDGERTON, R. B. *The Cloak of competence*, Berkeley, CA University of California Press, 1967, p. 218. Citado por KAUFFMAN, James M. e LOPES, João A. *Pode a Educação Especial Deixar de ser especial?*, Braga, Psiquibros edições, 2007, p. 14.



O declínio das qualidades humanas, de andar, ver, ouvir, pensar, etc, conduz a um entendimento de imperfeição ao nível do desempenho, a uma angústia ou resistência. Percebe-se que a sociedade como “coletividade”, tendo a sua estrutura alicerçada no que é unanimemente aceite. As pessoas estão, portanto, conformes e dispostas a defender e a inculcar as normas pelas quais foram regidas e que se regem. Qualquer anormalidade ou doença é tida, pelo social, como sinal de alarme e de decadência¹⁴¹. As pessoas, são por assim dizer, levadas, numa sociedade estagnada nos valores e crenças, a criar estigmas pelos que são diferentes ou aqueles que são deficientes.

É necessário frisar que a falha, ou falta, de coerência na definição da pessoa com deficiência, não se situa no indivíduo com uma “maleita”, mas sim no relacionamento que tem com os “demais normais”. O que caracteriza a pessoa com deficiência, além da sua falta, sensorial, motora e mental, é a grande dificuldade que tem de conviver e inserir na sociedade. Esta “decapitação” de convivência social e comunitária definirá quem é ou não deficiente.

“O infortúnio de ter uma deficiência não implica que as vidas fiquem arruinadas ou que uma pessoa com deficiência não possa vivenciar momentos de concretização pessoal e de alegria com aqueles que o rodeiam. Contudo, uma deficiência não é algo desejável, mas sim uma realidade a evitar sempre que possível. À negação da deficiência enquanto grave adversidade, segue-se normalmente a paralisia da ação, uma entrega, uma entrega à passividade e a garantia de que os outros sofrerão adversidades que poderiam ter sido evitadas”¹⁴².

A deficiência é um assunto que trespassa toda e cada sociedade, dada a sua transversalidade social, cultural e política.

3.2 Quem é Considerado Deficiente.

A expressão “pessoa com deficiência” pode ser atribuída a pessoas portadoras de qualquer tipo de deficiência. Mas em termos legais, esta expressão é aplicada de um modo mais restrito e refere-se, unicamente, a pessoas que se encontram sob o amparo de determinada legislação¹⁴³. Como se tem reparado, com as diversas

¹⁴¹ <http://eltonvca.blogspot.pt/>

¹⁴² KAUFFMAN, James M. e LOPES, João A. *Pode a Educação Especial Deixar de ser especial?*, Braga, Psiquilíbros edições, 2007, p. 16.

¹⁴³ <http://deficiencia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1364432068>



alterações, à legislação portuguesa, só é deficiente, ou é “pessoa com deficiência”, quem comprova a sua diferença socialmente, isto em questões burocráticas. Além de sabermos que não é assim, quer haja prova ou não, a deficiência existe para além do enquadramento legal.

A declaração dos direitos das pessoas deficientes declara que a “pessoa deficiente” refere-se a qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência, congénita ou não, nas suas capacidades físicas ou mentais¹⁴⁴.

3.3 A Pessoa com Deficiência e a Relação com o Meio Envolve.

Em todas as nações em que existe pessoas, existe a “problemática” da deficiência, é inabitável o debate acerca do tipo de linguagem que melhor define o tipo de deficiência. Na maioria das vezes, corre-se o caminho mais fácil, o de ignorar as deficiências, ou seja, evitar qualquer terminologia específica para as qualificar, ou em alternativa, recorre-se a classificações, vocábulos, para as designar. Este último caso, provoca, um nervoso miudinho, na questão da escolha das palavras mais apropriadas.

Apesar de haver quem defenda que as classificações, propriamente ditas, são parte do problema e não da solução. É necessário ter em conta, que o verdadeiro problema não reside nas palavras, “infortúnios descritivos”, mas nas figurações que a maioria dos “vivos e solidários sociais” associam aos vocábulos¹⁴⁵.

As palavras são a experiência exterior do fenómeno, as vestes coloridas do “problema”, que pretendem explicar e dar significado. Claro que é importante a roupagem com que “vestimos” a deficiência, mas também é importante a sua utilização para classificar as intervenções e ações. O que se faz relativamente às deficiências deve ser muito prático, pelo que as intervenções devem ser descritas de forma direta e útil.

“as exigências dos objetivos e programas educacionais alternativos para os alunos com deficiências devem ser explícitas”... As pessoas com deficiências “diferem significativamente das pessoas modais ou típicos, do que resulta o seu inevitável

¹⁴⁴ *Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência*. Lisboa, Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., 2010, p. 9.

¹⁴⁵ Cf. KAUFFMAN, James M. e LOPES, João A. *Pode a Educação Especial Deixar de ser especial?*, Braga, Psiquilibros edições, 2007, p. 11.



fracasso se forem sujeitos a objetivos e a programas educacionais estandardizados... Os procedimentos relativos às decisões devem ser explícitos e não dissimulados."¹⁴⁶

As intervenções eficazes baseiam-se em factos científicos comprovados e os termos utilizados na descrição das deficiências e das intervenções nelas associadas devem ser completamente compreensíveis. Ninguém beneficia com recursos e métodos de intervenção inadequados. Mas pior que isso, é haver quem incite a usar métodos que escondem mais do que a ignorância¹⁴⁷.

*"A necessidade de lidar tanto com a incompetência como com o estigma está presente em qualquer tipo de sociedade, uma vez que as sociedades não podem deixar de se preocupar com a incapacidade dos seus elementos. Tal como não conseguem deixar de estigmatizar alguns, senão todos, os seus elementos menos capazes. É pois inevitável que algumas pessoas, seja em que sociedade for, sejam simultaneamente incompetentes e estigmatizadas"*¹⁴⁸.

3.3.1 O Estigma da Diferença na Sociedade.

"Um dia os pés e as mãos acusaram o ventre dizendo:

- Nós andamos sempre em grande trabalho de cá para lá, e o ventre, ocioso, tudo nos come: nunca se farta nem contenta. Pois bem: não lhe demos de comer!

Assim fizeram. O ventre começou a ter fome, e disse às mãos e aos pés:

- Amigos, dai-me de comer: ajudai-me, porque eu morro de fome.

As mãos e os pés responderam:

-Se queres comer, trabalha como nós fazemos.

Nesta disputa estiveram por espaço de muitos dias, até que os pés começaram a enfraquecer, o mesmo sucedeu às mãos.

E os pés disseram:

- Não podemos andar!

E as mãos responderam:

- Não podemos trabalhar!

¹⁴⁶ Ibidem, pp. 39-54.

¹⁴⁷ Ibidem, pp. 13 – 14.

¹⁴⁸ EDGERTON, R. B. *The Cloak of competence: stigma in the lives of the mentally retarded*. Berkeley, CA: University of California Press, 1967, p. 218. Citado por KAUFFMAN, James M. e LOPES, João A. *Pode a Educação Especial Deixar de ser especial?*, Braga, Psiquibros edições, 2007, p. 14



Reconhecendo já tarde o seu erro, as mãos pegaram em pão para levar à boca, mas a boca e todo o corpo eram já postos em tanta fraqueza, que os dentes nem sequer se puderam abrir:

*Por causa daquela porfia morreu o corpo e com ele os pés e as mãos, que supunham poder sustentar-se sem ajuda de ninguém.*¹⁴⁹

Ter um comportamento ético implica mais do que simplesmente observar as leis e os princípios. Um espírito indisciplinado é como um elefante, se o deixarmos à solta ele causa muitos estragos. Os danos e o sofrimento que resultam da falta de controlo dos impulsos negativos do espírito, vão para além, dos estragos, do elefante¹⁵⁰. Quando negligenciamos o bem-estar dos outros e ignoramos a dimensão das ações, privadas ou coletivas, podemos separarmo-nos dos interesses alheios. A responsabilidade civil é de todos, devemos beneficiar os outros. Para ultrapassar o ato de ignorar as necessidades e direitos dos outros, devemos ter sempre consciência que somos todos iguais¹⁵¹.

Nesta igualdade, é perspicaz, o sentido de responsabilidade na relação social, isto é, há o dever de cuidar dos outros e de cada membro da nossa sociedade.

*“A lesão objetivamente definida de uma estrutura ou função é uma incapacidade. A perda da visão de uma vista ou da audição de um ouvido, é uma incapacidade, mas pode não constituir uma inferioridade (...) A inferioridade está em função da situação. Um cego não está inferiorizado no escuro, nem na execução de trabalhos que não requerem visão. (...) Incapacidade consiste na diminuição objetivamente definida de uma estrutura ou função: inferioridade é a soma total das limitações pessoais e sociais decorrentes de uma incapacidade. Não existe relação de um e para um entre incapacidade e inferioridade”*¹⁵².

Quando se fala de deficiência, vem-nos à imagem, quase de imediato, alguém com problemas físicos, ou a surdez ou a cegueira. Um indivíduo incapaz de realizar o que nós pensamos conseguir executar, mas a pessoa numa cadeira de rodas, não realizará, tão bem, ou melhor, um ofício que não seja necessário a deslocação da pessoa para a realização da tarefa?

Quando se pretende minimizar ou delimitar o problema da deficiência, aos refúgios que a sociedade, mais premente a sociedade “cocalizada”, foi fazendo ao

¹⁴⁹ LIMA, C. Pires e Lima Américo pires, *Leituras para o ensino Primário*, Porto, Porto Editora, 36ª ed. 1965, pp. 11-12.

¹⁵⁰ Cf. DALAI-LAMA, *Ética para o novo milénio*. Camarate, Circulo de Leitores, 2000, p.53.

¹⁵¹ Ibidem. p.98.

¹⁵² TELFOR. E. Charles & SAWREY, James, *O individuo excepcional*, Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Zahar, 1974, pp. 54 76. In <http://www.mp.rs.gov.br/dirhum/doutrina/id248.htm>



longo dos tempos, o estigma da deficiência é mais hodierno, intensificado, do que se possa imaginar.

Graças, aos acontecimentos que passou a humanidade, no decurso da sua evolução, nem sempre foi tida uma atitude mais responsável na relação, comunitária, com os outros. As pessoas quiseram apresentar sempre uma aparência de que as coisas estão bem, ou melhor, apresentar um cariz de competência ou dignidade. A sociedade não nasceu nem foi criada no espaço. Foram, todos, alimentados pelo leite e pelo afeto materno. Talvez o maior obstáculo à harmonia social seja a falta de apreciação do valor do outro que se apresenta à minha frente, com os seus defeitos e qualidades.

Desde os primórdios, do Homem enquanto sociedade, as pessoas portadoras de deficiência vêm-se marcadas, discriminadas, pelo estigma da diferença com que o corpo está marcado. Estes nascidos fora dos padrões “naturais da normalidade”, das características do antropológico, eram alvo de ações injustificadas, como são verificadas na sociedade Romana, Grega e Esparta, onde os natos com “anomalias” eram mortos ao nascerem.

No tempo romano o portador de deficiência, só tinha lugar de relevo no teatro, no papel de corcunda¹⁵³. Esta personagem tinha como objetivo a sátira e a comédia.

A palavra estigma (στίγμα) é do alfabeto grego, os helénicos definiam os sinais corporais, com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário, ou de mal sobre o status moral de quem era possuidor desses sinais.

“A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontrados.”¹⁵⁴

Historicamente, a deficiência está associada a uma situação de desvantagem. Refere-se a condições de situações de desequilíbrio, que só é possível num processo comparativo, aquela pessoa, com algum tipo de deficiência, na relação com os demais membros do seu grupo.

“O preconceito nada mais é que uma atitude favorável ou desfavorável, positiva ou negativa, anterior a qualquer conhecimento. (...) pode ser lastreado na aversão ao diferente, ao mutilado, ao deficiente – os estereótipos daí advindos serão: o deficiente é mau, é vilão, é asqueroso... ou o preconceito pode ser baseado em atitude de

¹⁵³ Cf. ALMENDRA, Maria Ana – *Publius et Terentia Latim 11º ano*. Coimbra, Livraria Arnado, 2000, p. 234

¹⁵⁴ Cf. GOFFMAN, E. *Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Brasil, Zahar Editoras, 1982, p. 11. Citado por COSTA, Valdelúcia Alves – *Diferença, desvio, preconceito e estigma: a questão da deficiência*, p.2.



*carácter comiserativo, de pena, de piedade: o deficiente é vítima, é sofredor, é prisioneiro... e assim por diante*¹⁵⁵.

No tempo das escravaturas, e não foram poucas, estigmatizavam-se os escravos, por um lado para demonstrar que era escravo, por outro quem era o seu senhor¹⁵⁶. Mas também criminosos eram estigmatizados, para se evitar o contacto com estes, visto que eram vistos como um mal da sociedade. O estigma é considerado quando há uma discrepância específica entre identidade social e a identidade social virtual. A identidade social, são os atributos que o indivíduo possui e a identidade social virtual, são os atributos, as exigências feitas ao indivíduo, ou seja, aquilo que poderia ser e que não é. Surge assim o estigma, quando temos um descrédito com o indivíduo, deixamos de considerá-lo como uma pessoa comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída¹⁵⁷. O estigma é um tipo especial de relação entre “atributos e estereótipos, podendo existir três tipos de estigma: por deformidades físicas, culpas de carácter individual e estigma tribais de raça, nação e religião”¹⁵⁸.

Na era cristã, temos dois tipos de professos estigmas, por um lado as referencias aos sinais corporais dos dons divinos, outro, alusão médica aos distúrbios físicos.

A estigmatização social consistia na separação do indivíduo, estigmatizado, do grupo. A sociedade exerce assim o seu, péfido, poder de categorizar as pessoas, estabelecer normas e de e firmar atributos tidos como normais, “um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e conceito...”¹⁵⁹

A exclusão faz parte da normal vivência das sociedades. As pessoas são discriminadas, excluídas de diversas formas de segregações com origem em preconceitos antigos. A exclusão é um processo histórico através do qual uma sociedade, exilava, isolava, segregava.

“A quantidade de pessoas mantidas no campo formavam-se de diferentes formas e dependia da necessidade de mãos para o trabalho. ... uma das partes do sector servia como campo de agrupamento de doentes ...os barracos de hospital

¹⁵⁵ AMARAL, Lúgia A. – *Conhecendo a deficiência; em companhia de Hércules*. São Paulo, Robe, 1995, pp. 9 e 205. Citado por COSTA, Valdelúcia Alves – *Diferença, desvio, preconceito e estigma: a questão da deficiência*, pp.2 e 4.

¹⁵⁶ Cf. GOFFMAN, E. *Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Brasil, Zahar Editoras, 1980, p. 11. Citado por SILVA,, Vanessa Caroline & MOREIRA, Laura Ceretta – *Currículo na escola inclusiva: o estigma da diferença*. p. 2653.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Ibidem. pp. 11-13.

¹⁵⁹ Cf. GOFFMAN, E. *Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Brasil, Zahar Editoras, 1980, p. 13. Citado por SILVA,, Vanessa Caroline & MOREIRA, Laura Ceretta – *Currículo na escola inclusiva: o estigma da diferença*. p. 2654.



*lotados de doentes... os doentes de cama eram liquidados no hospital, com ajuda de injeções ... laxante ... óleo purgativo*¹⁶⁰.

“A dicotomia da humanidade dá-se em salvadores e condenados”¹⁶¹, a deficiência representa, na trama das relações humanas, um fator merecedor de uma análise profunda por parte da sociedade onde se inserem os “anormais”. Assim, devemos entender que, os deficientes, fazem parte do amplo universo da sociedade/comunidade e devem ser e ter, as mesmas, condições de integração. Os deficientes devem ser acolhidos, visto que as pessoas com deficiência são, também, pessoas.

3.4 – A Dignidade da Pessoa

É comum ver atribuída uma das primeiras “razões” do princípio da dignidade humana ao pensamento de Kant¹⁶². Esta autoridade decorre do facto do pensador conceber e reconhecer que ao homem não se pode atribuir valor.

A noção de dignidade é uma ideia que varia, e foi variando, consoante as épocas e os locais, a dignidade humana é pois um conceito evolutivo dinâmico e abrangente. O termo da dignidade, “quer”, na sua totalidade, resumir um reconhecimento de um valor “total”. É um princípio moral baseado na finalidade do ser humano e não na sua utilização¹⁶³.

Assim, quando se atende a uma definição da dignidade humana, é inexecutável organizar um tricotado de “vozes” para fornecer uma explicação satisfatória para o seu total significado. Contudo, infelizmente, é possível elaborar um manancial de exemplos de violações “ao ser da pessoa”. Dando uma espécie de visão negativa na possível definição da dignidade humana.

A maioria, das definições, baseia-se nas noções filosóficas de Kant. Para quem, no reino dos fins tudo tem um preço ou uma dignidade. O seu pensamento mostra que o homem como ser racional existe como fim em si mesmo, e não simplesmente como meio. Já Aristóteles e S. Agostinho se tinham debruçado sobre a

¹⁶⁰ HOSS, Rudolf & BROAD, Pery & KREMER, Joahann Paul – *Auschwitz aos olhos das SS*. Auschwitz – Birkenau, Oswiecim, 2011, pp. 43, 44, 46, 89, 155. Tradução de Mauro Longaretti Kraenski.

¹⁶¹ ADORNO, E. & HORKEIMER, M. – *Dialética do esclarecimento; fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995, p. 180. Citado por COSTA, Valdelúcia Alves – *Diferença, desvio, preconceito e estigma: a questão da deficiência*, p. 3.

¹⁶² <http://jus.com.br/revista/texto/7069/a-dignidade-da-pessoa-humana-no-pensamento-de-kant>

¹⁶³ Cf. JOAQUIM, Teresa. – *Reflexão ética sobre a dignidade humana*. p. 10. in http://www.cneqv.pt/adminfiles/datadocs/1273058936_P026_DignidadeHumana.pdf



distinção entre coisas, animais e seres humanos. Mas deve-se a Kant através das suas críticas Razão Pura, Razão Prática e na Fundamentação da Metafísica dos Costumes, uma das contribuições para o alinhavar do conceito da Dignidade Humana¹⁶⁴.

“Os seres racionais são chamados de pessoas e não de coisas, porque a sua natureza já os designa como fim em si, ou seja, como algo que não pode ser empregado simplesmente como meio e conseqüentemente limita na mesma proporção no nosso arbítrio, por ser objeto de respeito. Porque a natureza racional existe como fim em si mesma. A dignidade é atributo intrínseco da essência da pessoa humana, único ser que compreende um valor interno superior a qualquer preço, que não admite substituição equivalente. Assim a dignidade entranha e confunde-se com a própria natureza do ser humano.”¹⁶⁵

No prefácio da Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 10 de dezembro de 1948, alude-se à dignidade dos “membros da família humana”. a Convenção Europeia para a Salvaguarda dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais, de 4 de novembro de 1950, não menciona a dignidade. O art. 5º da Convenção Americana sobre os Direitos Humanos, de 4 de novembro de 1969, cita a dignidade da pessoa humana; o art. 5º da Carta de África dos Direitos do Homem e dos Povos, de 28 de junho de 1981, articula a dignidade com o ser humano. A carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, do dia 7 de dezembro de 2000, salienta que a dignidade da pessoa humana passou a ser um direito fundamental¹⁶⁶.

A defesa da dignidade da pessoa tem por alvo a salvaguarda da sua humanidade, das suas qualidades originais. A estas não pertence a capacidade ou não para trabalhar. O trabalho não é, assim, nada mais que um processo no qual a pessoa se humaniza gradualmente. O trabalho, das pessoas, seria um grave e requintada amputação espiritual, física e psicológica do ser humano. Nos Génesis o trabalho aparece como esforço que o homem deve assumir depois da sua queda “divina”. O trabalho para o ser humano, aparece digno, unicamente, porque o homem perdeu a sua dignidade, ou seja, o homem foi afetado pela sua indignidade¹⁶⁷. A dignidade deixou de ser um valor abstrato ou uma regra de interpretação, a dignidade é um direito exigível para toda e qualquer pessoa.

¹⁶⁴ Cf. JOAQUIM, Teresa. – *Reflexão ética sobre a dignidade humana*. p. 8. in http://www.cneqv.pt/adminfiles/datadocs/1273058936_P026_DignidadeHumana.pdf

¹⁶⁵ COMPLAK, Krystian. – *Cinco teses sobre a dignidade da pessoa humana como conceito jurídico*. In revista da ESMESC, v 15, nº 21, 2008. p. 109.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 110 e 116.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 116, referência 12.



A dignidade da pessoa deve ser analisada enquanto tal, deixando de lado estruturas sociais a as situações em que se manifesta. Pois não pode ser usada para proteger direitos sociais, políticos, económicos ou mesmo culturais, local onde se observam os moires distúrbio da dignidade, como o caso da mutilação do clitóris das jovens/mulheres de algumas regiões da Guiné.

A dignidade do ser humano salvaguarda a humanidade no que é único e ao mesmo tempo comum a todos os humanos, a vida do ser pessoa.

3.4.1 As pessoas com Deficiência: Cidadãos de Pleno Direito

“Hou daquesta!

Quem é?

Eu só.

É esta naviarra nossa?

De quem?

Dos tolos?

Vossa.

Entra!

De pulo ou de Vão? (...)

(...) Hou da Barca!

Que me queres?

Queres-me passar além?

Quem és tu?

Samica alguém. (...)¹⁶⁸

Só nos finais do século XX, é que as pessoas, portadoras de deficiência, passam a ser vistas como cidadãos, com direitos e deveres de participação na sociedade, mas sob a dicotomia do assistencial.

A perspetiva social, pessoal, de que o infortúnio de ter uma deficiência, implicava uma vida arruinada ou de que a pessoa portadora de deficiência não podia vivenciar momentos de concretização pessoal e de alegria com os que o rodeiam,

¹⁶⁸ Gil Vicente – *Auto da baça do inferno* – o Parvo. Citado por Manual E – *Book Aluno – Ponto e Virgula* – Língua Portuguesa 9º ano, Lisboa, Texto Editores, 2012/2013, pp. 68-69.



mudou. A negação da deficiência como entrave à realização pessoal, é realizada por quem vive um problema de deficiência, ou quem, hodiernamente, convive com a “problemática”. Este argumento permite exaltar a pessoa do deficiente, não a deficiência em si, é necessário que, quer o deficiente, quer quem os rodeia, seja capaz de destrinçar os “momentos”, da pessoa e da deficiência.

A manutenção da dignidade nos “momentos” de adversidade implica, obrigatoriamente, ou quase, duas etapas. A primeira é a de manter a dignidade, fazendo o melhor, mesmo numa situação de adversidade ou muito adversa. Esta significa encarar as calamidades tal como elas são. Sendo capaz de as enfrentar com segurança e ajudando os outros a fazerem o mesmo. A segunda é de ser capaz de evitar futuras tragédias, esta implica decidir ajudar os outros a evitarem situações semelhantes. É necessário perceber que, sem a primeira, a segunda não é possível. Sem a segunda podemos ter unicamente um simulacro de integridade¹⁶⁹.

O maior obstáculo à harmonia social é talvez a falta de apreciação do valor do outro. A melhor forma de vencer esta ignorância, é chegar à compreensão do outro através do diálogo. A importância primordial da prática, do diálogo, sincera quando reconhecemos a relação “doentia” dos indivíduos com a problemática da deficiência é, juntamente, com a ignorância, o fator que mais contribui para a desarmonia comunitária. É necessário não voltar as costas aos que têm uma aparência estranha, os miseráveis da sociedade, os enfermos. Estes não são inferiores perante o “não” superior social, não há uma concorrência de superioridade ou inferioridade, mas sim de consciência da pessoa no seu todo. Pois se por alguma razão, individual ou de incapacidade social, não poder ajudar os outros, ao menos não os prejudique.

O amor, respeito pelos seu ser pessoa, pelos outros, quais quer que sejam e o que quer que façam, e o respeito pelos seus direitos e dignidades, é tudo o que se precisa de fazer para que o “anormal” seja...

A sociedade torna-se cada vez mais consciente da dignidade da pessoa, esta dignidade, não resulta das funções que desempenha nem das capacidades que possui, a dignidade de pessoa radica no “múnus” de natureza humana. A pessoa é dotada de uma dignidade original e única, inviolável e indivisa, é um todo no seu ser, não se baseia na sua funcionalidade, ou funcionalidade das partes, do seu organismo, mas na essência da sua natureza¹⁷⁰.

¹⁶⁹ CF. KAUFFMAN, James M. e LOPES, João A. *Pode a Educação Especial Deixar de ser especial?*, Braga, Psiquilibros edições, 2007, pp. 16-17.

¹⁷⁰ Cf. Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, *As pessoas com deficiência – Cidadãos em pleno direito*, Lisboa, 1/2003, p. 4.



Todo o ser humano é pessoa, daí todo o ser humano possui o mesmo fundamento para a sua dignidade¹⁷¹, seja qual for o seu estado de desenvolvimento, a idade, a saúde, os conhecimentos adquiridos e as possibilidades de intervenção social.

A pessoa tem direito inato à plena inserção no tecido social, político, cultural, religioso, etc., pois a sociedade/comunidade só existe porque existe a pessoa, isto é a sociedade existe por causa das pessoas e não as pessoas por causa da sociedade.

Mas estes princípios são entendidos e adquiridos pelo saber ser de pessoa, bem como saber ser de pessoa aprendiz. É pela educação que a pessoa aprende e aprende o ser humano enquanto vivente. Porque a razão mais sublime da dignidade humana, não é a do ter, mas sim a do ser, ou seja, consiste na sua vocação e missão individual de ser pessoa. Só se sabe da pessoa quando se conhece a pessoa. A pessoa, na sua totalidade, só se entende numa educação digna e “frutífera”. Daí ser necessário perceber o que é a Educação.

4 – O que é a Educação!

Perante uma “pergunta exclamativa” como esta, não se pode descorar uma visão da educação do ambiente social, perante o poder instituído da escola.

Hodiernamente o papel da educação é do interesse geral. A instrução não é só do campo dos pedagogos ou das secretárias. De uma forma geral, todos somos instrutores, se não for por mais, somos pela preponderância que exercemos com quem nos relacionamos. O alcance da capacidade “educan-te”¹⁷² é um efeito para toda a vida, desde a juventude até à idade adulta. O alcance da educação estende-se para além do simples ato de educar. Isto é, ninguém se educa a si mesmo, mas sempre através de um outro, implícita ou explicitamente, a educação deve ajudar a que cada um seja ele mesmo, nas suas diferenças e igualdades.

“A dignidade de cada pessoa fundamenta o seu direito inalienável a uma educação adequada às suas circunstâncias específicas. A pessoa é o sujeito primeiro e o objeto último da educação”¹⁷³.

¹⁷¹ Cf. GS e Act. 17,26.

¹⁷² A construção e produção da palavra, dá-se na necessidade de querer exprimir a ação da educação do indivíduo enquanto educador e educado.

¹⁷³ Cf. Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Lisboa, 1/2002, p. 10



É um facto que a educação deve tocar em tudo e compreender todas as dimensões da formação humana, visto que “a pessoa é um ser complexo, nas suas dimensões física, intelectual, afetiva, estética, social, moral, ética, espiritual e religiosa; por isso exige-se uma cuidada atenção ao desenvolvimento equilibrado de todas estas vertentes”¹⁷⁴.

Contudo quando falamos de educação, nas diversas galerias, ouve-se muitas das vezes a expressão “que a educação vem de casa, e que aprendizagem é da escola”. Perante tal expressão será necessário analisar o que é a educação conceptualmente.

4.1 A Conceptualização do Termo Educação.

Conceptualmente o termo educação, bem como a capacidade de educar, provem do latim, *dux* que designa chefe, guia. Desde vocábulo dá-se a derivação de *ducere* que designa conduzir, comandar; e *educere* que tem como significado conduzir, dar à luz, elevar, criar, alimentar, cultivar. Temos nesta raiz da palavra educar a capacidade de “alimentar, criar”. Nesta perspetiva de ver a educação como ato de alimentar criar, podemos verificar que é um ato integral da pessoa, na sua relação sadia com o familiar e social, tornando-a capacitada para a função, também ela de ser do agido a ator no papel da educação. Isto é, é passar do ser criança da educação, ao adulto que conduz a criança espiritualmente e fisicamente, tal como qual escravo grego a quem competia o papel de alimentar, elevar, gerar, pelos saberes da polis.

O termo educação surge atualmente nos nossos folhosos compactos de saber, como, “ato ou processo de educar (-se); aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano”¹⁷⁵, é o movimento dialético do exterior para o interior que favorece o despertar das qualidades do aperfeiçoamento da pessoa na sua integridade total.

Num sentido mais lato, a educação é o desenvolver da natureza humana, na sua globalidade (física, intelectual, moral), o único animal capaz de ser educado, visto que os seus conviventes animais só podem ser domesticados por repetição. Num

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 11

¹⁷⁵ *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Circulo de Leitores, tomo III, 2003.



sentido mais restrito é o desenvolvimento das capacidades do espírito por especiais processos de treino.¹⁷⁶

O conceito ou entender de educação não é um tema simples de explicar, ou seja, “a educação pode entender-se de modos muito variados, tendo em conta os conceitos antropológicos de que se parte, podendo entende-la como simples desenvolvimento subjetivo, como ação sobre educando, como adaptação do indivíduo à sociedade, como interiorização da cultura, como libertação, como facilitadora da expressão subjetiva, como subordinação de valores objetivos”¹⁷⁷.

“A educação é uma tarefa permanente e englobante que conta com tempos privilegiados, integrados num processo de amadurecimento contínuo. Ela envolve uma diversidade de aspetos da pessoa e exige uma atmosfera criada por todos os intervenientes e um empenhamento concertado dos diversos agentes educativos”¹⁷⁸

Mas para perceber e perceber a educação ou o ato de educar, numa perspetiva mais factual, é necessária restringi-la a um campo de ação e não continuar a entender o vocábulo como “transmissão cultural de conhecimentos, padrões de comportamentos, práticas sociais e habilidades que se consideram básicas para habilitar o indivíduo ao seu meio ambiente cultural e físico”¹⁷⁹. Pois neste modo de pensar, e certo, a educação é um processo contínuo, tem uma partida e não existe uma meta, como se de maratona se falasse. Tal como na competição, também na educação o ser humano tem que colocar todos os seus aspetos e características para não se formar alienações. Mas é necessário restringir o campo de apoio da educação para uma melhor compreensão do objeto neste trabalho.

O seu maior campo de ação, mesmo que se pense o contrário, continua a ser a escola.

4.2 A Escola

A escola é indiscutivelmente o espaço da educação, também ela tem que ser livre para cumprir a sua missão. Cada escola deve e tem que ter o seu projeto educativo, é um constante e quase inevitável discurso nas escolas, para a digna convivência humana. A escola é o meio privilegiado para a formação das pessoas, a

¹⁷⁶ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. IX, p. 426.

¹⁷⁷ CABANAS, José Maria Quintana, *Teoria da Educação, Conceção Antinómica da Educação*, Porto, Edições ASA, 2002, p. 23.

¹⁷⁸ Cf. Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Lisboa, 1/ 2002, p. 6

¹⁷⁹ CARVALHO, Angelina, *Projeto educativo*, 4^o ed. Sta. Maria da Feira, ed, Afrontamento, 2001, p. 94.



sua ação deve partir do projeto educativo, previamente elaborado, que ajude cada um a ser como si próprio. Cada projeto educativo deve responder às realidades que envolvem a escola. Visto que a missão de ensinar da escola, é acompanhar a construção progressiva da personalidade, para uma justa autonomia. A escola propõe caminhos que ajudem os alunos a criar o seu modo de viver. Esta própria forma de viver é a relação de gratuidade, partilha, no respeito pelas vidas a germinar¹⁸⁰.

O Estado, com todas as suas legislações, é o garante das condições para que as escolas cumpram e assumam a sua missão, à escola cabe a tarefa de estar comprometida com o mundo, mas ao mesmo tempo, separada do mundo. A escola deve contemplar o mundo, de uma certa distância, para dar a melhor resposta ao mundo que a presenteia. A escola deve ser, com os seus intervenientes, representação dos valores do mundo, no e para o ensino. Isto é, cada escola em concreto deve fazer uma reflexão do meio que se situa. Cada escola deve saber situar-se para que o seu projeto educativo dê as respostas que melhor conferem e aptam os seus alunos.

A escola, tendo presente o seu contexto e definindo o seu percurso, vai eliminar o problema de “produção” de espectadores passivos. Eliminado este pressuposto, vai contribuir para “criar” cidadãos intervenientes no mundo, de fora da escola, mas que são também, ao mesmo tempo, fazedores da sua própria história.

Em comparação com outros locais, a escola é o local onde se passeia a maior produção de saber por metro quadrado, se assim é, a escola, nos seus agentes, tem que perceber como missão a transmissão de valores. Porque educar, não é só o ensinar as regras da língua ou da matemática, é, principalmente, o transmitir valias para a vida. Se a missão da escola é também educar, isto significa que a escola vai formar pessoas com carácter, vai ajudar as pessoas a crescer, vai criar um projeto para a vida. A escola é o terreno do projetista balizante. A escola não vai viver pelos seus educandos, mas vai ajudá-los a viver e a respeitar os seus pares numa comunidade de valores.

A escola desempenha um papel importante na formação das pessoas. Hodiernamente, é na escola, que os jovens passam maior tempo da sua vida e do seu tempo de formação. Daí que, a escola, seja o espaço da evolução da pessoa como ser em desenvolvimento e em permanente relação. A aventura da “escola não poder ser

¹⁸⁰ Associação Portuguesa de Escolas Católicas, *Actas do I congresso nacional da escola católica, Escola católica proposta e desafio*, Fátima, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 10



apenas um conjunto de atividades, é uma visão da vida, persistente e longamente perseguida e afirmada”¹⁸¹.

Uma autêntica educação escolar exige, assim, uma radicação na verdade do Homem¹⁸², isto é no respeito integral da pessoa. A tarefa da escola é a promoção da vida, primeira condição no desenvolvimento da pessoa e do progresso social. Neste ponto de vista, a escola tem que abandonar, o enraizado, método do ensino concentrado nos aspetos cognitivos, objetos relacionados unicamente com o seu intelecto. A preocupação da escola não pode passar, pela exclusividade, de transmitir informação e conhecimentos. Mas sim uma totalidade de saber ser e fazer, visto que a pessoa é um todo e não partes. A escola tem que ver a pessoa como:

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive”*

Ricardo Reis, in “odes” Heterónimo de Fernando Pessoa

A verdadeira educação que tende para uma realidade do todo, partilhada por todos, poderá vetar a discriminação das diferenças, que continuam a gerar distinções e as particularidades que inspiram inimizades. Assim a escola desempenha o seu papel de transformação de indivíduos e de atitudes. É na escola, com a escola, e pela escola que as diferenças se atenuam e desaparecem. A escola ajuda os seus educandos a crescerem harmoniosamente na diferença que persicite conviver com o todo da normalidade. Todo o destino da escola, deve ajudar os seus alunos a descobrir harmoniosamente os dotes e valores dos outros, para que se construam pessoas numa relação de participação e de partilha de complementaridade social e comunitária.

É na escola que as diferenças, passam de um estigma contraproducente, para uma mais-valia de crescimento mútuo. O objetivo da escola é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, da qual, decorre a participação social cooperante, solidária, que resulta na harmonia social. O educando progride, na medida, que toma consciência da sua dignidade e da dignidade dos outros, em que concilia o seu meio humano com o

¹⁸¹ POLICARPO, D. José, Cardeal – Patriarca de Lisboa, *A Escola Católica ao serviço da missão da Igreja* (conferencia pronunciada no Fórum Risco de Educar), Lisboa, 28 de janeiro de 2007. p. 5

¹⁸² Cf. Nota Pastoral da Conferencia Episcopal Portuguesa, *Escola em Portugal – Educação Integral da pessoa Humana*, Lisboa, 3/ 2008, p. 5



meio humano dos outros, aprendendo a relação comunitária, compreende e percebe todos os contornos da sua existência pessoal e social¹⁸³.

O segredo do projeto educativo é favorecer e conseguir desencadear o desabrochar, nos educandos, as qualidades do aperfeiçoamento e da correção pessoal, para que acolham os contributos de todos, dos educadores e dos parceiros. É a volta dos educandos, sem exceção, que a escola deve construir, organizar e realizar as suas atividades e tarefas da aprendizagem.

A escola deve prever as necessidades de todos os seus educandos, formando-os para o sistema social com o qual convivem e interagem.

4.3 Uma Escola para Todos e para Cada Qual!

É a partir da Declaração, de Salamanca de 1994, que o conceito da inclusão ganha mais força e impacto na “sociedade” escolar. Afirmando que qualquer que seja a sistema escolar, este deve destinar-se a todos que dele necessitem.

Pela declaração os pedagogos e os “pilares” da educação devem ter como princípio fundamental o “reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar... é preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola”¹⁸⁴. Neste sentido dá-se uma concordância que todas as crianças devem caminhar juntas no processo de aprendizagem. As crianças com necessidades educativas especiais devem ser, também elas, incluídas nas escolas.

A necessidade, da escola inclusiva, decorre do pluralismo de pessoas que temos a integrar o espaço escolar. O objetivo da escola é, no ensino como direito de todos, onde todos devem aprender, independentemente das suas dificuldades e diferenças que apresentem, assegurar um desenvolvimento integral, global, visando uma autonomia social enquanto indivíduos. A sociedade apresenta-se cada vez mais heterogénea e diversificada, incluindo pessoas de várias origens e crenças. Assim das diferenças de cada um, a escola inclusiva, acrescenta uma igualdade de oportunidades na construção de uma sociedade mais participativa.

¹⁸³ Cf. Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação, Direito e Dever – Missão nobre ao serviço de todos*, Lisboa, 1/2002, p. 7

¹⁸⁴ Declaração de Salamanca, http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf, 1994, pp. 11-12



A “educação para todos”, primeiramente uma chamada de atenção da UNESCO na declaração de 1996, continua a ser um slogan de muitas campanhas partidárias, contudo há uns mais todos que alguns. Esses, muitos, alguns, que se apresentam no meio social educacional, são muitas das vezes segregadas e alienados do mundo. Os diferentes são muitas das vezes desrespeitados pela indiferença e usufruto de uma educação que pratica pouco a diversidade. Aos mais diferentes que todos, o contexto apelida-os de crianças com Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente (NEE).

As escolas têm que ter a preocupação de se organizar tendo em conta as características das crianças. Isto é, não deve ser a pessoa adaptar-se à escola enquanto ensino, mas a escola ensino à pessoa. Não quer dizer que seja fácil, principalmente pelo pressuposto da escola ensino estar, desde à muito tempo, a laborar em e com padrões.

A escola ensino deve ter pedagogia centrada na pessoa (criança) e não nos manuais, como refere a Declaração de Salamanca, as escolas “a elas (crianças) se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro” das necessidades que a individualidade da pessoa aluno tem.

A inclusão não é fazer norma, ou normal a pessoa, mas responder às necessidades do aluno. Quando ouvimos falar de integração/inclusão, vem-nos a conceção, no espírito da palavra, da sua conotação negativa, a referência da pessoa com deficiência na escola.

Se faz parte da declaração universal que a educação é um direito de todos os indivíduos, se a lei de bases do sistema educativo recalca esta afirmação, é do espírito da lei que se aprende tal abordagem negativa. Não quero dizer com isto, que é a legislação que me leva a esta consideração.

É necessário verificar que a legislação tem como objetivo proporcionar uma escola ensino capaz de integrar os seus educandos com as características individuais de cada um. Nesta diversidade a escola deve dar resposta às diferentes necessidades de cada aluno. O ensino é responsável de formar as crianças para o meio envolvente (mundo), inclusivamente aquelas que têm mais dificuldades e, mesmo, problemas graves. Um aluno que não se está alimentar devidamente na residência familiar, não pode, em momento algum, estar capaz de se deixar formar. A escola deve responder a esta necessidade em particular, contudo não é um aluno NEE, mas é um aluno com graves problemas.

“O Decreto-Lei nº 3/2008, de 7 de janeiro, tem como principio a qualidade de ensino orientada para o sucesso de todos os alunos. Um aspeto decisivo dessa



*qualidade é o desenvolvimento de uma escola inclusiva, consagrando princípios, valores e instrumentos fundamentais para a igualdade de oportunidades*¹⁸⁵.

Com a publicação deste decreto o “governo estabelece como meta o desenvolvimento de uma escola inclusiva, consagrando assim o princípio da igualdade de oportunidades. Assim como o alargamento da escolaridade obrigatória da Lei nº 85/09 de 27 de Agosto”.¹⁸⁶

A escola inclusiva/integração deve estruturar o desenvolvimento curricular tendo em conta a diversidade de pessoas e necessidades próprias a cada jovem. Dando respostas a estas necessidades, escola e os agentes escolares devem diferenciar as mediadas de ensino, tendo em conta o recetor da educação, e não o “traíçoeiro” programa realizado para um padrão.

Implica portanto, que os alunos recebam, da parte da escola ensino, e do professor, estratégias diferenciadas que respondam às necessidades adequadas de cada um.

“A diferenciação e o respeito pela criança enquanto individuo singular, passa pela forma como o professor planifica e transmite os conteúdos. O professor deve procurar estratégias de intervenção e metodologias, facilitadoras de novas aquisições e que vão ao encontro das características singulares de cada criança”¹⁸⁷. A diversidade que temos dentro do espaço escola educação é uma riqueza inalienável.

Contudo levanta o problema na formação de cada um como cada qual, nos seus princípios e “prejuízos”. A qualidade da ação do ensino depende do nível de diferenciação que o professor introduz na gestão dos “moldes” de aprendizagem. Esta diferenciação recai muito do conhecimento que o professor tem de cada indivíduo, com as suas necessidades e particularidades, dentro grupo na sala de aula. A atitude do professor é essencial ao processo de formação das pessoas.

“A preparação adequada de todo o pessoal educativo constitui o fator chave na promoção das escolas inclusivas” segundo a Declaração de Salamanca. Contudo com o processo de colocação/mobilidade dos professores, legislado em sede, será possível o professor estar formado para a individualidade, ou está este agente, formatado para uma universalidade de transmissão de saberes intelectuais? Em que esquece a totalidade do ser, para incidir na particularidade do sucesso.

Na escola do saber, dentro da sala de aula, o professor forma as pessoas para as individualidades de cada um, quando direciona os recursos, disponíveis

¹⁸⁵ SOUSA, Célia. *Formação inicial e contínua na área da educação especial face aos desafios do alargamento da escolaridade obrigatória inclusiva*, ARTV, Comissão parlamentar para educação e ciência, 6 de Março de 2013.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Idem.



(diversidades de opiniões, individualidades, diferenças, origens, etc) bem como o programa a lecionar, para uma escola inclusiva e cooperativa não incidindo na especificidade de alguns alunos, mas nas especificidades de todos os alunos.

Para uma melhor compreensão das individualidades e diferenças, todos têm um papel de ator na abordagem da aceitação do outro como diferente. Não quero assim dizer que não há alunos, que devem ter medidas educativas com adequações no processo de ensino aprendizagem. Mas, sim, se todos forem vistos com as suas diferenças, um aluno NEE, com as suas diversas alíneas, vai demonstrar uma alegria dentro e fora do grupo. Não se sentido um “marginalizado” ou negativamente visto como o “diferente”. É necessário que todos, professores e alunos, trabalhem em conjunto para o sucesso da inclusão de todos e de cada qual.

Termino como terminei o ponto anterior: A pessoa, na sua totalidade, só se entende numa educação digna e “frutífera”. Daí ser necessário o trabalho conjunto de todos.

5 – O Contributo da Disciplina de EMRC para a Formação da Pessoa na Escola.

Formalizando as palavras de João Paulo II, na carta pastoral às famílias, verificamos a preponderância que deve ter a disciplina de EMRC no seio escolar. O professor como a disciplina gera um sentido espiritual¹⁸⁸ na relação das pessoas. A EMRC é, na escola, o lugar e desempenha o papel de transformação das pessoas e das atitudes.

A EMRC deve ter a “paixão” e missão de ajudar os alunos a crescerem de forma integral, coerente e harmoniosa. A EMRC, no papel do seu agente, não deve descuidar o dever de testemunho, visto que é esta a base de ser da disciplina.

A EMRC tem que ser contemplada como o lugar de educação integral da totalidade da pessoa, com as suas inquietudes e vicissitudes. Mas nunca descorando os valores, aspirações, razões da existência de cada um. A EMRC deve ajudar os seus inscritos, e demais, para o aprofundamento reflexivo das mais profundas razões íntimas e transcendentais da existência humana nas suas cinco dimensões de relação comunitária: dimensão social; dimensão espiritual; dimensão sexual; dimensão biológica; dimensão comunicacional.

¹⁸⁸ Cf. João Paulo II – *Carta pastoral às famílias*, Braga, Oração, 1994, nº16



A disciplina deve ter o carácter de desenvolver o espírito de participação e doar critérios para uma segura, autêntica e profunda reflexão para a vivência sã e motivada para a construção da cidadania. Nesta perspetiva, a EMRC ajuda a madurecer as interrogações sobre o contexto e sentido da vida.

A EMRC deve formar numa educação integral, para que haja uma verdadeira compreensão da realidade social. A EMRC orienta-se para “formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”¹⁸⁹.

A EMRC interessa à escola, visto que é um lugar privilegiado do desenvolvimento harmonioso do aluno enquanto pessoa e não enquanto número, na integridade das dimensões, e abertura ao transcendental, aos outros e ao mundo que é chamado a construir.¹⁹⁰

A EMRC reveste-se de uma importância acrescida, porque ajuda os alunos, a disciplina deve ser capaz de capacitar os alunos com “novos ouvidos”, “nova visão”, uma “nova linguagem” (ação), tal como fez Jesus:

“então, trouxeram-lhe um possuído cego e mudo, e ele curou-o, passando o mudo a ver e a falar”¹⁹¹:

- A compreender a pessoa como um processo global orientado para a autenticidade;
- A questionarem-se sobre o sentido da personalidade, equacionando respostas adequadas que integrem uma visão coerente na totalidade do ser pessoa;
- A perceberem que a dignidade da pessoa faz parte da vida e que para a vivência saudável é necessário uma ética de valores;
- A relacionarem-se com os outros com base nos valores da subsidiariedade;
- A organizarem um universo de valores orientado para a autenticidade;
- A organizar um universo de valores orientados para a relação com os outros;
- A ler e interpretar textos bíblicos sobre a incidência do carácter religioso nas implicações da vida quotidiana;
- A relacionarem-se com a dimensão da sexualidade (homem, mulher) na vivência do quotidiano;
- A mobilizar valores de respeito pelos outros, na liberdade da dignidade humana;

¹⁸⁹ CEP, Educação Moral e Religiosa Católica – *Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Lisboa, 1/2006, p. 9

¹⁹⁰ Idem. p. 12

¹⁹¹ Mt 12,22; Mc 3,22-30; Lc 11,14-23



- A organizar um universo de valores orientado para o comportamento da relação pessoal e institucional;

- A reconhecer a relatividade das perspetivas pessoais como ponto de partida para o diálogo e reconciliação com os outros, com vista à resolução de situações de falência;

Visto desta forma, a disciplina, pode ser vista, como um lugar e espaço diferente no meio da escola. Uma alternativa que comporta uma mais-valia, uma fuga aos subterfúgios da oferta social. Esta só pode ser encarada desta forma porque procura servir as pessoas alunos, e não um sistema de médias e de medidas. Ensinar, com e pela, disciplina de EMRC, é educar, para conhecer e descobrir, a beleza da totalidade da pessoa enquanto realidade antropológica, de relação com os outros e divina.





IIIª PARTE

PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DA PESSOA HUMANA (SER PESSOA: UM ITINERÁRIO REFLEXIVO SOBRE A PROBLEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA)

Tendo uma visão mais profunda e “empreendedora” da azáfama social em que se vive, compreendemos que estamos num mundo pluralista de ideias e ideais, marcado por uma consciência muito utilitária do indivíduo, valorizando mais o ter que o ser. Esta forma de empreender a vida comunitária, da e na relação com o outro, faz com que a pessoa se torne, quase como que exclusivamente, mais um produto da cultura contemporânea do produzir e do consumir, tal como grande superfície comercial, a pessoa, é vista como e com “parcelas/prateleiras” e não no seu todo. Segundos bastam para que sejamos “bombardeados” por uma desvalorização da pessoa no seu todo, para enaltecer o pormenor.

A pessoa deve ser uma totalidade e não o detalhe ou o “número” que o mundo do mercado foi criando. A proposta da educação do ser pessoa, tem como objetivo, encontrar a realidade humana, marcada no encadeamento que coabita, no seu processo de desenvolvimento e crescimento. Não esquecendo sempre que o ponto de partida e o ponto de chegada é a totalidade da pessoa humana e não a pormenorização dos aspetos enaltecidos como valores do social. Promovesse assim, a pessoa na sua dignidade última, que é a amplitude do seu ser em relação consigo e com os outros.

Exercer o intuito de educar o ser pessoa, é demonstrar a forma digna com que vivem as pessoas (com deficiência, e principalmente quem com elas convive), mas ao mesmo tempo ter consciência da pequenez que nos assiste, mas exercida com a maior das convicções. É ser capaz de “(re) criar” na pessoa do aluno, a pessoa que ele já é, não aquele que pode vir a ser com mais ou menos adornos.

Sabendo que os adolescentes estão numa fase de pouca motivação para o desenvolvimento de um tema como este, é necessário criar um pensamento crítico e livre adquirindo a capacidade de tomar decisões, isto é, desenvolvendo competências capazes de construir um conceito da pessoa alargado a todas as suas componentes e formas de vida que confrontam o seu dia-a-dia.



A ideia surge, porque no manual, o tema está definido como uma forma de “garantir o direito a ser pessoa”, quando as pessoas portadoras de uma diferença/deficiência são pessoas, não parcelas de pessoas.

O tema da deficiência prende-se no vulgo da sociedade e também das nossas escolas com o título do “coitadinho”, a perspetiva do trabalho é demonstrar o contrário. O sair desta teoria e filosofia, um tanto ou quanto preconceituosa, que se foi desenvolvendo na relação com as pessoas portadoras de uma diferença/deficiência.

Este é o caminho que tentarei percorrer na seguinte proposta que teve início com a leção da UL 1 e terminará com a reformulação da mesma unidade.

1 – Da leção da UL 1 sobre a pessoa humana a uma proposta de educação do Ser Pessoa.

Tendo em conta o percurso percorrido na leção da UL 1 ao longo do ano da PES, na Escola Pedro d’ Orey da Cunha na Damaia, como já foi referido na primeira parte deste trabalho, alguns dos pontos já trabalhados serão a base para a reformulação que me proponho a realizar nesta proposta de educação do ser pessoa.

O ponto de partida, da reformulação, será a pessoa considerada em todas as suas dimensões, adaptada à faixa etária dos alunos, sendo importante começar por dinamizar uma certa curiosidade para o tema a desenvolver. Julgo que, o abrir o interesse e a ânsia nos alunos a quem se destina a leção da UL 1, pode facilitar a abordagem que se vai desenvolver na sala de aula. O público desta unidade letiva será constituído por (pessoas) alunos do sexto ano letivo, com uma média de idades compreendida entre os 11 e os 13 anos, da escola da Damaia.

Tendo em conta a aprendizagem realizada durante o trabalho nas aulas da escola Pedro d’Orey da Cunha, apercebo-me que podia ter estado mais presente e próximo das necessidades e dificuldades dos alunos, no que diz respeito à compreensão do seu ser pessoa.

À turma, com alunos oriundos do contexto social desfavorecido, economicamente, mas abonado socialmente, parece importante dar atenção à diversidade (cultural/religiosa) humana dos seus elementos, bem como aos critérios e forma de avaliar e olhar para o outro enquanto pessoa.

É de salientar alguns pormenores que me fui apercebendo aquando do acompanhamento com os alunos durante o tempo da PES:



Apercebo-me que há uma falta de referência de valores para a vivência comunitária do ser pessoa, aquando do respeito próprio e pelo outro.

Para alguns, o ser pessoa passa por aproveitar os momentos que a vida proporciona, ou que os outros podem proporcionar, sendo exclusivamente momentâneo e temporário ao momento que se vive.

As fontes do conhecimento sobre o tema advém muito do meio social onde vivem, há uma falta de conhecimento de conceitos sobre o que é verdadeiramente o ser pessoa e da relação do eu com o outro na construção da sociedade enquanto vida.

O que sabem é muito superficial, traduz-se na resposta rápida e momentânea das necessidades de cada um, o respeito pela pessoa, que se encontra à frente, passa pelo aprazer que pode daí advir.

O que realmente interessa é o que o outro me pode oferecer, se não for capaz de satisfazer algumas necessidades (brincar, jogar, falar dos mesmos temas, etc.) não é pessoa para me acompanhar e para eu respeitar, é alguém que não interessa, sendo um grupo multicultural, verifica-se muito esta perspetiva, principalmente no que diz respeito à cor da pele.

Verificadas as constatações, apresentadas, perspetivei a necessidade de aprofundar a formação educacional do ser pessoa para além daquilo que o manual oferece, ou a forma como os temas da unidade estão compartilhados, isto é, a forma como divide e apresenta a pessoa, distanciando-a das diferenças/deficiências.

Para a lecionação da UL1, a meu ver, proponho que seja abordado no primeiro período. Visto que, quer as unidades da disciplina de EMRC, quer as unidades transversais das outras disciplinas que compõem o currículo dos alunos, dizem respeito, direta ou indiretamente, ao ser pessoa. Por um lado, o renascer de outro ano letivo, leva os alunos a confrontarem-se com sentimentos desconcertantes do término das férias, para uma nova viagem, o tema ser pessoa pode e deve levar os alunos a perspetivarem a nova tarefa como um desafio e não como uma angústia. Por outro lado, o terminar o período com a festa do natal, pode enquadrar a dimensão social, religiosa/espiritual do ser pessoa. Ajudando os alunos a verem atitude solidária da pessoa, como exemplo dos Reis Magos, a doação voluntária e gratuita da vida para a vida, como fez Maria e José. Bem como, todas as campanhas de solidariedade dinamizadas, nesta época festiva, pelas comunidades e instituições, ajudam os alunos a verem os outros com olhos de verdade, não só como objeto para usarmos e satisfazerem as nossas necessidades exclusivamente.



2 – Proposta de educação Ser Pessoa

2. 1 – Trajeto

A proposta que apresento não deve ser entendida, nem tem esse intuito, como uma educação de uma antropologia, mas sim, parte de um percurso, capaz de percorrer na grande azáfama da educação em ambiente escolar, para os alunos de um 6º ano letivo, no âmbito das aulas de EMRC.

Fazendo uma retrospectiva da UL1, tendo no cômputo a seleção dos conteúdos apresentados no manual, parece-me importante reformular a unidade a partir dos conteúdos do manual de EMRC, do 6º ano letivo, que originaram algum descontentamento, da minha parte, na dispersão temática da deficiência/diferença. Parece-me importante alocar a problemática da deficiência/diferença, no desenrolar dos conteúdos sobre a pessoa, para ajudar os alunos a terem conceitos mais abrangentes e claros sobre a problemática do ser pessoa na sua totalidade, para que possam, na dinâmica das suas vidas, acolher, com responsabilidade e sem distração, a relação comunitária com o outro e as suas deficiências/diferenças. A proposta é ajudar aos alunos a perceberem que o ser pessoa é maravilhosa, que é algo que nasce e vai-se desenvolvendo ao longo da vida. O ser pessoa vai sendo moldado conforme as escolhas que vamos fazendo. Lavá-los a perceber a importância de viver o ser pessoa, com a sua personalidade, orgulhos, vicissitudes, num ambiente social e relacional pautado pelo respeito e pelo amor por si e pelos outros. “Arar” os alunos, a elegerem, a ponderar as responsabilidades e valores na vivência e confronto do seu ser pessoa com o ser pessoa do outro. Valorizando as transformações de referência social, na família, amigos, encontros casuais, despertando para novas responsabilidades e promoção de valores morais, muitas das vezes esquecidos pelo ser pessoa do próximo, descobrindo que o nosso ser pessoa é algo divino e que não se restringe à nossa simples identidade e ao que permito dar a conhecer ao outro do meu ser pessoa.

Tendo em conta esta perspectiva, olhando para o que a sociedade vive, esta reformulação, parece ambiciosa, para a taxa etária dos alunos a quem se destina o programa. São posições que os alunos ainda não adquiriram como preocupação, nem estão habituados a lidar com desafios desta natureza, a não ser que confrontem a realidade com algum familiar próximo. Mas como diz o ditado “é de pequenino que se



troce o pepino” e a ignorância o maior mal da sociedade. É necessário que os alunos percebem que para tudo há um tempo preciso, mas o adquirirem competências de vivência pessoal com os outros, com mais ou menos diferenças, é ao longo do desenvolvimento do meu ser pessoa.

2. 2 – Objetivo

Podendo ser uma proposta muito açambarcadora, gostava que este trabalho venha ajudar os alunos a perceberem a vida, e as suas vicissitudes, como uma construção, comunitária, contínua do ser pessoa. Com carácter forte, capazes de exercerem uma autonomia na tomada de decisões e na defesa dos seus valores na acareação dos valores sociais. Gostaria de levar os alunos a estruturarem atitudes, ideias, ideais, responsáveis no relacionamento com o outro. Que percebessem o ser pessoa pessoal é o maior valor que temos e que possuímos, determinando tudo aquilo que somos e que vamos construindo, em cada etapa da vida o ser pessoa vai-se construindo conforme as decisões tomadas e vivido de forma diferente por cada pessoa e o seu ser. Os alunos devem perceber que é algo individual, muito pessoal, mas ao mesmo tempo algo relacional, do foro social, está relacionada com a multiplicidade de ser pessoa que contactamos e nos confrontamos diariamente.

2. 3 – Estratégias

Tendo a ambição apresentada acima, as estratégias utilizadas e a empregar podem ser um fator de êxito ou fracasso num projeto como o que ambiciono traçar. A ideia das estratégias é ajudarem a compreender a mensagem que se quer transmitir, acompanhando o tipo de abordagem que se faz dos temas a desenvolver. Assim exclui-se a possibilidade de divergência entre o que se transmite e o que é, transmitido, ouvido pelos alunos.

Sabendo e conhecendo a realidade dos ser pessoa que constituem a turma do 6º ano letivo, a opção das estratégias têm em conta a pluralidade dos elementos que são recetores da mensagem.

Assim as estratégias a seguir são: PowerPoint (que se podem transformar em flipcharts se a sala tiver quadros interativos); trabalho de pares; fichas de trabalho;



vídeo; chuva de ideias; revisões e correção do TPC; leitura e análise de textos: bíblicos; leitura de um testemunho familiar; recorte de jornais; textos magistério da Igreja; análise de poemas; jogo de avaliação; diálogo e discussão dos temas a desenvolver; caracterizar as dimensões da pessoa; recolha fotográfica, com telemóvel, dos obstáculos/facilidades do parque social.

As estratégias enunciadas, empregadas no decorrer das aulas, auxiliam a apresentação dos conteúdos a desenvolver a trabalhar.

Com as estratégias selecionadas pretendo levar os alunos a pensar e ter capacidade crítica, na resolução dos seus problemas e ganharem alguma autonomia, para a faixa etária que têm, na forma de aprenderem, podendo ser capazes e construir pensamentos produtivos. Assim as estratégias devem e podem ajudar os alunos a compreender e ajudar a desenvolver a capacidade de trabalho em equipa; a confrontar os alunos com situações reais que podem ajudar a identificar-se, ou não, com a realidade e a refletir sobre o momento e sobre que valores optar, demonstrando e identificando causa/efeito de determinados comportamentos; a aprofundar uma reflexão, dialogando sobre os temas, contrastando com outras perspetivas, mesmo que sejam controversas aos objetivos a que se destina a realidade apresentada; na aplicação dos conhecimentos direta ou indiretamente; na apresentação, comentários e sínteses dos conteúdos a lecionar; expor os pontos de vista pessoais, questionar e apresentar alternativas; ajudar a ter atitudes de ajuda e solidariedade no parque social do ritmo do dia-a-dia; a proporcionar e clarificar os valores, ajudando os alunos a valorizarem as alternativas, eleger as que consideram apropriadas a atuar de acordo com elas no confronto das realidades.

2. 4 – Competências

As competências a desenvolver serão:

- 1 Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.*
- 5 Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspetivas religiosas ou a valores éticos.*
- 6 Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.*
- 9 Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.*



10 Mobilizar princípios e valores éticos para orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.

12 Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.

*23 Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraíndo significados adequados e relevantes.*¹⁹²

Sendo as competências o saber em uso, são uma forma de fazer as realidades de uma forma adequada, estruturada e otimizada. O “Arar” a educação do ser pessoa deve dar ostentação ao exercício das competências, particularizando a tomada de decisões, relacionadas com a gestão dos sentimentos e emoções nos momentos do encontro com o outro e comigo próprio.

As competências selecionadas são uma escolha a partir do conhecimento da realidade dos alunos, dos seus valores, das suas capacidades e das suas dificuldades (sociais; económicas; culturais; humanas) levaram-me a optar por estas competências a desenvolver.

- A realidade da turma, com as características individuais de cada elemento e inquietações, desdobra-se da seguinte forma.

Quanto ao género, destes 20 alunos, 10 alunos são do sexo masculino e 10 alunos são do sexo feminino.

Tendencialmente os alunos que compreendem a turma, reúnem-se em grupos de género, dentro da sala de aula verifica-se uma divisão da sala dos alunos do sexo feminino e do sexo masculino.

Esta tendência dá-se também devido à diversidade cultural que existe dentro da sala de aula, dos 20 alunos constituintes da turma, verifica-se que 9 alunos são descendentes de famílias de origem africana, principalmente de Cabo Verde. Verifica-se uma “mistura” sócio cultural de alunos de famílias originalmente de Portugal e de Cabo Verde. Dos 20 alunos 11 alunos são de origem Portuguesa e 9 de origem Cabo-Verdiana, sendo destes 9 alunos 4 do sexo Feminino e 5 do sexo Masculino.

Dos vinte alunos que constituem a turma, é notório que a maioria dos alunos provém de contextos de baixo estatuto socioeconómico. Alguns dos alunos têm residência familiar nos bairros, circundantes à escola, de pouca fama social da área de

¹⁹² SNEC. *Programa de EMRC*, Lisboa, 2007, p 83.



Lisboa, Bairros como Cova da Moura e 6 de Maio. O seu ambiente de trabalho, nem sempre é o mais apaziguador, a relação entre pares nem sempre é o mais amistoso desenvolvendo-se momentos conflituosos.

A relação professor/aluno e a disciplina de EMRC pode-os ajudar a descobrirem o valor pessoal das suas qualidades e das qualidades do outro. Desafia-los a construírem-se como pessoas responsáveis que valorizam o respeito, o amor e a liberdade de personalidades e sensações. Permitir que adquiram uma cultura identitária, enquanto homens e mulheres, de uma sociedade pluralista, que os leve agir com valores éticos e morais, inculcando-lhes a ânsia ou curiosidade de descobrirem novos valores, quer humanos quer bíblicos, de forma a organizarem um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação da mensagem cristã e humana.

- **O projeto educativo da escola** assimila a realidade do contexto social envolvente à escola:

“Ao longo dos séculos, este território foi um local marcadamente rural e que, tal como toda a zona saloia, abastecia a capital dos bens de primeira necessidade.

A Estação de Caminho de Ferro da Porcalhota, inaugurada a 2 de Abril de 1887, veio transformar, de uma forma definitiva, esta área dando origem ao núcleo urbano, que corresponde hoje ao centro da cidade.

O comboio trouxe novas pessoas e ventos de mudança que gradualmente transformaram esta zona num pólo de desenvolvimento industrial (Fábrica de Espartilhos Santos Mattos, Parque Industrial da Venda Nova, Laboratórios da Indústria Farmacêutica e Alimentar, Sorefame, etc.). Presentemente grande parte destas indústrias encontra-se em fase de desativação.

*A população da Damaia é constituída por habitantes de origem portuguesa e imigrantes, na sua maioria, oriundos dos PALOP aos quais, ultimamente, se têm juntado cidadãos brasileiros e dos países da Europa de Leste e mais recentemente provenientes do continente asiático, nomeadamente da China”.*¹⁹³

O projeto educativo, preocupado com a realidade que “assiste” a escola, afirma que se propõe “considerando uma mais-valia a diversidade cultural do meio em que nos inserimos e tendo em consideração os três referentes nucleares da educação enunciados por James Beane (1990): a dignidade, a diversidade e a democracia a trabalhar num projeto educativo visando a construção de uma escola que seja um espaço de afirmação da cidadania para todos os que aí ensinam e aprendem. Pede-se à Escola que implemente uma “praxis” de qualidade em que se destaca a integração

¹⁹³ ESCOLA PEDRO D' OREY da CUNHA, *Regulamento Interno*, p. 4.



cultural, a concretização de projetos inovadores com a colaboração das famílias, a renovação de práticas pedagógicas amplamente refletidas e fundamentadas, a colaboração na formação de novos profissionais do ensino e ainda a investigação na ação e sobre a ação pedagógica desenvolvida”¹⁹⁴.

3 – Da planificação à perspetiva geral da UL1

Sabendo, à partida, que estamos a trabalhar com alunos do sexto ano letivo, que começam adquirir, cada vez mais, conhecimentos, informação e formação sobre o ser pessoa e as suas características, começam agir de forma autónoma, responsável, de acordo com os seus valores e princípios. Os valores e princípios com que agem são adquiridos no meio social com que contactam e na escola. Daí que seja necessário perspetivar e propor um percurso preciso em meio escolar.

A planificação estabelece condições e ritmos de trabalho, determina motivações e cria grupos de aprendizagem produtiva. A planificação, prévia, realizada por parte do professor é um basilar forte e importante do que é o ensino nas escolas. A proposta curricular e a edição do manual, generalizado, tem que ser trabalhado, transformado e adaptado segundo o processo da planificação através da decisão do professor tendo em conta a sequência, o ênfase, as interpretações, acréscimo, de temas e assuntos relacionados, e a supressão das extensões dos temas apresentados em manual, que para uma realidade podem ser muito propícios para outra distrações¹⁹⁵.

A planificação da UL1 começa por situar o que é o ser de pessoa no decorrer da história e as suas vicissitudes, iguaides e desigualdades, um pequeno percurso pela Grécia e Roma, os seus entendimentos dos quais fomos herdeiros para definir e interpretar o que é pessoa.

A seguir apresento as particularidades a cada dimensão do ser pessoa, tentando perceber as características que dizem respeito a cada um. Nesta fase, falo da relação que cada um tem com os outros e na conotação que, pelas diversas dimensões, podemos ter em relação aos outros. Nesta fase é necessário salientar a importância relacional com os outros a partir dos seus valores e vivências, levando os alunos a perceberem o valor que tem uma relação positiva e condescendente das

¹⁹⁴ Idem. P. 1

¹⁹⁵ CF. ARENDS, R. I. *Aprender a Ensinar*. Tradução A. Faria. 7ª ed. Madrid, Editora McGraw-Hill, 2008.p. 93



especificidades do outro, aceitando as diferenças do outro como benefício e não como rótulo discriminatório. Uma relação da pessoa sem entender, aceitar e perceber as diferenças existentes, numa relação saudável de fraternidade coisifica-se o ser pessoa.

Com a carta, ajuda do testemunho, desenvolverei a perspetiva da dimensão pessoal de Deus, e que este é a fonte levando-os a saírem do seu conceito físico, para uma dimensão mais espiritual religiosa, para uma dimensão da solidariedade oblativa, ao ponto de aceitar os desígnios de Deus como fez Maria e José.

4 – Proposta de conteúdos para planificação das aulas da UL1

Aula nº 1 - A dignidade do ser pessoa

Com este conteúdo pretendo ajudar os alunos a perceberem que a o ser pessoa é nosso desde a nossa conceção até à nossa morte, que faz parte do nosso ADN. Sendo uma realidade individual e uma estrutura pessoal. Contudo é necessário levar os alunos a perceberem qual a origem da palavra/conceito de pessoa e como foi evoluindo ao longo da história. Assim levá-los a ter consciência que temos toda a nossa vida para nos realizarmos e não só um momento da nossa história em particular.

Levá-los a entender o ser de pessoa e quais as divergências que existiam no ser pessoa de homem/mulher, classe social e etária, e as suas diferenças. Perceber como era compreendida a dignidade da pessoa e como era aceite nas sociedades/culturas greco-romana e a sua evolução com o auxílio do pensamento cristão.

Aula nº 2 - A procura da dignidade de ser pessoa

Com este conteúdo pretendo ajudar os alunos a perceberem que o ser pessoa vale por aquilo que é e não por aquilo que tem. Como tal, pretendo despertar o



interesse e admiração pela pessoa, pelo que ela contem em si e não pelos adornos que pode ir adquirindo.

Conduzir os alunos a ver a pessoa como objeto de respeito e admiração, bem como o valor da dignidade humana, independentemente da cor da pele, das origens socioeconómicas, das diferenças/deficiências. Pretendo levar os alunos a compreender que a autenticidade da dignidade humana está na genuinidade e autenticidade de ser pessoa.

Aula nº 3 - Eu o outro e as transformações físicas (dimensão biológica)

Com este conteúdo pretendo ajudar os alunos a perceberem que a pessoa tem características biológicas únicas, que se vão transformando ao longo da nossa vida. Esta dinâmica vivencial vai edificando traços únicos da nossa identidade que nos torna seres únicos e irrepetíveis. Levá-los a compreender que é pelo corpo que o outro percebe a primeira imagem da nossa pessoa. Apelar aos alunos a praticarem desporto, a terem cuidado com alimentação e a terem hábitos de higiene. Pela dimensão biológica, compreendo as necessidades do outro segundo as suas especificidades corporais, mais ou menos desenvolvidas. Levá-los a ver as diferenças do outro como um benefício.

Aula nº 4 - Sou uma pessoa, de relação, que se relaciona com a pessoa do outro (dimensão social)

Pretendo, com este conteúdo, ajudar os alunos a perceberem que a relação com o outro é marcada por valores sociais, é a partir dela que somos influenciados em comportamentos e atitudes, bem como a tomada de decisões. Demonstrando a dificuldade que muitas das vezes há em nos relacionarmos com o outro. Levá-los a perceber que temos de controlar os nossos impulsos. É necessário que percebam que o primeiro núcleo social a que pertencemos é a família. A partir desta, desenvolvemo-nos enquanto pessoas, somos únicos, e que cada elemento familiar (social) com que nos relacionamos é único.



As pessoas são favorecidas na sua vida social pela participação associativa, permitir que os alunos percebam que “a pessoa humana é, e deve ser, o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais”¹⁹⁶

Levar os alunos a perceberem que o maior obstáculo à harmonia social é talvez a falta de apreciação do valor do outro. O amor, respeito pelos seu ser pessoa, pelos outros, quais quer que sejam e o que quer que façam, e o respeito pelos seus direitos e dignidades, é tudo o que se precisa de fazer para que o “anormal” seja.

Aula nº 5 - A relação com os outros num diálogo de sinceridade (dimensão comunicacional)

Com este conteúdo pretendo que os alunos percebam que a melhor forma de vencer a ignorância das diferenças/deficiências é chegar à compreensão do outro através do diálogo. A importância primordial da prática, do diálogo, sincera quando reconhecemos a relação “doentia” dos indivíduos com a problemática da deficiência é, juntamente, com a ignorância, o fator que mais contribui para a desarmonia comunitária. É necessário não voltar as costas aos que têm uma aparência estranha, os miseráveis da sociedade, os enfermos. Estes não são inferiores perante o “não” superior social, não há uma concorrência de superioridade ou inferioridade, mas sim de consciência da pessoa no seu todo. Pois se por alguma razão, individual ou de incapacidade social, não poder ajudar os outros, ao menos não os prejudique.

Aula nº 6 - Eu e a minha sexualidade (dimensão sexual)

Com este conteúdo pretendo a definir o amor e a sexualidade, percebendo as diferenças entre o que é o amor e o que é a sexualidade no ser pessoa. Fazendo este esclarecimento, ajudo os alunos a valorizar o amor e que a sua sexualidade vivida num ambiente de amor ganha outra dimensão. Visto que a sexualidade afeta todos os aspetos referentes à pessoa humana, traduzindo-se na afetividade, isto é, a capacidade de amar e criar laços de comunhão com o outro. Perceberem que a sexualidade sem a dimensão do amor não existe.

¹⁹⁶ GS, nº 25,1



Aula nº 7 - Deus é fonte do amor e do ser humano (dimensão espiritual)

Com este conteúdo quero ajudar os alunos a descobrirem Deus como fonte da vida e do amor, em perfeita aliança com o ser humano na sua relação pessoal com a pessoa. Visto que esta se realiza nas suas diversas dimensões, mas só se completa pela dimensão do divino. Levar os alunos a perceberem que esta é a dimensão que nos distingue dos restantes seres vivos. É capacidade de amar, pensar, e tomar decisões livres e de agir sobre o mundo conforme os desígnios de Deus. Enquanto imagem e semelhança de Deus, cada pessoa é capaz de contribuir para a construção do mundo mais harmonioso. À pessoa é inerente um valor e uma dignidade incomparável que lhe vem de Deus.

5 – Avaliação

A avaliação será realizada através de um jogo de perguntas e respostas. Os alunos serão divididos em grupos de 4, cada grupo responderá por sua vez, tendo um porta-voz. Só o porta-voz poderá dar a resposta com a ajuda dos restantes elementos. O objetivo de cada grupo é completar um esquema que configurará uma imagem que tem por base os PowerPointes que foram demonstrados durante a leção da unidade.

Para o efeito serão construídos baralhos de cartões, 25 cartões por baralho, um por aluno, que levarão no final da unidade para casa, para poderem desenvolver/jogar com a família.

Cada cartão terá um valor de 4 pontos até um máximo de 100 pontos. Cada grupo será avaliado pelo somatório dos cartões que vão adquirindo. O valor desta avaliação terá uma percentagem de 40% na avaliação final da unidade. Os restantes 60% serão atribuídos nas avaliações de sala de aula.

Os símbolos das cartas especiais terão como base o código para daltónicos.

O objetivo é que os alunos tenham consciência da necessidade do outro que está ao meu lado, aprendendo mais sobre a unidade que foi lecionada, respondendo às questões para construir a imagem final. Consolidando os conhecimentos sobre o Ser Pessoa.

A base/ideia para este jogo/avaliação foi retirada do “Quiz4You”.



6 – Quadro da planificação

Quadro da planificação			
Aula nº 1	Competências: Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.		Anexo 1.1
	Sumário: A dignidade do ser pessoa.		
	Objetivos: Interpretar episódios históricos e factos sociais sobre a pessoa e a evolução do conceito de pessoa.	Conteúdos: - A Pessoa na civilização Greco-Romana (Quem é a pessoa? O que é Ser Pessoa?) - A influência Cristã no conceito de pessoa Estrutura individual Estrutura pessoal	
	Síntese: Por ser pessoa, capacidade de estabelecer relação com os outros (numa integralidade – da unidade e individualidade), tenho direitos que a sociedade deve potenciar, reconhecer e eu devo preservar.		

Aula nº 2	Competências: Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.		Anexo 1.2
	Sumário: A procura da dignidade de ser pessoa		
	Objetivos: Organizar um universo de valores orientado para a autenticidade. Identificar os direitos fundamentais da pessoa, a partir da noção de dignidade humana.	Conteúdos: - O estigma da diferença na sociedade. A pessoa com deficiência / Quem é considerado deficiente (definição). - A Dignidade da Pessoa Falências da dignidade da pessoa. Direitos dos diferentes	
	Síntese: A dignidade de cada pessoa, pelo facto de sermos pessoas portadoras de direitos e deveres, fundamenta o seu direito inalienável à vida, adequada às suas circunstâncias específicas.		



Aula nº 3	<p>Competências: Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.</p>		Anexo 1.3
	<p>Sumário: Eu o outro e as transformações físicas (dimensão biológica).</p>		
	<p>Objetivos: Compreender que a pessoa é marcada por transformações corporais relacionando-se com os outros por princípios de cooperação e solidariedade. Compreender que devemos cuidar do nosso corpo para o meu bem-estar e bem-estar dos outros.</p> <p>Interpelar para o valor de cuidar do corpo tendo uma vida ativa fisicamente, alimentação saudável e uma higiene apropriada à facha etária.</p>	<p>Conteúdos: Quem sou? - A dimensão que integra a herança genética. - A Abertura aos outros que são diferentes, corporalmente.</p> <p>O valor da atividade física, da alimentação saudável e da higiene</p>	
	<p>Síntese: Cada pessoa vale pelo que é, independentemente da nossa aparência, precisamos de ter cuidado e higiene com o nosso corpo.</p>		



Aula nº 4	<p>Competências: Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã. Mobilizar princípios e valores éticos para orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.</p>		Anexo 1.4
	<p>Sumário: Sou uma pessoa, de relação, que se relaciona com a pessoa do outro (dimensão social).</p>		
	<p>Objetivos: Relacionar-se com os outros e manifestar-lhes que a relação se fundamenta nos valores da solidariedade, da amizade e do respeito. Mobilizar os valores do amor e da solidariedade para a orientação do comportamento das ações na vida familiar. Organizar um universo de valores orientado para a relação com os outros.</p>	<p>Conteúdos: A dimensão social de pessoa Esta dimensão permite desenvolver as relações interpessoais. Avalia moralmente as atitudes e os comportamentos</p> <p>- O papel da escola para a construção de pessoa - A família primeiro núcleo social de desenvolvimento: Estrutura pessoal e Estrutura comunitária -As associações: A participação em associações e grupos favorecem a cooperação e a superação das incapacidades.</p>	
	<p>Síntese: A comunidade, a família e as associações, vivas e estáveis, só têm sentido se estiverem baseadas no amor à dignidade da pessoa.</p>		



Aula nº 5	<p>Competências: Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. Mobilizar princípios e valores éticos para orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.</p>		Anexo 1.5
	<p>Sumário: A relação com os outros num diálogo de sinceridade (dimensão comunicacional).</p>		
	<p>Objetivos: Questionar-se sobre a importância da comunicação e sobre os valores que norteiam a relação comunicacional integrada no projeto da pessoa. Organizar um universo de valores orientados para a relação com os outros nos princípios da cooperação e solidariedade.</p>	<p>Conteúdos: A Comunicação: Linguagem verbal: palavras e sons. Gestual (destinatários) Braille (destinatários) Linguagem não-verbal: gestos, posturas de corpo, imagens, tipo de linguagem, cujo código não é a palavra, usam-se outros códigos (o desenho, a dança, os sons, os gestos, a expressão fisionômica, as cores). O Código de cores para daltônicos (destinatários)</p>	
	<p>Síntese: Só pela compreensão mútua de uma boa comunicação, a relação humana, a entrega ao outro, é possível a vivência social.</p>		



Aula nº 6	Competências: Mobilizar princípios e valores éticos para orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.	
	Sumário: Eu e a minha sexualidade (dimensão sexual).	
	Objetivos: Organizar um universo de valores orientado para a relação com os outros, a cooperação, a solidariedade, caracterizada na vocação para amar os outros. Questionar-se sobre a relação existente entre o amor e a sexualidade, definindo conceitos de amor e de sexualidade	Conteúdos: - A sexualidade da pessoa humana é e abrange a totalidade da pessoa. - Definições de amor e sexualidade. - Relação amor sexualidade. - Abertura aos que são diferentes, ruptura com o egoísmo e vivência do amor.
	Síntese: A sexualidade afeta todas as relações com o outro. A sexualidade tem que ser vivida ao serviço do amor.	
Anexo 1.6		



Aula nº 7	<p>Competências: Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspetivas religiosas ou a valores éticos. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.</p>		Anexo 1.7
	<p>Sumário: Deus é fonte do amor e do ser humano (dimensão espiritual).</p>		
	<p>Objetivos: Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a relação da pessoa com Deus, reconhecendo nela um aspeto central da mensagem cristã. Interpretar textos bíblicos que evidenciem o carácter pessoal de Deus como elemento fulcral da mensagem cristã, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.</p>	<p>Conteúdos: - A pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus. - Dimensão espiritual: a relação com o transcendente, bem como a relação de Deus com o seu povo. - Deus, porque se relaciona connosco, deixa-se relacionar. Deus é Pessoa: Salmo 139 - Dimensões específicas da pessoa humana. Procura do bem. Procura do amor</p>	
	<p>Síntese: O amor de Deus, para o crente, é o alicerce da nossa vida e das nossas relações com o outro.</p>		



Conclusão

Começo esta conclusão por agradecer a todos os que me acompanharam durante tempo de trabalho e aprendizagem. A PES foi um processo de aprendizagem, mas acima de tudo uma construção humana, social e intelectual. Algo que não se perde, mas que me acompanhará para toda a minha vida profissional.

A relação que se criou, com os orientadores e os pares, mesmo com os alunos, foi uma profunda oportunidade de, principalmente, aprender e ensinar. A relação ensino aprendizagem lavou a que fizesse a ponte entre as teorias, alcançadas na faculdade, com a prática diária do ser professor.

Enquanto professor em aprendizagem não me posso esquecer que “os Professores principiantes, são encorajados a analisar primeiro o seu próprio conhecimento e atitude, a combater os preconceitos, estereótipos e mitos que possam ter. É igualmente importante que os professores se certifiquem de que o seu programa é justo e culturalmente relevante e que estão a utilizar estratégias de ensino eficazes e culturalmente recetivas”¹⁹⁷.

As aprendizagens realizadas durante este ano, para esta área disciplinar, proporcionaram-me, não só o desenvolvimento mais harmonioso com a pessoa do aluno, como também disponibilizou-me novos conhecimentos e novas competências.

Sinto que, enquanto professor, disponibilizo, agora, o saber da melhor forma que sou capaz, para que os alunos possam aprender. Posso dizer que contribuí de forma positiva para a formação da personalidade dos alunos que tive à minha frente.

Da mesma forma todos os que me acompanharam contribuíram para este resultado final. Não foi uma aprendizagem automática e solitária,

Apesar dos limites do tempo semanal, foi uma preocupação, geral, a minha formação. Os elementos, a quem estava a responsabilidade da minha formação, desenvolveram-me uma visão mais ampla e objetiva do ser professor, com uma motivação para a vida coletiva, individual e assunção de responsabilidades.

Ficou claro que um vasto caminho foi percorrido. Olhando para trás, verifico que desbravei um grande percurso. Alicerçando a experiência acumulada, deste trabalho, tenho o desejo de responder aos desafios constantes que, enquanto educador, estarei confrontado, mas sem perder a perspetiva que, muito foi desenvolvido, serei também eu um educando.

¹⁹⁷ ARENDS, R. I. *Aprender a Ensinar*, Tradução A. Faria. 7ª ed. Madrid: Editora McGraw-Hill. 2008. p. 63
Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada - UL 1 “A Pessoa Humana”



“A educação que merece o seu nome tem de ser estímulo para descobertas e invenções, promoção de saber mais profundo, saber fazer mais perfeito, saber estar mais humano”¹⁹⁸.

Não será difícil concluir sobre a importância, da formação da PES, para a minha vida de professor, de EMRC. Embora não existam soluções milagrosas para a competência do labor da docência, é necessário, sem descorar outros elementos fundamentais, ter um espírito vocacional. No processo educativo é necessário, preciso, razões. Tudo é questionado e carece de resposta, mas, principalmente, é necessário deixar falar o coração.

É importante perceber que somos uma parte de um todo e devemos dar atenção a cada um nas suas particularidades. A educação do ser pessoa será tanto mais completa, quanto mais alargar as raias do conhecimento à pessoa na sua inteira dimensão, deforma a não ficar numa visão do particular. A pessoa não pode ser reduzida à sua característica funcional do pretexto social. A pessoa não sendo vista na sua integridade pode ser circunscrita à objetivação das necessidades contemporâneas, manipulando a essência do ser pessoa.

A noção do ser pessoa só pode ser entendida pela abordagem da pessoa concreta e total. A pessoa é multifacetada, desempenha muitos papéis, secundários, no desenvolvimento social, mas não pode ser vista só como uma força social, como um fim voltado para o desempenho que manifesta na construção comunitária. O ser pessoa é presente na sua humanidade e na humanidade dos outros, a pessoa é a totalidade da sua existência e não as parcelas dos “epítetos” que lhe podem ser administrados. A pessoa tem que ser pensada de uma forma total, entendida na sua natureza de humanos com as suas agustias e satisfações.

O suporte do ser pessoa não pode ser uma exclusividade do educador, alguém que tem de estar dedicado para a valorização do outro, que se coloca numa humildade de perceber que a verdade é um caminho. Alguém que conhece e desfruta de ser pessoa, mas que espera dar o seu melhor e o melhor dos outros, sabendo que as suas ações o ultrapassam. Alguém que testemunha que está a educar o futuro.

Mas, educar o ser pessoa, não é uma empreitada da escola, da família, da contemporaneidade, que assiste ao crescimento de sonhos e objetivos, mas de todos e de cada um, cada qual com a sua manifesta responsabilidade.

A escola pode ter um papel importante, mas não com o intuito de exclusividade. A tarefa do ser pessoa começa na família, este é o primeiro núcleo e o

¹⁹⁸ CUNHA, Pedro D' Orey, *Ética e Educação*, UCP, Lisboa, 1996, p. 63.



principal ator do ato de educar. É importante que a escola defina os seus objetivos para não chocarem com os objetivos definidos pelo núcleo social/família. Os valores devem estar articulados nos diversos contextos educadores para que sejam valorizados os esforços na tarefa cooperativa de educar, tendo em conta o bem-estar e a alegria de viver dos jovens.

Foram durante este trabalho desenvolvidos diversos conceitos sobre a pessoa e a sua posição social ou corporal, mas o que mais importa não são os conceitos necessários, claro, mas a transmissão da beleza da educação do ser pessoa numa atitude de amor e relação positiva. A pessoa é a maior maravilha que há, não podemos viver a nossa pessoa de forma negativa, ou melhor, deforma a descobrir o que de pior podemos fazer. O educar o ser pessoa é desenvolver competências para que cada um viva a dimensão de pessoa de forma livre e harmoniosa.

O trabalho desenvolvido/planificado para responder às necessidades teve sempre a perspetiva de demonstrar o positivo que existe na relação social do ser pessoa. Com muitos exemplos, de faltas de respeito da dignidade de pessoa, está marcada a nossa história, mas não embarquei por esse caminho na planificação das aulas. É necessário demonstrar e levar os jovens a verificarem que há vozes positivas na sociedade em que vivemos. Desta forma a disciplina de EMRC tem o desafio de formar e educar com uma configuração diferente. Uma disciplina que aponta valores para a construção da pessoa, valorizando cada um como pessoa individual e social que é.

Termino como comecei este relatório, na sua integridade:

“Educar os jovens, é aceitar o permanente desafio da provocação”



Referências Bibliográficas

AA.VV. - Associação Portuguesa de Escolas Católicas. *Actas do I congresso nacional da escola católica, Escola católica proposta e desafio*, Fátima, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

AA.VV. – Bíblia Sagrada

AA.VV. - Constituição da República Portuguesa - Artigo 71º. 1º

AA.VV. - CEP, Educação moral e religiosa Católica – *Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Lisboa, 1/2006.

AA.VV. - Decreto de lei 6/2001, de 18 de Janeiro, artº 2, nº 2.

AA.VV. - Declaração de Salamanca, 1994.

AA.VV. - Dicionário Latim Português. por António Gomes Ferreira, Porto, Porto Editora.

AA.VV. - Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Lisboa, Circulo de Leitores, 2003.

AA.VV. – Concílio Ecuménico Vaticano II, *Gaudium et Spes*, Braga, Editorial, 10ª, 1987.

AA.VV. - Catecismo da Igreja Católica.

AA.VV. - EMRC, in FORUM de EDUCAÇÃO MORAL e RELIGIOSA CATÓLICA, nº 2, SNEC, Lisboa.

AAVV - ESCOLA PEDRO D' OREY da CUNHA, *Projeto Educativo*, 2011-2012.

AA.VV. - ESCOLA PEDRO D' OREY da CUNHA, *Regulamento Interno*, 2011-2012.

AA.VV. - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. IX

AA.VV. - Ministério da Educação, *Avaliação das Aprendizagens – Das conceções às práticas*, Ed. Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, 2002.

AA.VV. - Nota Pastoral da Conferencia Episcopal Portuguesa, *As pessoas com deficiência – Cidadãos em pleno direito*, Lisboa, 1/2003.

AA.VV. - Nota Pastoral da Conferencia Episcopal Portuguesa, *Educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Lisboa, 1/2002.

AA.VV. - Nota Pastoral da Conferencia Episcopal Portuguesa, *Escola em Portugal – Educação Integral da pessoa Humana*, Lisboa, 3/ 2008.

AA.VV. - Preâmbulo do Decreto de lei 6/2001



ADORNO, E. & HORKEIMER, M., *Dialética do esclarecimento; fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

ALMENDRA, Maria Ana, *Publius et Terentia Latim 11º ano*. Coimbra, Livraria Arnado, 2000.

ALMENDRA, Maria Ana; FIGUEIREDO, José Nunes – *Initium Latim 10º ano*. Porto, Porto Editora, 1993.

AMARAL, Lígia A., *Conhecendo a deficiência; em companhia de Hércules*. São paulo, Robe, 1995

AMBROSIO, Juan F. Garcia, *Encontro com Cristo, Plenitude do Ser Humano*. Lisboa, Paulinas, 2002.

ARENDT, R. I. *Aprender a Ensinar*. Tradução A. Faria. 7ª ed. Madrid, Editora McGraw-Hill, 2008.

ARISTÓTELES, *Ética Nicomaco*. trad. e notas de António C. Caeiro, Lisboa, Quetzal Editores, 2004.

BURKERT, Walter, *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. trad. de M. J. Simões Loureiro, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

CABANAS, José Maria Quintana. *Teoria da Educação, Concepção Antinómica da Educação*, Porto, Edições ASA, 2002.

CARDEDAL, Olegário Gonzalez, *Teologia y Antropologia*. Madrid, Editorial Moneda y Credito, S. A. 1967.

CARVALHO, Cristina Sá e PEREIRA, Jorge Augusto Paulo, *Questões Fundamentais Didáctica de EMRC*, in FORUM de EDUCAÇÃO MORAL e RELIGIOSA CATÓLICA, nº 2, SNEC, Lisboa.

CARVALHO, Angelina. *Projecto educativo*, 4º ed. Sta. Maria da Feira, ed, Afrontamento, 2001.

COMPLAK, Krystian, *Cinco teses sobre a dignidade da pessoa humana como conceito jurídico*. In revista da ESMESC, v 15, nº 21, 2008

CUNHA, Pedro D' Orey, *Ética e Educação*, UCP, Lisboa, 1996.

CRUZ, Sabastião, *Direito Romano I*. Coimbra, Sólivros, 1984.

DALAI-LAMA, *Ética para o novo milénio*. Camarate, Circulo de Leitores, 2000.

GILISSEN, J., *Introdução Histórica ao Direito*. trad. do francês de A. M. Hespanha e L. M. Macaísta Malheiros, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.



Gil Vicente, *Auto da baça do inferno – o Parvo*. Cit. in Manual E – Book Aluno – Ponto e Virgula – Língua Portuguesa 9º ano, Lisboa, Texto Editores, 2012/2013.

GIRARD, Paul, *Manuel Élémentaire de Droit Romain* – 2ª ed. Paris. Éditeur, 1898.

GOFFMAN, E. Estigma, *Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Brasil, Zahar Editoras, 1982.

GOMES, Marco, *Competências em EMRC e Desenvolvimento de Capacidades e Atitudes*, in FORUM de EDUCAÇÃO MORAL e RELIGIOSA CATÓLICA, nº 2, SNEC, Lisboa.

HOSS, Rudolf & BROAD, Pery & KREMER, Joahann Paul, *Auschwitz aos olhos das SS*. Auschwitz – Birkenau, Oswiecim, 2011

João Paulo II, *Carta pastoral às famílias*, Braga, Oração, 1994, nº16

KAUFFMAN, James M. e LOPES, João A., *Pode a Educação Especial Deixar de ser especial?*, Braga, Psiquilibros edições, 2007.

LIMA, C. Pires e Lima Américo Pires, *Leituras para o ensino Primário*. Porto, Porto Editora, 36ª ed. 1965.

MEC., *LATIM – 12º ano*, editorial do Ministério da Educação, Algueirão, 1980.

PEREIRA, Isidro S. J., *Dicionário Grego - Português e Português – Grego*. Braga, Livraria Apostolado da Imprensa, 7ªed. 1990.

PLATÃO, *Fédon*. por António Pedro Mesquita, Lisboa, Texto Editora, 1995.

POLICARPO, D. José, Cardeal – Patriarca de Lisboa, *A Escola Católica ao serviço da missão da Igreja (conferencia pronunciada no Fórum Risco de Educar)*, Lisboa, 28 de janeiro de 2007.

REGATEIRO, Fernando J., *A participação da Família na Educação Moral*, in FORUM de EDUCAÇÃO MORAL e RELIGIOSA CATÓLICA, nº 2, SNEC, Lisboa.

RIBEIRO, Isabel, Mª C. Lopes, *Integralidade da pessoa humana*. in V Encontro Luso-Brasileiro de Bioética. Porto, UCP, 4 de Julho de 2008.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan I., *Imagen de Dios, Antropología Teológica fundamental*. Santander, Sal térrea, 1988.

TELFOR. E. Charles & SAWREY, James. *O individuo excepcional*. Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

TOMÁS AQUINO, *Summa Theologica*. Est Suuna UCS, Brasil,1980

TOMÁS AQUINO, *De Spiritualibus Creaturis*. Est Suuna UCS, Brasil,1980.

TOMÁS AQUINO, *De Potentia*. Est Suuna UCS, Brasil,1980.



SNEC. *Programa de EMRC*, Lisboa, 2007.

SNEC - *Desafios, Manual do Professor 6º Ano*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2009.

SCHELER, M., *Ética*. Madrid, 1941.

SÓFOCLES, *Antígona*. trad. e coment. de Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2003.

SOUSA, Capelo Rabindranath, *O Direito geral de Personalidade*. Coimbra: Coimbra Editora, 1995.

SOUSA, Célia. *Formação inicial e continua na área da educação especial face aos desafios do alargamento da escolaridade obrigatória inclusiva*, ARTV. Comissão parlamentar para educação e ciência, 6 de Março de 2013.

VIRGÍLIO, *A Eneida*. por Ricardo Alberty, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1986.

Web Sites

CERQUEIRA, Susana - *Ser Pessoa – Uma Reflexão Bioética*
<http://www.porto.ucp.pt/lusobrasileiro/actas/Susana%20Cerqueira.pdf> 02/04/2012 às 14:01

COSTA, Valdelúcia Alves - *Diferença, desvio, preconceito e estigma: a questão da deficiência*.
<http://www.asdef.com.br/innova/assets/artigos/historia011.pdf> 27/02/2013 às 10:20

JOAQUIM, Teresa - *Reflexão ética sobre a dignidade humana*
Httpwww.cneqv.ptadminfilesdatadocs1273058936_P026_DignidadeHumana.pdf
05/03/2013 às 11:08

PEREIRA, Heloisa Prado, - *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “PESSOA HUMANA*, <http://www.derechoycambiosocial.com/revista006/persona%20humana.htm>
22/03/2011 às 19:37

RIBEIRO, Isabel, M^a C. Lopes - *Integralidade da pessoa humana*. In V Encontro Luso – Brasileiro de Bioética, Porto, UCP, 4 de julho de 2008.
<httpwww.porto.ucp.ptlusobrasileiroactasIsabel%20Ribeiro%20Integralidade%20da%20Pessoa%20Humana.pdf> 22/03/2011 às 19:29.

SILVA, Vanessa Caroline e Moreira, Laura Ceretta - *Currículo na escola Inclusiva: o estigma da diferença*
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/849_727.pdf 27/02/2013 às 10:20



A deficiência e vários tipos existentes

<http://deficiencia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1364432068> 25/02/2013 às 13:00

A importância, segundo a doutrina atual, do pensamento de Kant para afirmação do princípio da dignidade humana.

<http://jus.com.br/revista/texto/7069/a-dignidade-da-pessoa-humana-no-pensamento-de-kant> 05/03/2013 às 11:16

A PROTEÇÃO CONSTITUCIONAL DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

<http://www.mp.rs.gov.br/dirhum/doutrina/id248.htm> 25/02/2013 às 13:00

Comunicação Social

<http://eltonvca.blogspot.pt/> 25/02/2013 às 19:17

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E ENQUADRAMENTO DA AÇÃO

http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf 02/04/2012 às 14:10

Deficiência Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Defici%C3%Aancia> 27/10/2013 às 10: 30

Imago Dei

<http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ImagemDeDeus-Barauna.htm>
08/04/2012 às 12:48



ANEXOS



Anexo 1.1					
6º Ano – UL 1 – A pessoa Humana				Aula nº 1	
Competência: Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.					
Sumário: A dignidade do ser pessoa.					
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45'	Materiais	Avaliação Formativa
Interpretar episódios históricos e factos sociais sobre a pessoa e a evolução do conceito de pessoa.		Acolhimento Registo do sumário Iniciar a unidade: A Pessoa Humana.	5'	Caderno do aluno	Verificar se os alunos entram de forma ordenada e se registam o sumário.
	- A Pessoa na civilização Greco-Romana -Quem é a pessoa? - A influência Cristã no conceito de Pessoa.	PowerPoint: As características da pessoa na civilização greco-romana. A importância das pessoas e quem era considerado pessoa e as alterações que a filosofia cristã inseriu na sociedade.	20'	Anexo nº 2 PowerPoint Projetor Computador	Acompanhar e avaliar os alunos a interagirem e participarem na leitura do PowerPoint.
	-O que é Ser Pessoa?	Vídeo: “Como ser uma pessoa melhor, aprenda com um lápis”.	5'	Anexo nº 3 Vídeo Projetor Computador Ligação internet	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do filme.
	-Estrutura individual -Estrutura pessoal	Trabalho de pares Os alunos vão falar sobre as diferenças apresentadas na evolução da pessoa E trabalhar a frase desenvolvendo um novo significado para a pessoa.	10'	Conjunto de letras com a frase: “ Descubrir e construir novos Caminhos”	Avaliar a interação e participação dos alunos na construção do significado da pessoa.
		Escrever a síntese no quadro da sala.	5'	Quadro e caneta Caderno do aluno	Verificar se todos registam a síntese.
Síntese: Por ser pessoa, capacidade de estabelecer relação com os outros (numa integralidade – da unidade e individualidade), tenho direitos que a sociedade deve potenciar, reconhecer e eu devo preservar.					



Anexo 1.2					
6º Ano – UL 1 – A pessoa Humana				Aula nº 2	
Competência: Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.					
Sumário: A procura da dignidade de ser pessoa.					
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45'	Materiais	Avaliação Formativa
Organizar um universo de valores orientado para a autenticidade.	O estigma da diferença na sociedade. A pessoa com deficiência / Quem é considerado deficiente (definição).	Acolhimento Registo do sumário Recordar o trabalho realizado na aula anterior.	5'	Caderno do aluno	Verificar se os alunos entram de forma ordenada e se registam o sumário.
		Vídeo “Aprenda a lidar com a deficiência dos outros” Com as principais características diferença na sociedade.	4'	Anexo nº 4 Vídeo Projetor Computador Ligação internet	Acompanhar e avaliar os alunos a interagirem e participarem no visionamento do filme.
		Trabalho de pares Os alunos registam as diferenças apresentadas no visionamento do filme e debatem quais as mais condicionadoras.	10'	Caderno do aluno	Acompanhar e avaliar os alunos no trabalho pedido.
Identificar os direitos fundamentais da pessoa, a partir da noção de dignidade humana.	- A Dignidade da Pessoa - Falências da dignidade da pessoa. Pessoa ser dotado de direitos e deveres:	Vídeo “Inclusão Social - Pessoas com Deficiências” Onde se pode ver a promoção e as falhas de inclusão.	5'	Anexo nº 5 Vídeo Projetor Computador Ligação internet	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do filme.
		Trabalho de pares Os alunos discutem que tipos de comportamentos devem adotar perante as situações visionadas e registam-nas no caderno do aluno.	10'	Caderno do aluno	Avaliar a interação e participação dos alunos na construção dos atos a ter.
	- Direitos do diferente	Vídeo “Respeite as diferenças! Gente eficiente ou deficiente”.	6'	Anexo nº 6 Vídeo Projetor Computador Ligação internet	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do filme.
		Escrever a síntese no quadro da sala.	5'	Caderno do aluno	Verificar se todos registam a síntese.
Síntese: A dignidade de cada pessoa, pelo facto de sermos pessoas portadoras de direitos e deveres, fundamenta o seu direito inalienável à vida, adequada às suas circunstâncias específicas.					



Anexo 1.3					
6º Ano – UL 1 – A pessoa Humana				Aula nº 3	
Competência: Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.					
Sumário: Eu o outro e as transformações físicas (dimensão biológica).					
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45'	Materiais	Avaliação Formativa
Compreender que a pessoa é marcada por transformações corporais relacionando-se com os outros por princípios de cooperação e solidariedade. Compreender que devemos cuidar do nosso corpo para o meu bem-estar e bem-estar dos outros.		Acolhimento Registo do sumário Recordar o trabalho realizado na aula anterior.	5'	Caderno do aluno	Verificar se os alunos entram de forma ordenada e se registam o sumário.
	Quem sou?	Trabaho individual É pedido a cada aluno que preencha a ficha. (Para recolher.)	5'	Anexo nº 7 Ficha biográfica	Verificar se todos realizam a ficha de trabalho.
	- A dimensão que integra a herança genética. - Abertura aos outros que são diferentes, corporalmente.	PowerPoint: A dimensão biológica, as suas características, a importância para a compreensão e vivência do ser pessoa.	15'	Anexo nº 8 Projetor Computador	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do PowerPoint.
Interpelar para o valor de cuidar do corpo tendo uma vida ativa fisicamente, alimentação saudável e uma higiene apropriada à facha etária.	O valor da atividade física, da alimentação saudável e da higiene	Chuva de ideias: Quais os cuidados a termos com o nosso corpo.	5'	Caderno do aluno	Acompanhar e verificar se os alunos participam respeitando o outro.
		Vídeo: “ Importância da higiene e alimentação para o ser humano”.	10'	Anexo nº 9 Vídeo Projetor Computador Ligação internet	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do filme.
		Escrever a síntese no quadro da sala.	5'	Quadro e caneta Caderno do aluno	Verificar se todos registam a síntese.
Síntese: Cada pessoa vale pelo que é, independentemente da nossa aparência, precisamos de ter cuidado e higiene com o nosso corpo.					



Anexo 1.4					
6º Ano – UL 1 – A pessoa Humana			Aula nº 4		
<p>Competência: Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã. Mobilizar princípios e valores éticos para orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.</p> <p>Sumário: Sou uma pessoa, de relação, que se relaciona com a pessoa do outro (dimensão social).</p>					
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45'	Materiais	Avaliação Formativa
<p>Relacionar-se com os outros e manifestar-lhes que a relação fundamenta-se nos valores da solidariedade, da amizade e do respeito mobilizado os valores do amor e da solidariedade para a orientação do comportamento das ações na vida familiar.</p>		<p>Acolhimento Registo do sumário Relembrar o trabalho realizado na aula passada.</p>	5'	Caderno do aluno	Verificar se os alunos entram de forma ordenada e se registam o sumário.
	<p>-A dimensão social de pessoa. Esta dimensão permite desenvolver as relações interpessoais. Avalia moralmente as atitudes e os comportamentos</p>	<p>Músicas e Textos da música: Ouvir duas músicas sobre a identidade social da pessoa. Trabalho de pares.</p>	10'	Anexo 10 e 11 Computador Colunas Caderno do aluno.	Acompanhar e verificar se os alunos participam respeitando o outro.
	<p>- O papel da escola para a construção de pessoa</p>	<p>PowerPoint e Vídeo: Verificar a importância da escola (que falhas há na integração de todos os alunos. (TPC, recolha fotográfica.)</p>	10'	Anexo nº 12 e 12.1 Computador Projetor Manual do aluno	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do PowerPoint.
	<p>- A família primeiro núcleo social de desenvolvimento: Estrutura pessoal e Estrutura comunitária.</p>	<p>Leitura da página 25 e 122 do manual do aluno.</p>	10'	Manual do aluno	Acompanhar e verificar se os alunos participam respeitando o outro.
<p>Organizar um universo de valores orientado para a relação com os outros.</p>	<p>-As associações: A participação em associações e grupos favorecem a cooperação e a superação das incapacidades.</p>	<p>Vídeo: O papel das associações e quem pode pertencer, voluntariado. Leitura do texto sobre os órgãos do corpo. Perceber a necessidade de todos para a construção de uma sociedade cooperativa.</p>	6'	Anexo nº 13 Computador Projetor Vídeo net Anexo nº 22	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do filme.
		<p>Escrever a síntese no quadro da sala.</p>	4'	Quadro e caneta Caderno do aluno	Verificar se todos registam a síntese.
<p>Síntese: A comunidade, a família e as associações, vivas e estáveis, só têm sentido se estiverem baseadas no amor à dignidade da pessoa.</p>					



Anexo 1.5

6º Ano – UL 1 – A pessoa Humana		Aula nº 5			
<p>Competência: Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. Mobilizar princípios e valores éticos para orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.</p> <p>Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.</p> <p>Sumário: A relação com os outros num diálogo de sinceridade (dimensão comunicacional).</p>					
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45'	Materiais	Avaliação Formativa
Questionar-se sobre a importância da comunicação e sobre os valores que norteiam a relação comunicacional integrada no projeto da pessoa.	- A Comunicação: Linguagem verbal: palavras e sons. Gestual (destinatários) Braille (destinatários)	<p>Acolhimento Registo do sumário Relembrar o trabalho realizado na aula passada.</p>	5'	Caderno do aluno	Verificar se os alunos entram de forma ordenada e se registam o sumário.
		<p>Correção do TPC (que falhas há na integração de todos os alunos).</p>	5'	Trabalho de casa	Verificar se os alunos realizaram o trabalho de casa.
		<p>Chuva de ideias: Quais são as várias formas de comunicar.</p>	5'	Quadro e caneta	Acompanhar e verificar se os alunos participam respeitando o outro.
		<p>PowerPoint: As várias formas de comunicação e os seus destinatários.</p>	10'	Anexo nº 14 Computador Projetor PowerPoint	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do PowerPoint.
Organizar um universo de valores orientados para a relação com os outros nos princípios da cooperação e solidariedade.	- A linguagem não-verbal: gestos, posturas de corpo, imagens, tipo de linguagem, cujo código não é a palavra, usam-se outros códigos (o desenho, a dança, os sons, os gestos, a expressão fisionômica, as cores). - O Código de cores para daltónicos (destinatários)	<p>Jogo do telefone: Os alunos vão pelo jogo experimentar as falhas da comunicação.</p>	10'		Acompanhar e avaliar os alunos no trabalho pedido.
		<p>Carta: Tornar a Vida Eficiente numa Família Diferente.</p>	5'	Anexo nº 15 A carta Envelope	Acompanhar e verificar se os alunos participam respeitando o outro.
		Escrever a síntese no quadro da sala.	5'	Quadro e caneta Caderno do aluno.	Verificar se todos registam a síntese.
<p>Síntese: Só pela compreensão mútua de uma boa comunicação, a relação humana, a entrega ao outro, é possível a vivência social.</p>					



Anexo 1.6					
6º Ano – UL 1 – A pessoa Humana				Aula nº 6	
Competência: Mobilizar princípios e valores éticos para orientação do comportamento em situações vitais do cotidiano. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como fator de enriquecimento mútuo.					
Sumário: Eu e a minha sexualidade (dimensão sexual).					
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45'	Materiais	Avaliação Formativa
Organizar um universo de valores orientado para a relação com os outros, a cooperação, a solidariedade, caracterizada na vocação para amar os outros.		Acolhimento Registo do sumário Relembrar o trabalho realizado na aula passada.	5'	Caderno do aluno	Verificar se os alunos entram de forma ordenada e se registam o sumário.
	- A sexualidade da pessoa humana é e abrange a totalidade da pessoa	PowerPoint: Sobre a Sexualidade da pessoa humana, sensibilizar os alunos para a importância da sexualidade na vida das pessoas, e concluir que o amor é o mais importante.	20'	Anexo nº 16 Computador Projetor PowerPoint	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do PowerPoint.
	- Definições de amor e sexualidade. - Relação amor sexualidade.	Leitura da página 32 e 33 do manual do aluno. Interpretar os textos retirando os conteúdos chave para a vivência da nossa sexualidade no amor.	10'	Manual do aluno.	Acompanhar os alunos no trabalho pedido.
Questionar-se sobre a relação existente entre o amor e a sexualidade, definindo conceitos de amor e de sexualidade	- Abertura aos que são diferentes, rutura com o egoísmo e vivência do amor.	Vídeo: Solidariedade, amor ao próximo, é tudo. Verificar a importância de nos darmos aos outros.	5'	Anexo nº 17 Computador Projetor Ligação Internet	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do filme.
		Escrever a síntese no quadro da sala.	5'	Quadro e caneta Caderno do aluno	Verificar se todos registam a síntese.
Síntese: A sexualidade afeta todas as relações com o outro. A sexualidade tem que ser vivida ao serviço do amor.					



Anexo 1.7					
6º Ano – UL 1 – A pessoa Humana			Aula nº 7		
Competência: Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.					
Sumário: Deus é fonte do amor e do ser humano (dimensão espiritual).					
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45'	Materiais	Avaliação Formativa
Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a relação da pessoa com Deus, reconhecendo nela um aspeto central da mensagem cristã.		Acolhimento Registo do sumário Relembrar o trabalho realizado na aula passada.	5'	Caderno do aluno	Verificar se os alunos entram de forma ordenada e se registam o sumário.
	- A pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus. - Dimensão espiritual: a relação com o transcendente, bem como a relação de Deus com o seu povo.	Leitura da página 34.	5'	Manual do aluno	Acompanhar os alunos no trabalho pedido.
		PowerPoint: Imagens e frases da relação com Deus, verificar que o amor de Deus está presente em todos os momentos da vida.	10'	Anexo nº 21 Computador Projetor Ligação Internet	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do PowerPoint.
Interpretar textos bíblicos que evidenciem o carácter pessoal de Deus como elemento fulcral da mensagem cristã, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.	- Deus, porque se relaciona connosco, deixa-se relacionar. Deus é Pessoa: Salmo 139 - Dimensões específicas da pessoa humana.	Leitura do Salmo 139, página 35, e letra "eu sei" de Sara Tavares. Contextualização do salmo nos dias de hoje. Interpretar o texto alcançando a importância das palavras de Deus para os dias de hoje e a sua atualidade.	10'	Manual do aluno Anexo nº 18	Acompanhar os alunos no trabalho pedido.
		Musica: vídeo Sara tavares Eu Sei.	5'	Anexo nº 19 Computador Projetor Ligação Internet	Acompanhar e verificar se os alunos participam respeitando o outro.
	-Procura do bem. -Procura do amor	Vídeo: verificar que o amor de Deus é para todos, seja qual for a situação de vida em que estivermos, não interessa o que somos ou como estamos, Deus está presente.	6'	Anexo nº 20 Computador Projetor Ligação Internet	Avaliar atenção dos alunos na explicação e na exposição do filme.
		Escrever a síntese no quadro da sala.	4'	Quadro e caneta Caderno do aluno	Verificar se todos registam a síntese.
Síntese: O amor de Deus, para o crente, é o alicerce da nossa vida e das nossas relações com o outro.					

Anexo nº 2 A Pessoa na Civilização Greco-Romana





Ser Pessoa: um itinerário reflexivo sobre a problemática da deficiência

A Pessoa por influência Cristã

Roma apesar de ser atribuída uma maior capacidade jurídica à pessoa, a sociedade é muito classificada por posições e "castas" sociais. A pessoa é valorizada conforme o seu patamar social, conforme o seu status.

É com o cristianismo através do amor fraterno e igualdade perante Deus, passa a ser passa a ser sujeito

A Pessoa por influência Cristã

Qualquer ser humano passou a ser pessoa, não interessa a condição social ou económica, já não existem divisões para ser considerado de igual, homens, mulheres, crianças, nascituros, escravos, estrangeiros e até mesmo inimigos são para o cristianismo iguais, pessoas com igual estimação.

A pessoa é considerada na ideia de Deus encarnado que por amor envolveu o homem, envolveu cada um de nós, numa textura de atos de amor

A pessoa ganha unicidade e individualidade, o cristianismo refere-se à pessoa como sendo a personificação da imagem do criador.

A pessoa é uma unidade e não um somatório e parcelas, ela possui um princípio no transcendente, como diz a bíblia o homem e mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus

A Pessoa por influência Cristã

O ser humano, para o cristianismo, é uma pessoa integral, um corpo como dimensão material e uma alma como dimensão espiritual. É um ser unitário criado por Deus, tal como todas as outras criaturas do universo. Mas só a pessoa, no homem e na mulher criados, tem direito a nome próprio. Isto é, a pessoa é ser o criado superior a todas as outras criaturas.

O homem deve "considerar o próximo, sem excepção, como um «outro eu», tendo em conta a sua vida"

A Pessoa na civilização Romana

A Pessoa na civilização Romana

Por ser pessoa, tenho direitos que a sociedade deve potenciar, reconhecer e eu devo preservar.

A Pessoa por influência Cristã

O homem é um ser pessoal enquanto ser de relação. A relação com Deus é a primeira e fundamenta a relação com o mundo no ato de superioridade e a relação com o tu num ato de igualdade. Enquanto que, o elemento subsistente da pessoa humana, na sua natureza, descreve-se como "ser uno, composto de corpo e alma", com elementos do material, mundo, e espiritual, divino. A pessoa é uma totalidade e não um conjunto de parcelas.



Anexo nº 3 Como ser uma pessoa melhor, aprenda com um lápis.

<http://www.youtube.com/watch?v=OC9SSyrOu8E>



Anexo nº 4 Aprenda a lidar com a deficiência dos outros

<http://www.youtube.com/watch?v=x68-nhx8WZ8>





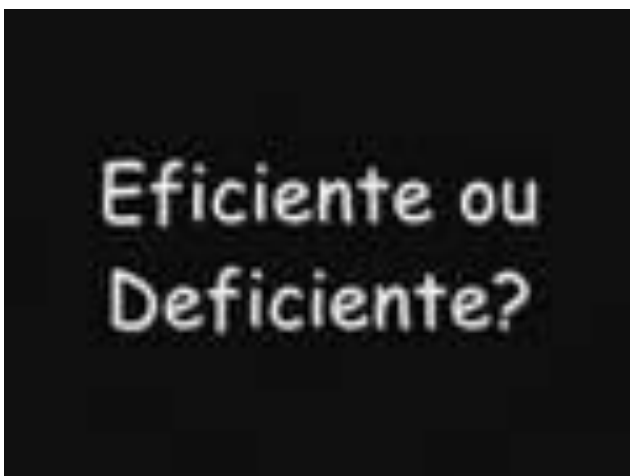
Anexo nº 5 Inclusão Social - Pessoas com Deficiências

<http://www.youtube.com/watch?v=8S27Uvd2yg>



Anexo nº 6 Respeite as Diferenças! Gente Eficiente ou Deficiente.

<http://www.youtube.com/watch?v=G9xjw7Wec8I>





Anexo nº 7 Ficha Biográfica – Quem sou eu?

Bilhete de Identidade da Pessoa – Que sou eu?			
ESCOLA: _____			
Nome: _____			Impressão Digital
Nacionalidade: _____	Há diferentes na família? _____	Sexo M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>	
Data de Nascimento ____/____/____	_____	_____	
Diferenças em relação ao meu par: _____			
Filiação	Nome do Pai: _____		
	Nome da mãe: _____		

Anexo nº 8 Dimensão Biológica.

Dimensão Biológica

QUEM SOU EU?

BIOLOGICA

Cada ser humano apresenta características biológicas únicas.
 Dos nossos pais recebemos a informação genética que define a nossa identidade sexual e a herança genética através da qual partilhamos traços fisionómicos com a nossa linhagem materna e paterna.
 Nós também apresentamos traços distintos que fazem de cada um de nós um ser único.

Quem sou eu!

Corpo
Biologia
Anatomia
Aparência
Saúde



BIOLOGICA

Corpo

O corpo permite que nos revelemos aos outros

Com o corpo estabelecemos relações de comunhão

Pelo corpo definimos a nossa primeira imagem

BIOLOGICA

Biologia

Integra a herança genética.

Partilhamos traços fisionômicos com a nossa linhagem materna e paterna

As nossas características físicas não são apenas somatório de herança do pai e da mãe, apresentamos traços distintos que fazem de nós um ser único.

Características manifestadas por um indivíduo, características fisiológicas, morfológicas, comportamentais.

BIOLOGICA

Anatomia

É a estrutura do nosso corpo

É a série de órgãos e regiões do corpo

Aspectos da estrutura e função do corpo importantes para os nossos movimentos diários.

É o que possibilita a harmonia das relações dos sistemas e aparelhos do corpo, de acordo com a sua função.

BIOLOGICA

Aparência

É o aspeto ou aquilo que se mostra superficialmente ou à primeira vista

A aparência é tudo aquilo que os dados dos sentidos "veem"

As aparências deixam apenas ver uma espécie de superfície pouco de acordo com aquilo que as coisas ou os seres no fundo são "na realidade".

Ao longo da tua vida tem cuidado para não julgares as pessoas pelas aparências.

BIOLOGICA

Saúde

O meu corpo é um jardim, a minha vontade o seu jardineiro

1 Coríntios 6:19-20 e Efésios 5:29 diz-nos "Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida.."

Devemos cuidar bem do nosso corpo, cuidar da minha higiene, alimentação, praticar desporto, e dialogar.

BIOLOGICA

Cada pessoa vale pelo que é e não por aquilo que gostaríamos que fosse. Temos de cuidar do nosso corpo

Anexo nº 9 “ Importância da higiene e alimentação para o ser humano”

http://www.youtube.com/watch?v=OR_uYta-bcl





Anexo nº 10 I'm an Englishman in New York



03. Englishman In New York anexo 4.mp3

<p>I don't drink coffee I take tea my dear I like my toast done on one side And you can hear it in my accent when I talk I'm an Englishman in New York</p>	<p>Não bebo café, bebo chá, minha querida Gosto de torrar o pão só de um lado E podes ouvir na minha pronúncia quando falo Sou um inglês em Nova Iorque</p>
<p>See me walking down Fifth Avenue A walking cane here at my side I take it everywhere I walk I'm an Englishman in New York</p>	<p>Olha para mim a descer a 5ª Avenida Uma bengala junto a mim Levo-a para todo o lado quando ando Sou um inglês em Nova Iorque</p>
<p>I'm an alien I'm a legal alien I'm an Englishman in New York I'm an alien I'm a legal alien I'm an Englishman in New York</p>	<p>Sou um extraterrestre legal Sou um inglês em Nova Iorque Sou um extraterrestre legal Sou um inglês em Nova Iorque</p>
<p>If, "Manners maketh man" as someone said Then he's the hero of the day It takes a man to suffer ignorance and smile Be yourself no matter what they say</p>	<p>Se "de maneiras se faz um homem", como alguém disse Então ele é o herói do dia É preciso ser-se Homem para sofrer e sorrir Sê tu próprio, não importa o que eles dizem</p>
<p>I'm an alien I'm a legal alien I'm an Englishman in New York I'm an alien I'm a legal alien I'm an Englishman in New York</p>	<p>Sou um extraterrestre legal Sou um inglês em Nova Iorque Sou um extraterrestre legal Sou um inglês em Nova Iorque</p>
<p>Modesty, propriety can lead to notoriety You could end up as the only one Gentleness, sobriety are rare in this society At night a candle's brighter than the sun</p>	<p>A modéstia e propriedade podem levar à fama Podes acabar como sendo único Gentileza e sobriedade são raras na sociedade À noite uma vela é mais brilhante que o sol</p>
<p>Takes more than combat gear to make a man Takes more than a license for a gun Confront your enemies, avoid them when you can A gentleman will walk but never run</p>	<p>É preciso mais que uma armadura para ser um homem É preciso mais que uma licença de porte de arma Fala com os teus inimigos, mas evita-os quando puderes Um cavalheiro anda, mas nunca foge.</p>
<p>If, "Manners make the man" as someone said Then he's the hero of the day It takes a man to suffer ignorance and smile Be yourself no matter what they say</p>	<p>Se "de maneiras se faz um homem", como alguém disse Então ele é o herói do dia É preciso ser-se Homem para sofrer e sorrir Sê tu próprio, não importa o que eles dizem</p>
<p>I'm an alien I'm a legal alien I'm an Englishman in New York I'm an alien I'm a legal alien I'm an Englishman in New York</p>	<p>Sou um extraterrestre legal Sou um inglês em Nova Iorque Sou um extraterrestre legal Sou um inglês em Nova Iorque</p>



Anexo nº 11 Here I am



Bryan Adams - Here I Am (Spirits End Title) anexo 4.mp3

<p>Here I am - this is me There's nowhere else on earth I'd rather be Here I am - it's just me and you And tonight we make our dreams come true</p> <p>(CHORUS) It's a new world - it's a new start It's alive with the beating of young hearts It's a new day - it's a new plan I've been waiting for you Here I am</p> <p>Here we are - we've just begun And after all this time - our time has come Ya here we are - still goin' strong Right here in the place where we belong</p> <p>Chorus X1</p> <p>Here I am - this is me There's no where else on earth I'd rather be Here I am - it's just me and you And tonight we make our dreams come true</p> <p>Chorus X2</p> <p>Here I am - next to you And suddenly the world is all brand new Here I am - where I'm gonna stay Now there's nothin standin in our way Here I am - this is me</p>	<p>Aqui estou eu – este sou eu Não sítio nenhum na Terra onde eu preferia estar Aqui estou eu – só eu e tu Hoje os nossos sonhos serão realidade</p> <p>(Refrão) É um Mundo Novo – é um novo começo É estar vivo com um coração jovem a bater É um novo dia – é um novo projecto Tenho estado à tua espera Aqui estou eu</p> <p>Aqui estamos – ainda agora começámos E depois deste tempo, o nosso tempo começou Sim, aqui estamos – vamos com força Aqui mesmo no sítio onde pertencemos</p> <p>(Refrão 1x)</p> <p>Aqui estou eu – este sou eu Não sítio nenhum na Terra onde eu preferia estar Aqui estou eu – só eu e tu Hoje os nossos sonhos serão realidade</p> <p>(Refrão 2x)</p> <p>Aqui estou – ao teu lado E de repente o mundo está completamente novo Aqui estou – é onde vou ficar Agora nada está no nosso caminho Aqui estou – este sou eu</p>
--	---



Anexo nº 12 Dimensão Social

Dimensão Social

O ser humano afirma-se em sociedade através da família e dos diversos grupos sociais e culturais aos quais pertence. Nela cada ser humano estrutura os seus conhecimentos e valores que influenciam as suas atitudes e os seus comportamentos bem como as suas decisões.

A família é fundamental no desenvolvimento da pessoa. No entanto, o ser humano faz parte de uma sociedade onde há direitos e deveres. Por outro lado, viver em sociedade permite a realização de cada indivíduo.

SOCIAL

Pais, família amigos, companheiros. Todos os que nos rodeiam.

Interdependência

SOCIAL

Pais, família amigos, companheiros. Todos os que nos rodeiam.

Interdependência

SOCIAL

A ESCOLA

Org
cor
das

É PARA TODOS

INCLUSÃO DIREITO DO CIDADÃO

SOCIAL

A Escola

Vai favorecer a harmonia

inte,

O aluno tom
dignidade e
que concilia
meio human
relação com

Anexo nº 12.1 <http://www.youtube.com/watch?v=dqpkZOGz59Y>





Anexo nº 13 Associações Sociais

<http://pt-cv.redes-sociais.com/index.php/media/videos/101-diogo-gomes/video/16730-associacoes-comunitarias-reunem-se-em-encontro-de-reflexao-para-desenvolvimento>



Anexo nº 14 Dimensão Comunicacional

The infographic is set against a background of autumn leaves. It features a central star labeled "Dimensão Comunicacional".

Comunicação

Envolve as pessoas, relacionando se umas com as outras.
Envolve significados compartilhados. O processo só se completa se as pessoas concordarem quanto à definição dos termos que estão usando. O processo é nitidamente simbólico, pois envolve gestos, sons, letras, números, palavras, etc. que só podem representar ou sugerir as idéias que elas pretendem comunicar.

Comunicação:

- Verbal recorrendo a palavras e sons
- Não verbal recorrendo a gestos e posturas de corpo

Surdos

A grid of hand gestures representing the alphabet (A-Z) and numbers (0-9). Below it, a drawing shows three people using sign language to spell out "CARLOS".

ALFABETO DE
RENATO DE LIMA MARTINS PEREIRA
(adaptado de [illegible])



Comunicação

Cegos

ALFABETO BRAILLE

A	B	C	D	E	F	G	H
I	J	K	L	M	N	Õ	O
P	Q	R	S	T	U	V	W
X	Y	Z	À	É	Í	Ó	U

Comunicação

Escrita /oral

Comunicação

Código Morse

Código	Morse	Internacional
A	· · · · ·	perido
B	· · · · ·	causa
C	· · · · ·	das juntas
D	· · · · ·	pregunta
E	· · · · ·	quize
F	· · · · ·	fracim
G	· · · · ·	parentesis
H	· · · · ·	venilhas
I	· · · · ·	
J	· · · · ·	
K	· · · · ·	
L	· · · · ·	
M	· · · · ·	

Comunicação

Código Daltónicos

Comunicação

Artística

Comunicação

SEQUÊNCIA	EXPLICAÇÃO
1. "QUANDO VOCÊ.."	Inicie uma declaração: "Quando você"...que descreve o comportamento sem julgamento;
2. "SINTO..."	Conte como o comportamento do outro lhe afeta. Assuma a responsabilidade pelos seus sentimentos
3. "PORQUE EU..."	Explique porque você é afetado daquela forma - O que causa aquele comportamento.
4. "GOSTARIA.."	Descreva a mudança que deseja que o outro considere.
5. "PORQUE..."	Porque você acha que essa mudança amenizará o problema e quais os ganhos para ambos.
6. "O QUE VOCE ACHA?"	Ouç a resposta do outro. Esteja preparado para ouvir opções e chegar a um acordo.

Anexo nº 15 Carta

Tornar a Vida Eficiente numa Família Diferente

Tornar a Vida Eficiente numa Família Diferente

O nosso segundo filho, Pedro Miguel nasceu a 3 de Agosto de 1988, com 30 semanas de gestação, de parto eutócico, com 1400 g, com um índice de APGAR 9/10. Foi ventilado durante 9 dias, desde o 3.º dia após o nascimento, por bradicárdia e apneia, tendo sido submetido a uma transfusão sanguínea ao 3.º dia, por hiperbilirrubinémia. Foi-lhe detectada de seguida uma sepsis por enterobacter, de que veio a recuperar 14 dias depois. Teve alta do hospital com 1 mês e 9 dias, com 1820 g.

Aos 2 meses de idade fez uma ecografia que acusou a existência de extensas lesões de leucomalácia periventricular, particularmente no lado esquerdo dos lobos cerebrais.

Agora com dois filhos, em que um necessitaria sempre de tratamento diferente do tradicional, apercebemo-nos que a nossa família tinha que rumar para um caminho de amor



reforçado. Foram feitas, em primeiro lugar, opções profissionais, que permitissem preencher os objectivos traçados: proporcionar bem-estar e, simultaneamente, muito carinho. Assim, embora tivessem surgido ofertas profissionais muito gratificantes do ponto de vista, quer da realização profissional individual, quer da material, o pai decidiu assegurar duas profissões e a mãe optou por escolher a carreira de docente do ensino básico, uma vez que lhe permitia trabalhar uma boa parte do dia a partir de casa, assegurando a atenção e cuidado constantes. Em paralelo, surgiu a necessidade de dispor de uma casa, que pudesse proporcionar a mobilidade necessária, bem como as instalações sanitárias adequadas para que toda a família se sentisse confortável.

De início, em que as questões de saúde não eram as melhores (problemas respiratórios, digestivos, alergias, entre outros), contámos com a ajuda fantástica dos avós maternos. Com o nascimento de mais uma filha, a alegria foi cada vez maior. E, para este nosso filho especial, tal facto soltou-lhe a língua e, aos quatro anos de idade, começou a falar desenfreadamente.

Como sempre gostámos imenso de passeatas e de convívio com amigos, desde muito cedo, todos (sem excepção) se habituaram a integrar todos os programas com o fantástico grupo de amigos que sempre se disponibilizaram para ajudar em todas as tarefas (mais ou menos difíceis) que iam surgindo.

Nem sempre tem sido fácil, pois circular com uma cadeira de rodas não é uma prioridade para quem constrói, pelo que, transpor as barreiras das escadas, dos passeios não rebaixados, das larguras das portas, é feito à custa da força física e de muita capacidade de improviso, por parte de quem lida com pessoas que têm mobilidade reduzida. Acrescem, como é óbvio, algumas dificuldades, também de ordem emocional, pois a revolta surge por vezes, fruto desta tentativa de o “tornar” igual, quando ele se apercebe de que não o é, quando não quer ser dependente e não lhe resta alternativa, para a satisfação das suas necessidades essenciais. Além disso, para ter a vida facilitada, há que contar que as ajudas técnicas são todas bastante caras, se tivermos em conta que elas são todas diferentes, tendo em conta a especificidade de cada um.

Mas fazendo um balanço final, podemos concluir que um filho deficiente é apenas mais um filho que traz algumas dores de cabeça (como qualquer um), mas que traz enormes alegrias e benefícios para a família, pois ele é factor de coesão constante, faz muita companhia, sempre procurando manter a alegria. E, acima de tudo, é uma grande lição de vida para todos aqueles com quem convive, pois ele aproveita o que de melhor ela tem para dar: a amizade e a entrega aos outros. Por isso, com ele, aprendemos a viver um dia de cada vez e a pensar no dia seguinte, com optimismo.



Anexo nº 16 Dimensão Sexual

Dimensão Sexual

SEXUALIDADE

Afecta todas as dimensões

SEXUALIDADE

QUE É

- Ser homem ou ser mulher.

Vivência pessoal de identificar-se como homem ou como mulher.

POSSIBILIDADES DA

SEXUALIDADE

POSSIBILIDADE

De experimentar sentimentos, emoções, paixões, como homem ou como mulher...

POSSIBILIDADE

De sentir expressar e viver o amor



TIPOS DE AMOR

De pais a filhos
Amor paterno-materno

De filhos a pais
Amor filial

Entre irmãos
Amor fraterno

Entre amigos
Amor de amizade

Entre homem e mulher
Amor de casal

Amor é procurar o bem do outro em todas as suas dimensões

AMOR

- Acto de vontade que nos move em busca do bem ou da realidade amada, ou a sua posse, ou a identificação com ela.
- Quando partilhamos livremente a nossa intimidade e recebemos o reconhecimento, sentimo-nos realizados.
- Quanto mais intimidade entregamos, nas 5 dimensões, maior possibilidade de realização se consegue.

A sexualidade NÃO é:
Um aspecto, nem uma parte, nem um impulso, nem só um instinto. Integra a pessoa humana no seu todo.

A sexualidade, é SIM,
um elemento básico da personalidade: um modo próprio de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, expressar e viver o amor humano.

A sexualidade afeta todas as relações com o outro, a sexualidade tem que ser vivida ao serviço do amor

Anexo nº 17 Solidariedade, Amor ao Próximo, é Tudo

<http://www.youtube.com/watch?v=GGqAACS5Gws>





Anexo nº 18 Sara Tavares – Eu Sei

Se eu voar sem saber onde vou
se eu andar sem conhecer quem sou
se eu falar e a voz soar com a amanhã
eu sei...

(chorus)

se eu beber dessa luz que apaga
a noite em mim
e se um dia eu disser
que já não quero estar aqui
só Deus sabe o que virá
só Deus sabe o que será
não há outro que conhece
tudo o que acontece em mim

se a tristeza é mais profunda que a dor
se este dia já não tem sabor
e no pensar que tudo isto já pensei
eu sei...

(chorus)

se eu beber dessa luz que apaga
a noite em mim
e se um dia eu disser
que já não quero estar aqui
na incerteza de saber
o que fazer, o que querer
mesmo sem nunca pensar
que um dia o vá expressar
não há outro que conhece
tudo o que acontece em mim

Anexo nº 19 Sara Tavares – Eu Sei

<http://www.youtube.com/watch?v=PmqzJ0YExTM>





Anexo nº 20 Amor de Deus

<http://www.youtube.com/watch?v=e7bPZS8ZPIs>



Anexo nº 21 Dimensão Espiritual

Dimensão Espiritual

Espiritual

A Dimensão Espiritual completa as outras dimensões. É esta característica que distingue o ser humano dos outros animais. Consiste na capacidade de pensar, de amar, de tomar decisões livres e de agir sobre o mundo.

A capacidade de amar é um aspeto fundamental da vida.

A inteligência, arrastada pela sabedoria, conduz a pessoa a uma permanente procura do bem, no relacionamento com os outros e consigo própria.

Espiritual

Amar a pessoa é ver a face de Deus

Quando a pessoa está preparada e disposta Deus entra em ação

Espiritual

A pessoa que você considera ignorante e insignificante é alguém que veio de Deus, que ela possa aprender a felicidade a partir do amor.

Espiritual

Deus está sempre à tua porta, na pessoa dos teus irmãos de todo o mundo.



Anexo nº 22 Os Órgãos do Corpo

“Um dia os pés e as mãos acusaram o ventre dizendo:

- Nós andamos sempre em grande trabalho de cá para lá, e o ventre, ocioso, tudo nos come: nunca se farta nem contenta. Pois bem: não lhe demos de comer!

Assim fizeram. O ventre começou a ter fome, e disse às mãos e aos pés:

- Amigos, dai-me de comer: ajudai-me, porque eu morro de fome.

As mãos e os pés responderam:

-Se queres comer, trabalha como nós fazemos.

Nesta disputa estiveram por espaço de muitos dias, até que os pés começaram a enfraquecer, o mesmo sucedeu às mãos.

E os pés disseram:

- Não podemos andar!

E as mãos responderam:

- Não podemos trabalhar!

Reconhecendo já tarde o seu erro, as mãos pegaram em pão para levar à boca, mas a boca e todo o corpo eram já postos em tanta fraqueza, que os dentes nem sequer se puderam abrir:

Por causa daquela porfia morreu o corpo e com ele os pés e as mãos, que supunham poder sustentar-se sem ajuda de ninguém.”¹⁹⁹

¹⁹⁹ LIMA, C. Pires e Lima Américo pires, Leituras para o ensino Primário. Porto, Porto Editora, 36ª ed. 1965, pp. 11-12. Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada - UL 1 “A Pessoa Humana”